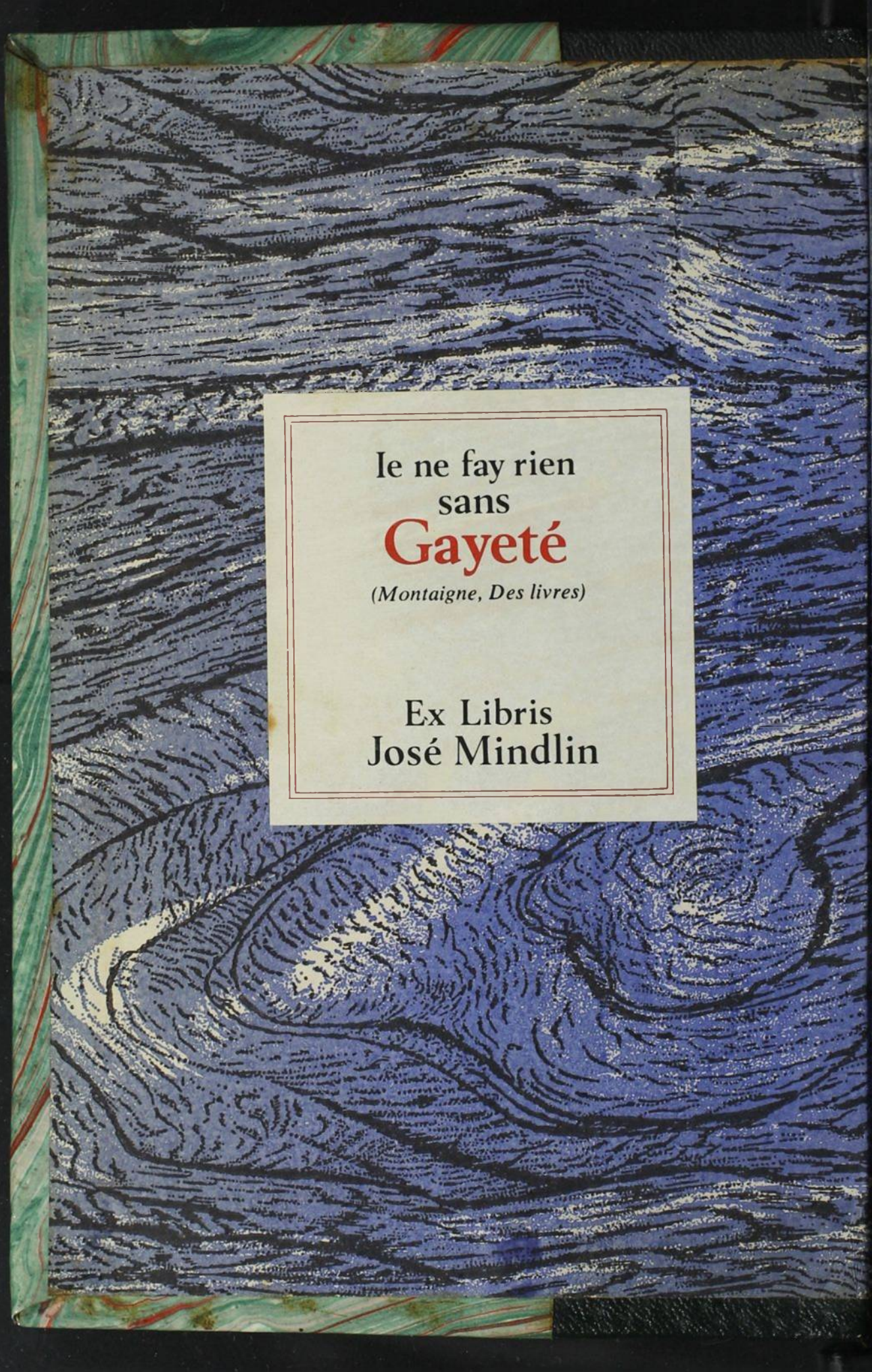
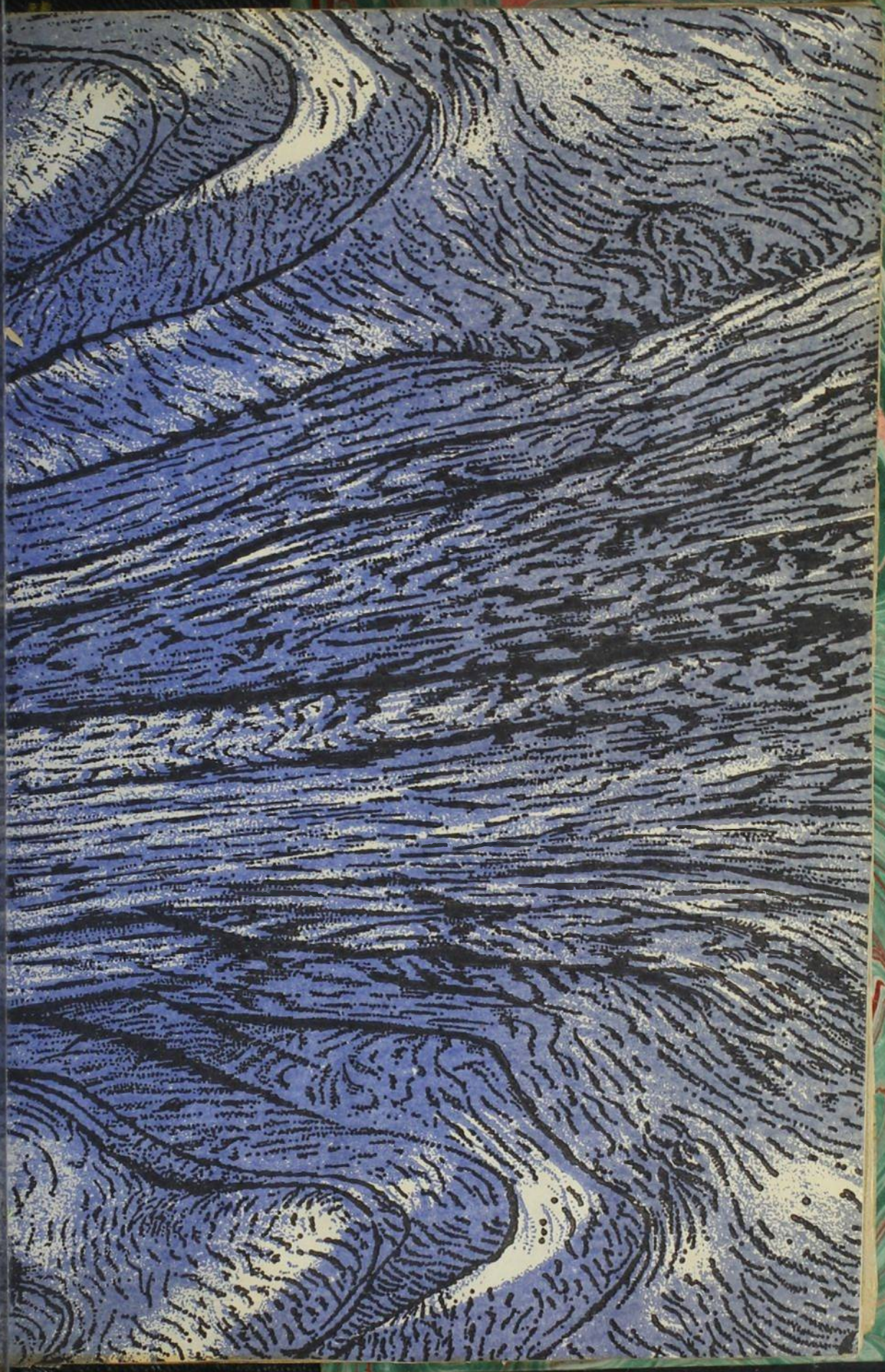

Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin



1.000

APONTAMENTOS HISTORICOS

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

XI.

APONTAMENTOS

HISTORICOS, TOPOGRAPHICOS E DESCRIPTIVOS

DA CIDADE

DE PARANAGUA.

POR

DEMETRIO ACACIO FERNANDES DA CRUZ.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO
Rua do Rosario n. 84.

1863.

I.

DESCOBERTA DO RRASIL, DITA DA CAPITANIA DE S. VICENTE, FUNDAÇÃO DA VILLA DE PARANAGUÁ.

Pedro Alvares Cabral, portuguez de illustre descendencia, foi por El-Rei D. Manoel escolhido para commandar uma frota de 13 velas, cujo fim era assegurar em favor de Portugal o commercio de especiaria das Indias.

Tomando todas as medidas preventivas para o bom exito de sua commissão, deixou elle em 9 de Março de 1500 o Tejo com rumo feito para Africa, de cujas costas, segundo recommendações, que recebera, amarando-se no intuito de obviar as suas pestiferas calmarias, ao cabo de 40 dias de uma navegação não interrompida, avistou para a parte de Leste, terra, que lhe pareceu desconhecida.

O monte Pascoal foi de feito visto por toda a guarnição da esquadra aos 22 dias precisos do mez de Abril.

No dia immediato foi a terra reconhecida, mas não explorada ; e porque Cabral receiasse expôr-se em uma costa desabrigada, tratou de procurar um surgidouro, onde pudesse fundear suas esquadra ; este porto elle foi encontra-lo 10 leguas mais para o Norte, e ficou conhecido pelo nome de Porto Seguro.

No dia 26 saltou Cabral em terra com uma parte de sua guarnição para assistir ao officio divino, reconhece-la e toma-la por parte da metropole.

Pelas informações colhidas ficaram convencidos de que era mais uma ilha das do archipelago oceanico ; e foi nesta presumpção que lhe deram o nome de Vera Cruz.

Esta inesperada descoberta tal açodamento lhe causou,que sem perda de tempo despachou em uma caravela Gaspar de Lemos para levar a El-Rei tão venturosa noticia.

E porque tivesse no dia 2 de Maio de seguir para as Indias a cumprir sua missão, e os interpretes, que trazia, não fallavam a lingua indigena, teve por conveniente deixar entre os naturaes dous dos degradados que levava para a estudarem.

El-Rei D. Manoel de caracter emprehendedor e muito mais sabio do que comportavam as luzes no seu tempo, tomando na mais subida consideração

tão assignalada descoberta, concebeu o arrojado projecto de mandar explorar esta sua nova possessão mais larga e detalhamente.

Dando ordens conducentes a semelhante fim, determinou que tres caravelas estivessem sobre os ferros para seguirem o caminho, que lhes destinava; e nomeou para seu commandente ao capitão Gonçalo Coelho, o qual, tão ufano quanto pressuroso, deixou as placidas aguas do Tejo aos 15 dias do mez de Maio de 1501.

Cabral, então já de volta de sua viagem das Indias, caminho feito para Lisboa, encontrou a flotilha do commando de Coelho, em Berenegue, donde se fizera na volta do vento com prôa para o Brasil, logrando aos 16 dias de Agosto chegar a altura do cabo de S. Roque, donde seguio para a exploração da costa do Sul, conseguindo chegar a Cananéa, onde deixou um bacharel degradado, cujo verdadeiro nome ainda hoje é objecto de duvida.

Em o anno de 1503 partio de Lisboa com destino identico uma esquadrilha, cujos navios se dispersaram ou perderam.

Seria de algum destes navios naufragados ou de duas das caravelas da esquadra de Pinzon e Solis, que tiveram fim analogo nas praias da Juréa em 1508 que se salvaram os portuguezes, Duarte Reis

Francisco Chaves e seis castelhanos, que 30 annos depois foram encontrados pela esquadra de Martim Affonso na ilha da Cananéa, onde residiam na mais perfeita alliança e concordia com a poderosa tribu dos Carijós ? E' o que a historia nos não diz claramente.

El-Rei D. João III, vendo baldadas todas as tentativas, que fizera perante o governo francez para conter as hostilidades dos corsarios daquella nação, tendo além disto recebido participação do seu embaixador, que se preparavam 10 navios fortes para o corso, deixando a lethargia em que jazera durante as negociações, tomou a offensiva, expedindo para cruzar naquellas suas possessões uma esquadra composta de uma náo e cinco caravelas ao mando de Christovão Jacques, fidalgo de sua real casa.

Christovão Jacques,mais feliz do que alguns dos seus predecessores,conseguio sem grandes contrariedades fundear á ilha de Itamaracá, onde deu principio á fundação de uma feitoria. D'ahi, seguindo o rumo de Sul, foi ter ao Rio da Prata, não sem ter sondado todas as barras, rios, recifes e cachopos, que encontrou, precisando nas cartas suas longitudes e latitudes, plantando marcos ou padrões á medida que reconhecia-as e dellas se apossava por parte da corôa portugueza.

Para attestar a incansabilidade de seus esforços,

legou-nos esse illustre fidalgo cinco marcos de pedra, que ainda hoje se encontram : o primeiro na enseada dos marcos, entre as bahias Formoza e da Traição ; o segundo na entrada da bahia de Todos os Santos : o terceiro na barra da Cananéa; o quarto na ilha de Maldonado; e o quinto na ponta mais meridional da bahia de S. Matheus.

Com fim identico apromptou-se com rapidez uma esquadra composta de duas náos, um galleão e duas caravelas, cujo commando se deu a Martim Affonso, o qual, munido de poderes discricionarios na parte concernente á administração e governo, tinha ordem para crear uma colonia forte, de marcar as terras conhecidas, dar sesmarias, etc, etc.

Sahindo barra fóra depois de uma viagem prospera, montou o Cabo de S. Agostinho aos 31 dias do mez de Janeiro de 1531, aportando pouco depois á Itamaracá, onde capturou 3 náos francezas, uma das quaes unio á sua esquadra, outra queimou por incapaz de navegação e a terceira, cujo commando conferio a João de Souza, expedio para a metropole a participar o occorrido a El-Rei e notificar-lhe o proposito, em que estava de levar suas explorações por toda a costa do Sul até mesmo ao Rio da Prata.

E pois de caminho, largando na bahia de

S. Salvador toda a gente devoluta, que trazia a seu bordo com o fim de engrossar o nucleo colonial, distribuio sementes diversas para exprimentar a uberdade do solo, e seguio sua derrota acompanhado sómente de seus soldados e marinheiros até o Rio de Joneiro, onde se demorou por algum tempo antes de singrar para fundear na parte interna da ilha denominada, ainda hoje, do Abrigo.

No decurso desta viagem descobrio elle muitos portos, ilhas, enseadas, cabos, cachopos e rios até então desconhecidos ; e por sua conta e em nome de El-Rei levantou varios padrões nos lugares, que julgou mais apropriados, para em todo o tempo obviar quaesquer pretenções da Hespanha.

Em quanto se entregava elle a estes cuidados, um navio portuguez, demandando as costas brasilicas para carregar madeira, ia naufragar na costa da capitania de S. Vicente, escapando apenas ao furor das vagas João Ramalho e Antonio Rodrigues, os quaes, unidos, deram principio á fundação de uma pequena feitoria na barra da Bertioga, aproveitando-se para esse mister dos destroços do navio naufragado.

Em o dia 1.º de Agosto de 1531, deixando o Rio de Janeiro e seguindo o rumo do Sul, Martim

Affonso, á frente de uma esquadra de duas náos e tres caravelas, proseguio em suas explorações.

Ao cabo de 12 dias de uma viagem feliz, aportou a Cananéa, mandando logo á terra o seu piloto interprete, Pedro Anez, communicar com as tribus, que habitavam esses lugares.

No dia 17 regressou elle para bordo, seguido de dous portuguezes, Francisco Chaves, um bacharel e seis castelhanos, ahi residentes desde 1501, época em que naufragaram.

Os dous portuguezes essencialmente praticos desses lugares e bem vistos dos indigenas, com quem viviam em familia, eram os mais idoneos para informar circumstanciadamente ácerca de suas riquezas.

E de feito, denunciando a Martim Affonso a existencia de jazigos auri-argentinos por aquelles contornos, tantas promessas seductoras fizeram, que no dia 1º de Setembro os fez Martim Affonso seguir para o sertão, acompanhados de um destacamento de 80 praças sob as ordens de Pedro Lobo, a quem incumbio de examinar a riqueza das minas, extenção e uberdade da terra.

Dez mezes gastou Pedro Lobo e seu sequito para desempenhar a commissão de que fôra encarregado, ao cabo dos quaes voltou com 400 escravos curvados ao peso do precioso metal. Ficava, pois,

por esta fórma, satisfeita a promessa dos dous naufragos.

O que, porém, não nos illucida a historia é sobre a qualidade dos 400 escravos, de que se servira Pedro Lobo para trazer ao porto do embarque todo o ouro colhido. E na verdade seriam elles africanos? Se o eram quem os possuia em tanta profusão? Quem os trouxe para o Brasil ainda tão pouco conhecido da propria metropole? Seriam indigenas para quem a sorte da guerra fôra adversa? Se o eram, de quantas pessoas se compunham as tribus ou tribu, que os subjugou? Que tribu era esta? Seria, finalmente, algum navio, que, partindo da Africa com escravos em direcção ás Indias, arrastado pelas correntes oceanicas e por ventura por algum desses temporaes tão communs nas influencias da linha, que foi naufragar á capitania de S. Vicente? E' o que não nos explica a historia.

Demorando-se Martim Affonso em Cananéa apenas 44 dias, durante os quaes expessos nevoeiros o impediram de ver o sol, suspendeu aos 23 dias do mez de Setembro de 1531 e singrou com rumo de Sul, indo em consequencia de alguns pampeiros naufragar aos 26 de Outubro na entrada do Rio da Prata, junto á foz do riacho Chuy. Este naufragio custou-lhe a vida de 7 pessoas, a perda de sua não e de um galeão.

O naufragio da náo capitania, onde estavam acondicionados todos os viveres, a má estação e os reparos de que urgiam os mais navios da esquadra, fizeram com que Martim Affonso convocasse um conselho de officiaes, em o qual se decidio, que visto o Rio da Prata ficar além da linha traçada pelo tratado de Tordesilas e ser irrealizavel a continuação das explorações em semelhante estação, que regressasse a esquadra, ficando para reconhecimento do rio um bergantim com 30 homens de tripolação, commandados por Pedro Lopes, ao qual assistiria o dever de assentar padrões e tomar posse em nome da corôa portugueza; esta commissão foi satisfactoriamente desempenhada por elle, que se collocou na altura da confiança depositada em seus merecimentos.

Entrando no porto de S. Vicente aos 22 dias do mez de Janeiro de 1532, diz Warnhagem... « *o bom abrigo que nelle encontrou para as náos, a excellencia das aguas, a abundancia do arvoredo, encantador principalmente aos que acabavam de viver nos arêntos plainos do Chuy, a amenidade do clima, por certo muito preferivel ao do vizinho porto da Cananéa, onde nunca se vira o sol durante 44 dias, e talvez mais que todas estas razões, a presença de um colono portuguez, João Ramalho, que alli contava 20 annos de residencia, e que na-*

turalmente aviado pelos Indios, appareceu dando-lhe razão da terra, e do como ella pelo interior era d campos e clima semelhantes aos de Coimbra, onde nascera, tudo concorreria a predispor o animo do capitão-mór em favor desta paragem para fundar nella, como fundou, a primeira colonia regular européa no Brasil. »

Pelo que vai reproduzido é evidente que Martim Affonso só em 1532, depois que regressou do seu naufragio do Rio da Prata, é que erigio a feitoria de S. Vicente em villa, fazendo para ella convergir toda a gente disponivel da esquadra.

Esta villa teve a sua séde na latitude austral de 24° e 1' e 33° e 26' 20" de longitude, contados da ilha do Ferro ; fica pois a legua e meia de Santos e 13 de S. Paulo.

Não é nosso intuito acompanhar em todos os seus pormenores a historia da capitania de S. Vicente, reproduzi-la-hemos sómente nos pontos, que mais contacto tiverem com a de Paranaguá, cujos apontamentos nos encarregamos de dar áquelles, que se quizerem dar ao arduo trabalho de escrever sua historia completa.

João de Sousa, tendo entregado os officios de que fôra portador, foi por El-Rei posto á frente de duas caravelas, que largaram do Tejo aos 28 de Setembro de 1532, com destino a S. Vicente, onde

aportaram no fim dos primeiros mezes do anno seguinte, trazendo a resposta dos mesmos.

Por ella soube Martim Affonso que El-Rei, decidido a pôr termo á pirataria do commercio francez, havia resolvido subdividir toda a costa brasilica em capitanias de 50 leguas cada uma, e que em remuneração dos relevantes serviços prestados por elle e por seu irmão Pedro Lopes, lhe fazia doação de 150 leguas de costa para que as partilhasse com o dito seu irmão, deixando-lhe outrosim o alvitre da escolha entre as melhores, e de regressar para a côrte quando entendesse não ser de muita necessidade sua presença na capitania.

Martim Affonso, aproveitando-se da concessão, predispoz-se a passar a Portugal para melhor promôver os seus interesses; e com effeito pelos fins de Janeiro ou principios de Fevereiro de 1533 estava já sua armada prompta para fazer-se de vela, e te-lo-hia immediatamente feito se não lhe tivesse chegado a triste noticia da derrota e carnificina dos 80 portuguezes, que da Cananéa tinham por sua ordem partido para explorar aquelles sertões.

Não lhe sendo possivel desaggravar-se pessoalmente de tão feio insulto, por ter recebido a noticia delle na vespera de sua partida, commetteu a empreza aos capitães Pedro de Góes e Ruy Pinto, que á frente de uma força respeitavel partiram em demanda dos Carijós.

A extenção do Juquiriquiré até a barra de S. Vicente, e a de Paranaguá para o Sul até as immediações da Laguna, que prefaziam as cincoenta leguas da costa e que eram vulgarmente conhecidas pelo nome de terras de Santa Anna, pelas instrucções regias coube debaixo do nome de capitania de Santo Amaro a Pedro Lopes, irmão de Martim Affonso.

Pedro Lopes, logo depois da posse da sua capitania, teve de lutar encarniçadamente com os Pitaguaris, que lhe disputavam palmo a palmo o terreno; derrotando-os, porém, em um combate decisivo, obrigou-os a internarem-se pelos sertões, ficando-lhe então o tempo livre para a escolha do lugar e fundação da colonia.

Derrotados os Pitaguaris e fundada a colonia no lugar mais apropriado, seguio Pedro Lopes a reconhecer a parte de seus dominios, que ficavam para o lado do Sul, indo em consequencia de multiplos temporaes naufragar na fóz do Rio da Prata.

Herdeiro da capitania de S. Vicente por deixa que lhe fizera seu irmão, por sua morte passou ella para o dominio de D. Luiz Alvares de Castro e Sousa.

Pela carta régia de 1 de Setembro de 1534 fez D. João III doação a Pedro Lopes de Sousa, fidalgo de sua casa, em remuneração dos relevan-

tes serviços por elle prestados á corôa na Europa, na Africa, Asia e Oceania, de 80 leguas de terras marinhas no Brasil, cuja demarcação devia principiar 12 leguas ao Sul da da ilha Cananéa e ir terminar nas terras de Santa Anna, as quaes demoravam na altura de 28 ° e 1/3.

Esta immensidade de costa, que corresponde a nada menos que a distancia, que medeia de Paranaguá a Laguna de nossos dias, não tinha por diversas causas até então sido populadas.

As povoações da capitania de S. Vicente bastante desenvolvidas, já pelos colonos, que recebia da metropole, já pelo crescido numero de escravos, e já finalmente pelos *crioulos* descendentes da mistura das raças, achando-se acanhadas no estreito ambito da villa, tendiam diurnamente a marchar para o rumo de Sul: por esta fórma já tinha sido populada Cananéa emais para diante o foi Paranaguá, como opportunamente o demonstraremos.

Pelo decurso do anno de 1545 foi fundada por Braz Cubas, loco-tenente de Martim Affonso, a villa de Santos.

Deu lugar a esta fundação o ter sido a villa de S. Vicente invadida por um hespanhol de nome Mosqueira, combinado com o degradado portuguez bacharel Duarte Peres, que a saquearam e mais por um crescimento successivo das aguas

do rio, que entrou pela villa, destruindo seus melhores predios.

Braz Cubas, na qualidade de homem pratico e entendido, não desprezava os avisos da prudencia. Mostrando-se superior á catastrophe, e para obviar a reproducção de semelhante desgraça, julgou mais conveniente mudar a séde da villa para o outro lado da ilha, onde se encontrava um ancoradouro mais abrigado e profundo.

Estando revestido da autoridade suprema, como já dissemos, não hesitou perante os interesses particulares chocados ; emprehendeu, e para o bem-estar de todos mudou a séde da villa que então veio a ficar na latitude austral de 23°, 56' e 15" e a sua barra denominada da Estacada na de 24° e 6" e longitude de 33°, 40'.

Ao presente é uma das cidades mais florescentes e commerciantes da costa do Sul do Rio de Janeiro, e póde-se até mesmo sem receio de errar avançar que, á excepção da do Rio-Grande do Sul, é ella a primeira e mais importante.

Thomé de Souza, a quem foi conferido o mando supremo da grande expedição regeneradora, partindo de Lisboa no 1° de Fevereiro aportou á bahia de S. Salvador aos 29 de Março de 1549, trazendo em sua companhia, além de muitas pessoas de qualificação, os jesuitas Manoel da Nobrega, João de Aspilcueta e outros, 600 militares,

400 degradados e muitas familias para colonisação do estado, onde ia crear um governo forte para o qual deviam convergir os das de mais capitanias do Brasil.

O padre Nobrega, tempos depois, soccorrido pelo primaz de sua ordem, com uma profusa remessa de frades, que lhe pedira, entendeu que melhor serviria aos seus interesses e aos da corôa, disseminando-os pelas demais capitanias e sujeitando-os ao rigoroso dever da catechese dos indios.

Thomé de Sousa, informado ácerca do desgoverno que grassava em algumas das capitanias do Sul, determinou examinar pessoalmente até onde se estendia a verdade das informações, que lhe tinham dado, prevenir se consumasse a desorganisação colonial e acautelar os interesses da corôa.

Comtudo, apezar de muito boa ser a sua vontade, só pelos fins de 1552, conseguio ter promptas uma náo e duas caravelas, cujo commando conferio a Pedro de Góes, que a bordo de uma dellas seguio para executar sua inspecção.

Não sendo nosso proposito acompanha-lo em todos os pormenores de sua viagem, contentamo-nos com toma-la na parte que mais contacto tiver com o assumpto de nossas tentativas.

Na capitania de Martim Affonso, diz Warnhagem, *approvou o governador a fundação da villa de Santos, onde se achava já a alfandega, defron-*

te do melhor porto da ilha, e sem deixar de reconhecer que esta só com 3 leguas de extensão era pequena para duas villas ; não se atreveu a abolir a de S. Vicente por ser a primeira fundada no Brasil, e ter muito boas casas de pedra, uma honrada igreja e um collegio da companhia de Jesus, pouco antes estabelecido.

Tambem prevenio as duas povoações das assaltadas, que em suas canôas continuamente davam os gentios vizinhos pela barra da Bertioga, fundando uma villa e fazendo fortaleza, da qual mandou a planta a El-Rei.

Thomé de Souza, máo grado a muita insistencia por sua exoneração do governo geral do Brasil, só conseguio obtê-la pelo meiado de Julho de 1553, que foi quando teve por successor a D. Duarte da Costa, o qual, partindo de Lisboa pelos fins do anno anterior, trouxe nos diversos navios, de que se compunha sua esquarda, 18 jesuitas, entre os quaes José de Anchieta e Luiz da Gram, ex-reitor do collegio de Coimbra.

Nobrega, após o recebimento deste reforço, tratou de disseminar os seus confrades pelas diversas capitanias, como já dissemos, vindo felizmente para a capitania de S. Vicente frades animados de bons desejos e bem compenetrados das intenções do seu superior.

A desprotecção, que lhes deram as autoridades

da capitania os obrigou a uma retirada para as extremidades do estado, onde encantados pelas bellas planicies de Piratininga, ahi assentaram seus arraiaes com a intenção de crearem uma colonia.

Os indios Martim Affonso e Cavy-ubi, senhores daquelles lugares e fieis alliados dos portuguezes, a quem sempre fizeram bom agasalho desde a sua chegada a instancias de João Ramalho, que com elles vivia, ha muitos annos, seguindo o exemplo dos jesuitas, transferiram a residencia de suas tribus para as planicies de Piratininga.

O padre Paiva, aproveitando a vinda dos seus e o auxilio dos indios, deu principio á edificação de um collegio, o qual, apezar de todos os esforços, que empregou, só conseguio conclui-lo em 25 de Janeiro de 1554, que foi quando pela primeira vez celebrou o sacrificio da missa.

Este convento, por occasião de serem extinctas as ordens dos jesuitas de Portugal e suas dependencias, foi pelo governador declarado proprio nacional e tomado para sua residencia e dos presidentes. seus successores.

Retrocedendo um pouco, declaramos que os 5 jesuitas João Aspilcueta, Antonio Peres, Leonardo Nunes, Vicente Rodrigues e Diogo Jacomo, que vieram com Thomé de Sousa, com a sua retirada

do governo, reuniram-se aos de S. Paulo, onde fixaram sua residencia.

Como precedentemente levamos dito, a Thomé de Sousa succedeu D. Duarte da Costa, fidalgo de origem.

O seu governo tornou-se celebre pelas desordens, que travou com o bispo e uma parte do povo, que adoptou seu partido.

As guerras, que desta desunião sortiram, trouxeram as rixas, as intrigas e calumnias e foram como uma praga terrivel, que levou a desmoralisação á colonia e a insubordinação aos administrados.

A causa primordial desta desunião, que lavrava na capitania, então dividida em dous campos hostis, foi explorada e muito a proposito aproveitada pelos francezes, que em força foram estabelecer-se no Rio de Janeiro, nessa occasião inteiramente despopulado, e só frequentado por elles que traficavam com os indios e pelos indios, que principiaram a atacar impunemente as colonias e feitorias, ainda as melhores fortificadas.

Como consequencia destas intrigas foi chamado á côrte o bispo, o qual embarcou-se em uma náo seguido de alguns padres e familias, que desejavam regressar.

Arrojado pela rigidez de ventos contrarios aos baixos de D. Rodrigo, ahi naufragou, conseguin-

do escapar das ondas para cahir victima do barbaro canibalismo do gentio.

A este respeito, diz Nobrega—*alli acabaram clerigo e leigos, casados e solteiros, mulheres e meninos.*

O desembargador Mem de Sá, substituto de D. Duarte da Costa, ao facto da desorganisação, que lavrava em todas as capitanias do Sul, resolveu visita-las para dar providencias que entendesse necessarias para a boa administração da justiça e desassombra-la dos insultos diurnos dos gentios.

Dando as ordens precisas para conseguir este grande desideratum, despachou o padre Nobrega para S. Vicente, portador da ordem para reunir os indios alliados e mais colonos capazes de pegar em armas, os quaes, embarcados nas canôas de guerra deviam ir espera-lo á entrada da barra do Rio de Janeiro.

Derrotados os francezes na ausencia de Villeganhon, seguio Mem de Sá para a capitania de S. Vicente, onde ordenou que a villa de Piratininga fosse de vez mudada para o alto do morro da igreja de S. Paulo por ser lugar mais defensivel.

Não havendo segurança individual na estrada do Caniço pela invasão, que nella tinham feito os indios antropophagos, prohibio elle expressamen-

te que por ella transitassem os colonos, mandando para resarci-los desta perda proceder a abertura da estrada geral do Cubatão.

A metropole, não podendo por mais tempo transigir com os reiterados pedidos de Mem de Sá, resolveu mandar uma esquadra com bastantes familias para creação de uma nova colonia na bahia do Rio de Janeiro, desamparada desde a derrota dos francezes, que reforçados vieram de novo fortificar-se auxiliados pelos seus alliados, os indios, com os quaes viviam na mais cordial intelligencia.

Não sendo bastantes os soccorros da metropole, resolveu busca-los nas capitanias. Estacio de Sá que commandava em chefe dirigindo-se á capitania de S. Vicente pedio pela segunda vez soccorro, que lhe foi outorgado com a melhor vontade já em colonos e indios aguerridos, já em pirogas de guerra, como tambem em provisões de toda a especie.

Com todos os elementos combinados conseguio elle a definitiva expulsão dos francezes e o completo abatimento dos indios seus comparsas.

Chamado instantemente a bahia de S.Salvador para conter os Aimorés, que pela segunda vez talavam as habitações portuguezas e seus campos, ora com o ferro, ora com o fogo, teve de retirar-se da capitania de S. Vicente, não sem ter delegado

em Nobrega e Anchieta os cuidados de promover o desenvolvimento da colonia de Piratininga.

Os habitadores da capitania de S. Vicente, que se foram estabelecer em Cananéa, conjunctamente com os primitivos povoadores, descendentes dos portuguezes alli naufragados em 1501, achando-se fortes em numero, porém fracos em riquezas, animaram-se como excellentes pescadores, que eram, a embarcar em grandes canôas, sahirem barra fóra e affrontarem as vagas oceanicas.

Costeando as praias de Ararapirá e Superaguy, depois de algum trabalho, conseguiram alfim varar pela barra de Paranaguá, em frente de cujo bello panorama pararam extasiados.

Admirados de se verem cercados de tantas cabanas de Carijós, receiosos de que elles lhes fizessem alguma traição, endireitaram para a parte da ilha da Cutinga, que fica ao lado do varadouro ou furado que a divide da ilha Rasa.

Julgando-se seguros ahi, principiaram a construir suas cabanas, presumindo talvez que por estarem cercados de mar por todos os lados, mais facil lhes seria a defesa em caso de aggressão e mais lisongeira a esperança de lograrem escapar a alguma emboscada premeditada.

Mas, ou porque tivessem trazido comsigo alguns indios domesticados para lhes servirem de interpre-

tes ou negociadores, ou porquo com dadivas conseguissem captar-lhes a amizade, o que é verdade é que unidos fraternalmente encorajaram-se os colonos a trocarem a posição estrategica da Cutinga pelas terras do continente, que são baixas e pouco defensiveis.

As cabanas, que tinham sido principiadas na ilha, foram abandonadas para logo, porque os colonos passaram-se definitivamente para a terra firme, e procuraram para estabelecimentos de seus arraiaes a costeira do lado direito da bahia, conhecida em os nossos dias pelo nome vulgar de *costeira da barra do Sul.*

Pelas explorações, a que se deram no continente, passados os primeiros tempos de seu estabelecimento, ascendendo pelos rios dos Almeidas, Corrêas e Guaragussu, lograram descobrir abundantes minas de ouro, que ficaram pelo correr dos tempos conhecidas pelo nome de *Minas de Paranaguá.*

Esta denominação generica chegou a abranger a todas aquellas minas, que posteriormente foram descobertas, nos contornos, inclusive as que por conta do erario real foram exploradas em o anno de 1578.

As minas do Assumguy, Serra Negra, Thagassaba, Faisqueira, Pintos, Guarumby e Cubatão estão neste caso, porque sendo descobertas muitos

annos depois, nem por isto deixaram de ficar comprehendidas naquella denominação.

A villa de Nossa Senhora da Conceição de Itanhanhem, que ficava na latidude austral de 24° 10', e longitude de 331° 20' e por conseguinte distante de S. Paulo 22 leguas portuguezas, foi fundada em 1561 pelos esforços do capitão Francisco de Moraes, loco-tenente do donatario da capitania de S. Paulo.

Em 1562 teve S. Paulo o foral de villa; em 1712 foi elevada á categoria de cidade, e em 1746 á proeminencia de bispado. Hoje é a capital da provincia deste nome e fica na latitude austral de 23° 23', e 30'' e 331° 25' de longitude.

S. Paulo, logo depois de obter o foral de villa, teve de lutar energicamente para repellir os indios rebellados, os quaes com seu chefe Jagonhagan sobrinho de Tibiriçá, á frente investiram a villa e te-la-hiam levado de escalada se elle não fosse morto ao arrombar as portas da igreja.

Esmorecidos com esse revéz, com o qual não contavam, foram repellidos pelos portuguezes, que os destroçaram completamente.

Successos identicos se deram nas outras capitanias. Os Tamoios de Nitherohy, confederando-se com os Tupinambás e Amoirés e outras tribus limitrophes menores, intentaram uma rebel-

lião geral, cujo fim era expulsar do sólo patrio todos os portuguezes.

Armando uma respeitavel esquadra de trezentas pirogas de guerra,perfeitamente bem tripoladas, puzeram-se a caminho os caciques Coaquira Ambiré por parte dos Tamoios, Pindobuza e Parapanuza por parte dos Tupinambás e Aimorés e foram ter a Ipiroyg; que era o posto designado para reunião geral. Ahi, em occasião opportuna, que aguardariam com a paciencia e boa vontade de quem quer, cahiriam de chofre sobre S. Vicente e em seguida sobre todas as demais povoações maritimas da costa do Sul.

Os padres Nobrega e Anchieta, ao corrente destas tristes noticias,embarcaram-se em companhia do chefe indio alliado, Cunhambebe, e foram ter ao campo inimigo, com cujos chefes conferenciaram e puderam obter que se dispersassem depois de ajustarem uma paz geral.

uissAque, á inaudita coragem destes dous sacerdotes, á sua eloquencia e desapego á vida, deveram os colonos portuguezes sua salvação e tranquillidade.

No anno de 1569, embarcaram em Lisboa com destino ao Brasil 69 religiosos em differentes vazos, de que se compunha a esquadra expedicionaria ; destes apenas um chegou ao Brasil,

os outros ou naufragaram em consequencia de repetidos temporaes ou foram aprisionados pelo corsario normando, Jacques Loré, que havia jurado a perda e exterminio de quantos christãos lhe cahisse nas mãos.

Emquanto esta scena de luto se passava entre a abobada celeste e as vagas do oceano, os jesuitas de Piratininga não descansavam, antes pelo contrario proseguiam com todo o fervor na sua obra de conversão, e tinham nessa occasião voltadas suas batarias contra o campo ou arraial dos Guaranis.

Passando em resenha o anno de 1571 encontramos apenas dous factos memoraveis : um é o da morte aos 53 annos de idade do jesuita Manoel da Nobrega ; o outro é o do fallecimento do governador do Rio de Janeiro, Mem de Sá.

Com a perda destes dous varões illustres perdeu o Brasil um talento administrativo superior, um zelador incansavel da prosperidade da patria, e o mais eloquente e persuasivo dos prégadores sacros.

Se os serviços do primeiro foram de subida importancia, os do segundo com o symbolo de Deos em uma mão e a inspiração nos labios, prégando aos indios, adoçando-lhes os costumes rudes e

trazendo-os ao regaço da paz social, não o foram menos.

Salvador Corrêa de Sá, o velho, nomeado pela segunda vez governador do Rio de Janeiro pelo decurso do mez de Janeiro de 1578, com a posse do seu lugar accumulou o de superintendente das minas, pouco antes de sua nomeação descobertas na capitania do Espirito-Santo ao Norte e das de Paranaguá ao Sul.

Em consequência dos regimentos, que lhe foram dados por El-Rei em Valhadolic em 15 de Agosto de 1603 e 4 de Novembro de 1613, creou os lugares de guarda-mór, cujas attribuições versavam sobre o emprego de toda a vigilancia para que os metaes preciosos não fossem distrahidos pelos mineiros.

E' para presumir que a esse tempo ja muito se trabalhasse nas minas de Paranaguá, porque a primeira amostra de ouro, que das costas brasilicas foi remetida a El-Rei D. Henrique, foi extrahida dellas.

E como nenhuma havia conhecida, que se não trabalhasse por conta do estado,é para suppor que essa amostra fosse remettida para Portugal pelo seu primeiro administrador,por quanto era um dos maiores cuidados do governo prover logo esses lugares afim de previnir os extravios.

Esses administradores tinham sob suas ordens uma companhia de indios, pagos pelo erario publico, os quaes não só se prestavam para a mineração, mas ainda para as descobertas de novas lavras logo que as primeiras estavam esgotadas ou extinctas.

Ao tempo do governo inquisitorial de Felippe II, de Castella, foi o governo geral do Brasil dividido em duas partes bem distinctas.

A primeira, cuja séde assentava na Bahia, abrangia todo o norte do imperio de nossos dias; a segunda circumscrevia-se ás tres capitanias, do Espirito-Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente.

Para esta divisão nomeou elle em 1591 capitão-general a D. Francisco de Souza, a quem conferio a mesma jurisdicção e alçada, que ao da Bahia e mais a superintendencia e descoberta das minas de ouro e prata.

Em 1597, isto é, 56 annos depois da infeliz expedição de Martim Affonso de Souza, foi fundada a villa de Cananéa pelo capitão Tristão de Oliveira Lobo, cuja sepultura ainda se encontra na sua igreja matriz.

Chegando a noticia da bulla promulgada por Paulo III em beneficio dos jesuitas, a quem conferia todo o direito e dominio sobre os indios, levantaram-se os paulistas em massa e os expul-

saram, sendo até preciso que Salvador Corrêa, que então governava as capitanias do Sul, pactuasse com elles, logrando congraça-los de todo, pouco tempo depois do facto da acclamação de D. João IV, a qual teve lugar depois de feita em S. Vicente pela rejeição, que da soberania fez Amador Bueno, a quem o povo queria forçar a aceitar a corôa soberana.

Thomaz Cavendish, inglez de nobre estirpe, perém extremamente estravagante, consumindo o rico patrimonio, que herdara de seus maiores, fez-se, com audiencia de seu governo, corsario.

A' frente de uma esquadra de 5 velas deixou a Inglaterra a pretexto de exercer sua profissão no estreito de Magalhães ; chegando, porém, as aguas da capitania de S. Vicente, destacou o seu immediato, Carlos Cork, com dous dos melhores de seus navios para saquear a villa de Santos, que escolheu para theatro de seu vandalismo.

Cork, protegido pelo tempo, desembarcou repentinamente, sorprendeu parte dos habitantes, que estavam na igreja, cercou-a e propôz-lhes a compra de suas liberdades.

Tratando ao principio de sortir-se de mantimentos, deram-se em seguida ás bebidas alcoolicas, embriagaram-se, como era para presumir,

relaxaram os laços da disciplina e entregaram-se ao somno.

Os indigenas, aproveitando-se das trevas da noite e da embriaguez dos piratas, fugiram para o interior levando tudo quanto pudesse despertar-lhes a concupiscencia.

Quando Cavendish subio o rio, nem mesmo provisões encontrou mais para sua tropa; desesperado com esta inesperada ocurrencia, deitou fogo á villa e fez-se de vela com direcção ao cabo de Horn, donde retrogradou, separado por um violento temporal do resto de sua esquadra.

Exultando com o resultado de sua primeira tentativa, preparou-se para a segunda, mandando desembarcar 25 homens perto de Santos, na praia denominada da Barra.

Os habitantes, escarmentados com a primeira sorpreza, estavam mais vigilantes epreparados para a segunda; tanto que dos 25 homens desembracados só escaparam á de capitação, para serem obrigados a trazer para a villa as cabeças de seus companheiros, dous.

Desanimado Cavendish com a defesa dos paulistas foi tentar fortuna na capitania do Espirito-Santo, onde não foi melhor succedido; porque o seu governador, prevenido á tempo pelos correios expedidos de S. Vicente, emboscou uma força e deixou ue Roberto Morgan em duas chalupas se

approximasse da praia com os seus inglezes,sobre os quaes mandou fazer um fogo tão mortifero e certeiro que poucos foram os que lograram tornar á frota. A praia ficou juncada de cadaveres e a cadêa repleta de prisioneiros.

Pelo decurso do anno de 1597 entregou sua alma ao Creador na aldêa de Retitigba o veneravel jesuita José de Anchieta.

Os importantes serviços prestados á catechese dos indios por este varão illustre fizeram com que seu passamento fosse geralmente sentido por todos os portuguezes.

D. Francisco de Souza, por patente de 2 de Janeiro de 1608, teve ordem para passar á parte sul dos estados de seu governo, seguido de frei Vicente do Salvador em descoberta de minas de ouro e prata com a promessa de que se as realizasse seria elevado á categoria de marquez de Minas, com uma pensão annual de 30 mil cruzados.

De feito, emprehendendo a viagem conseguio a descoberta das minas de Jaraguape na villa de S. Paulo em terras, que foram do Conselheiro da fazenda Antonio José da Franca e Horta e mais as de Varasoiaba no districto de Sorocaba, em as que pertenceram á fabrica de ferro : ahi morreu elle depois de ter superado tantos trabalhos e fadigas sem ter conseguido o titulo de Marquez,

que constituia o alvo de todas as suas ambições.

A deficiencia de braços, que se sentia na colonia de S. Paulo e os revézes por que passarm os habitantes, que pleiteavam contra os indios, apoiados pelos jesuitas, que monopolisavam seus braços para os seus engenhos, deu lugar a uma resolução atrevida dos moradores, que se armaram e internaram-se para guerrearem, aprisionarem e capti arem os indios, que cahissem em suas mãos.

D'ahi nasceu a origem destas bandeiras, que tanto contribuiram para intimidar, afugentar e quasi extinguir as tribus de indios, que povoavam e povoam os nossos sertões para estas bandas.

S. M. El-Rei pelo alvará de 18 de Agosto de 1618 permittio que os habitantes da capitania de S. Vicente minerassem por sua conta, pagando á fazenda real o quinto do metal, que extrahissem, a titulo de compensação pela licença outorgada ; estabelecendo por um regulamento *ad hoc* regras invariaveis para a cobrança e fiscalisação.

Os paulistas levaram pelo decurso do mez de Setembro de 1628 a sua perseguição até as margens do Paraná, onde os indios se tinham agglo merado.

Não havendo leis, que não infringissem uo

autoridade, que os contivesse, D. Luiz de Cepeda quiz embargar-lhes os passos.

Tendo marchado para S. Paulo, e chegado ás margens do Parapanema, sabendo da superioridade de forças dos paulistas, retrocedeu.

Pelo decurso do anno de 1630 sahindo do Porto com destino ao Rio de Janeiro um bergantim portuguez, arrastado pelas correntes e mar foi dar á costa nas praias de Campos dos Goytacazes, cujos indigenas eram antropophagos e bravios.

Os indios domesticados, tendo noticia deste naufragio, partiram da aldêa de Cabo-Frio e da de Iriritiba para soccorre-los e arrecadar os volumes arrojados á praia. Chegando ao lugar do naufragio os indios *christianisados*, e não encontrando um unico portuguez, suspeitaram que os Goytacazes os tivessem assassinado e comido; formaram conselho e reunidos em um corpo compacto atacaram e os destruiram depois de alcançarem a mais completa victoria.

Não contente com o esforço que fizeram e com a victoria que alcançaram, internaram-se, acommetteram todas as aldêas, que encontraram e levaram a fio de espada homens, mulheres, crianças e velhos para se vingarem da affronta recebida nas pessoas dos naufragados, a quem os Goytacazes mal nenhum haviam feito; porque os portuguezes

assim que deram á costa, temerosos de serem acommettidos pelas hordas selvagens,salvaram-se nos escaleres; e depois de passarem por Cabo-Frio, Rio de Janeiro,Ilha Grande, S. Sebastião e as tres barras de Santos, foram entrar pela de S. João da Cananéa, o que muito maravilhou aos habitantes da villa, que de nada sabiam.

A villa de S. Sebastião, fundada em 1636, fica na latitude austral de 27°47' e 333° de longitude: dista pois de S. Paulo 30 leguas.

No anno seguinte Salvador Corrêa de Sá e Benevides fundou a villa de Ubatuba, estando em substituição do donatorio da capitania.

Fica, pois,esta villa na latitude austral de 23° 26 e 3" e longitude 330°. Está a distancia de 42 leguas de S. Paulo.

Tendo-lhe sido conferida a superintendencia das minas da capitania deliberou visitar as do Sul, que eram as de Iguape,Cananéa e villas de serra acima para o fim de pôr-se ao facto de todas as suas necessidades.

A este tempo El-Rei D. João IV, pelo seu alvará de 6 de Setembro de 1641, encarregou-o outrosim da superintendencia das minas salinas, mandando que elle observasse as provisões de 2 de Janeiro, 28 de Março e 15 de Maio de 1608 e a de 7 de Janeiro de 1609, todas com referencia a ellas.

Achando-se nesse interim a costa maritima de Santos a Paranaguá populada, tendo além disto esta população crescido com a emigração dos povos da Cananéa, S. Vicente e mesmo pelas alliançcas contrahidas no espaço de 90 annos com as tribus Carijós, tornava-se gravoso para estes povos decidirem de seus pleitos judiciarios em a villa da Cananéa.

Depois de maduramente reflectirem no assumpto, decidiram requerer sua emancipação e a permissão de constituirem-se em villa independente.

Deferida a pretenção, teve lugar a inauguração do pelourinho, em Paranaguá, em 6 de Janeiro de 1646, por ordem de Duarte Corrêa Vasqueanes e em nome de S. M. D. João IV.

Tendo no dia 9 de Março de 1718, de volta de Valparaizo para a Hespanha, arribado ao porto de Paranaguá um galeão hespanhol para refazer-se de aguada e mantimento, foi de perto perseguido por um pirata francez, que cruzava nas costas sul, sem duvida com o fim de tomar-lhe o rico carregamento de prata em barras, que levava.

Entrando pela barra pelo lado da grande bahia foi dar fundo pela parte de fóra da ilha da Cutinga.

O galeão, que estava fundeado no porto da mesma ilha, porém do lado de dentro, apercebeu-

do-se das malevolas intenções do pirata, suspendeu á toda a pressa e foi refugiar-se no outro porto denominado de Nossa Senhora das Neves.

O pirata quiz dar-lhe caça; porém, ou porque o vento não désse lugar á manobra, ou porque fosse perigoso manobrar com vento escasso e correntes fortes, o certo é que só pôde alcançar a ponta da ilha, onde fundeou.

O apparecimento do pirata francez tão perto da villa pôz tudo em alvoroto e deu lugar a suppor-se algum desembarque em seguida á tomada do galeão.

Achando-se a villa inteiramente indefesa, recorreram os habitantes á protecção de Nossa Senhora do Rosario; e, ou fosse acaso ou o dedo de Deos, o que é verdadeiro é que até então tendo estado o dia sereno e calmoso, principiou a formar no seu horisonte uma pequena trovoada, que, impellida pelos furacões de sudoeste, tomou proporções gigantescas taes, que nem tempo deu ao pirata de evitarem-a.

Impellido por desenfreado vento e correnteza da maré de vazante, garrou e foi bater sobre as pontas de uns cachopos, os quaes fazendo um rombo no costado do navio, o fizeram immediatamente submergir-se.

Por occasião das desintelligencias havidas entre

os gabinetes de Madrid e Lisboa ácerca da questão de limites em as suas respectivas possessões na America do Sul, deu-se o caso de rompimento de relações entre as duas côrtes.

A Hespanha, ordenando que em Cadiz se preparasse uma esquadra formidavel, confiou o seu commando a D. Pedro Cevallos, um dos seus mais distinctos generaes.

Partindo a esquadra com rumo ao Brasil no dia 2 de Fevereiro de 1772, aportou ás costas da ilha de Santa Catharina, e dispondo-se Cevallos para o combate, effectuou a tomada da mesma ilha sem ser preciso empregar outro meio além do desenvolvimento apparatoso de sua esquadra e gente de mar.

A guarnição da ilha e seus habitantes intimidados com o arreganho militar de Cevallos e com suas intimações, entregaram-a sem a menor resistencia, passando-se com tudo quanto puderam levar para o Continente ao tempo que o general hespanhol desembarcava a gente precisa para guarnecer a praça tomada.

Este acontecimento inesperado pôz em alarma toda a capitania de S. Paulo, cujo governador expedio á toda a pressa ordem para que se fortificassem todas as cidades e villas da marinha desde Iguape até S. Francisco para o fim de impedir

os planos de conquista de Cevallos, cujo intento era avançar para o Norte.

Por este motivo sahio Paranaguá da indolencia em que jazia ha tantos annos, e sem receio de errar póde-se affirmar que a energia desenvolvida superou a negligencia passada: da monotonia passou sem transicção ao ruido das armas, do socego á actividade, de toda aberta a uma praça de guerra.

Em torno da villa desde a ribanceira do Estaleiro até ao Campo Grande, seguindo sempre as margens do rio, levantaram-se intrincheiramentos de arvores grossas, entrelaçadas umas ás outras e cobertas de terra: estas trincheiras terminavam em dous portões pela parte exterior, os quaes davam sobre as bordas de um largo e profundo fosso.

Na ribanceira proxima ao barranco do Estaleiro, fronteiro com a Cutinga e á entrada do rio, levantou-se um fortim de pedra e cal, circumvallado de varios pannos de muralha, sobre cujas plataformas se assentaram 12 canhões e o mastro de bandeira. Hoje nem os alicerces deste fortim existem.

Fronteiro ao porto do Estaleiro cruzaram-se de um ao outro lado do Itibiré grossas amarras para impedir o ingresso ás embarcações inimigas, que tentassem subir.

No morro da fortaleza mandou-se montar mais

canhões; e na barra do Sul algumas roqueiras para dar o signal de rebate. Collocou-se outro canhão no Cubatão para fim analogo.

Para o desenvolvimento geral de todas essas fortificações gastou 2 annos toda a gente das ordenanças e tropas auxiliares, que estavam destacadas na cidade.

Creou-se um almoxarifado para a compra de mantimentos e fornecimento das tropas; esse almoxarifado tinha sua séde em Morretes, donde em pequenas canôas mandava diariamente os suprimentos necessarios, os quaes iam descarregar no collegio dos jesuitas, que servia de deposito geral.

II.

FUNDAÇÃO DA VILLA DE PARANAGUÁ E OUTRAS.

Teve lugar a fundação da villa de Nosssa Senhora do Rosario de Paranagua aos 29 de Julho de 1648 pelo foral á mesma concedido por El-Rei D. João IV.

Foi encarregado de sua creação o Dr. syndicante, Manoel Pereira Franco, então em correição em as villas ao sul da capitania de S. Vicente.

Procederam-se as primeiras eleições por provisão do dito doutor, em 26 de Dezembro do mesmo anno, prestando os eleitos, juizes ordinarios, officiaes da comarca e mais empregados o juramento do estylo.

O marquez de Cascaes nomeou por esta occasião para capitão-mór, seu louco-tenente e ouvidor, a Gabriel de Lara, que conjunctamente com Theodo-

ro de Ebanos Pereira, capitão das canôas de guerra foram os verdadeiros fundadores da villa, concedendo ao primeiro, como mais influente e poderoso, permissão para passar cartas de sesmarias, datas de terrenos etc.

Este Gabriel de Lara foi o primeiro que se lembrou de dar regulamento para a boa repartição dos lotes de terras mineraes e lavradias.

Convem notar que sendo o pelourinho inaugurado em 1640 por ordem do governador do Rio de Janeiro, Duarte Corrêa Vasqueanes, se passassem oito annos para proceder as eleições de juizes ordinarios e vereadores que só em 1649 principiaram a funccionar, não obstante ter tido lugar as eleições em 26 deDezembro de 1648, como se deduz do provimento do Dr. Raphael Pires Pardinho.

E' provavel que este interregno de cerca de 9 annos, que se nota, fosse devido a espera da confirmação do foral por El-Rei; por quanto estendendo-se a esphera da autoridade dos governadores somente á fundação de villas nos territorios da corôa, levantamento do pelourinho; esperava-se pois por esta confirmação para poder proceder á eleição e nomeação dos empregados.

A população de Paranaguá muito desenvolvida pela emigração dos moradores de Cananéa, Santos, S. Vicente e outros lugares maritimos e pelo

commercio, que alimentava com todas as povoações da costa, podia ser orçada, inclusive os indios domesticados, em 6,000 almas.

Sua primeira séde foi na ilha da Cutinga, donde a transferiram poucos annos depois para a margem esquerda do Itibiré.

E' provavel que originasse essa mudança o ser a Cutinga montanhosa, e á margem do rio estender-se uma grande planicie, cortada por alguns riachos, offerecendo alem disto o rio um fundeadouro muito abrigado e um asylo seguro contra os piratas, que frequentavam toda a costa.

A cidade dista da barra tres leguas, e tres quartos de legua da ponta mais saliente da ilha da Cutinga. Está pois a barra na latitude austral de 25° 31' 40" e na longitude de 326°, contados da ilha do Ferro.

No 1° de Fevereiro de 1654 verificou-se a divisão do municipio de Paranaguá, ficando o mesmo por esta fórma dividido de Cananéa, que lhe ficava a Nordeste pelo meio da praia, que fica entre as barras de Supraguy e do Ararapirá ; levantando-se porém depois as villas de Nossa Senhora da Graça do Rio de S. Francisco e Nossa Senhora da Luz de Curitiba, ficou esta divisão prejudicada.

Raphael Pires Pardinho por provimento de 19 concebeu a nova divisão pela seguinte fórma: divisoria com Cananéa pelo meio da praia da costa do

mar grosso entre asb arras de Superaguy e Ararapirá, correndo o rumo de Sudoeste para Nordeste, passando pelo meio do mencionado termo até o sertão; com o termo de Nossa Senhora da Graça pela barra da Guaratuba, sendo a balisa dos dous termos a mesma barra; de sorte que tudo quanto ficasse ao Norte da barra e rio acima pertenceria a Paranaguá, e o que ficasse pela parte do Sul pertenceria a S. Francisco; com Curitiba limitava-se no pico da serra de Pernampiacaba, de modo que o que ficasse áquem da serra era de Paranaguá.

Com a creação da villa de Guaratuba em 1771 ficou Paranaguá prejudicada pela segunda vez em seus limites, que recuaram muito pelo lado do Sul até entestar com o riacho denominado — Olho de Agua — e a ilha do Curral.

Em 1697 soffreu outro golpe com a creação da villa de Antonina, ficando por então este termo limitado por aquelle lado com Ponta Grossa, rumo Norte Sul em linha recta até a Ilha do Teixeira, do Rio das Pedras até o pico das Serras do Prata.

Ultimamente com a divisão do 2º districto de Guarecksava, que teve lugar em 1833, deram-lhe por limite ao Norte a linha divisoria com Cananéa, ao Sul com o proprio districto de Paranaguá pelo canal da Barra Grande, e d'ahi até a Ponta Calva.

Guaratuba em 1844 tinha mais de dous mil e

setecentos habitantes, divididos em seis quarteirões. Tem de frente pelo lado do mar seis leguas, indo os seus fundos terminar nas alturas das grandes serras.

Paranaguá terá de extenção na frente da costa umas doze leguas, a rumo de Sul até a ilha do Canal inclusive as tres barras de Superaguy, Grande e do Sul; para o centro seis até Guarecksava e outras seis no proprio districto da cidade até a sua linha divisoria com Antonina.

Em 15 de Agosto de 1654 requereu Diogo de Braga, procurador da camara, a factura de uma cadêa, ao que ella annuio, adiantando um quartel dos seus vencimentos.

Por provisão de 5 de Abril de 1655 foi nomeado para primeiro vigario de Paranaguá o Padre Dionysio de Mello Cabral, o qual, tendo acabado o seu tempo de serviço, foi pela camara de novo engajado sob as seguintes condições: que se lhe daria um ordenado de 60$ annuaes, 24 alqueires de farinha e um pescador.

Em 25 de Dezembro teve lugar a creação das ordenanças, sendo nomeado para seu capitão, João Velloso de Miranda.

Em 13 de Abril de 1658 teve principio a edificação de uma fonte publica: esta obra só em Agosto ficou concluida.

Teve lugar em 20 de Março de 1677 a arrema-

tação da obra da casa da camara e cadêa, que se concluio em Outubro.

Em 1686 desenvolveu-se uma epidemia, que ficou conhecida pelo nome de—bicha—seus symptomas caracteriscos eram calor tepido, pulso natural, delirios, febre intensa, acabando sempre o enfermo seus dias por vomitar sangue. O tratamento empregado era cozimento de erva de bicho, com o que se conseguia expellir uma grande quantidade de vermes de côr escura,mas não salvar-se sempre o doente.

A creação da casa da fundição teve lugar em 2 de Outubro de 1655. Entre o meiado de 1700 e principios de 1701 teve principio a edificação da igreja de Nossa Senhora das Mercês, hoje S. Benedicto.

A edificação do convento dos jesuitas teve lugar em 14 de Agosto de 1704; a da igreja do Senhor Bom Jesus dos Perdões em 1711, a de Nossa Senhora da Conceição de Cananéa em 27 de Dezembro de 1710.

III.

DESCRIPÇÃO TOPOGRAPHICA DAS MONTANHAS, SERRAS, COLINAS E OUTEIROS, COMPREHENDIDOS NA BACIA DA BAHIA DE PARANAGUÁ ATÉ A VILLA DE CANANÉA.

A bahia de Paranaguá é circumferenciada pelas altas montanhas, Pernampiacaba, que separam o centro da marinha. Esta cordilheira tem diversos nomes em certos e determinados lugares.

Aos seus mais altanosos picos, que servem de guia ao navegante, deram-lhes os nomes de Serra do Prata, do Guarumby, Mãi-Catira, Graciosa e Ariraia.

Todas estas serras são ramificações da grande cordilheira de Pernampiacaba.

Daquellas primeiras cordilheiras a natureza formou segunda ordem de montanhas, um pouco mais baixas, de configuração variada e que lhe serve como de base.

Desta base nascem diversas colinas e outeiros ligados uns aos outros, seguindo sempre a mesma direcção até terraplenar o terreno ; estes terraplenos mais estreitos ou mais amplos formam bellas varseas e excellentes planicies, que vão sensivelmente baixando até ás margens dos rios, que de colina em colina vão serpeando até desaguar na bahia.

A cordilheira do Prata é a primeira que se avista do mar em consequencia de estar collocada em posição muito avantajada ; fica tão proxima da barra do Sul, que lhe demora pelo lado direito da bahia, que por ahi encetaremos a descripção dellas.

As varseas existentes, medindo 5 leguas de comprimento, ficam comprehendidas entre a serra, o oceano e margem da bahia.

Da mesma serra principia a sequencia das grandes cordilheiras, que param nos rumos de Sul a Oeste, as quaes descrevem uma grande curvatura, que mede 12 leguas e vai ter a outra grande serra, chamada do Guarumby.

No espaço comprehendido entre uma e outra nascem para mais de 30 rios caudalosos e muitos outros inferiores, que vão desembocar na bahia.

Da serra do Guarumby a distancia de 3 1/2 leguas curva-se a cordilheira até tocar a da—Mai-Catira : a partir dahi vem descendo uma ramificação de montanhas menores, encadêadas umas ás

outras ; é nessa ramificação que nascem o Cubatão e outros rios menos volumosos, que lhe servem de tributarios.

Os municipios de Antonina e Morretes são geralmente montanhosos: o ultimo se compõe de duas ordens de colinas ou outeiros, no centro delles é que está a villa.

Estes morretes principiam no circulo exterior do campo fronteiro á mesma villa, a rumo de Leste para Nordeste, indo engrossar a cadêa dos denominados—Capituva, Canguiry, Boa-Vista, Páo-d'Oleo, do Bicho, Guapearussu, S. João e Frades.

O segundo circulo dos morretes interiores, que ficam collocados em torno da villa, origina-se da cordilheira da—Carreira—no ribeirão—Retiro—do Porto de Cima, segue pelo morro do Paço, e Itupava, onde volta para Sul pelos morros do Bom-Jardim , Boa-Vista , Fragozo , Brumudo e Cravinho até os morros grandes—Agudo, Sacuda, Páo-ôco e Serra Velha.

Seguindo della ao morro das Cruzes, do Mico, Inferno, Bacias, Ribeirão dos Padres, Palmitar-Grande, e Pequeno, Piranga, Santa Anna, Perdizes e os da barra da Conceição, vão terminar estas montanhas nas do Anhaia, ficando com ella descripto o circulo da villa dos Morretes.

Deste municipio descem outras grandes ramificações, oriundas da grande cordilheira da Graciosa

e Chapéo de Sol, caminho feito para a marinha pelas planicies e cabeceiras do rio S. João, dividindo-se neste ponto em deus ramos : um para a direita que preenche os terrenos, que ficam entre o Cubatão, Itapetenduba e S. João, desde Morretes até Barreiros ; outro para a esquerda, que enche o vacuo intermediario ás margens daquelle rio, continúa pela costeira até o isthmo dos Pinheiros circulando por esta fórma a cidade de Antonina e costeira do rio Cachoeira.

As grandes vasias, que occupam os intermedios da costeira do registro, bahia de Antonina até o Morro-Grande, na Cachoeira, ficam intalladas pela sequencia de altanosas colinas.

Na distancia de tres leguas, alinhamento tomado do pincarc das grandes serras da primeira ramificação, desce uma segunda série de montanhas compactas, por espaço de quatro leguas, em direcção á bahia de Antonina ; a esta cordilheira é que chamam—Morro-Grande—.

Deste ponto a rumo de Norte descreve a grande cordilheira uma curvatura de quatro leguas , findas as quaes nasce uma terceira ramificação, que se prolonga por tres leguas na direcção da bahia.

Esta ramificação, apenas interrompida, prolonga-se por mais tres leguas em fórma de triangulo agudo, terminando nas serras dos rios Itaqui,

Tagassaba, Borrachudo e Serra Negra, apresentando uma grande obra, que se prolonga ao Morro Grande até Ponta Grossa, em cujo espaço desaguam o rio Cachoeira e outros menores.

Entre a segunda e terceira ramificação, das que descem para a marinha, nascem todos os rios desde o de S. João até o Mundo-Novo; neste enorme circulo se acham os do Picão, Secco, Curitiba-aiba, Cacutu e Meio.

Do Morro-Grande partem outras ramificações de colinas, que circulam a bahia até Ponta Grossa debaixo do cognome de Feiticeiras e seguem pela costeira de Pessaguera, Ponta do Pasto e termina nos altos morros do Utinga, Bôa-Vista, Almas, Tremornó, que fecham a bahia das Larangeiras.

Pelo meio desta ramificação, que vai ter á Serra Negra da cordilheira geral, ha uma vastissima planicie, denominada da Janellinha.

As grandes montanhas das Cadèas e Serra Negra se estendem por espaço de seis leguas; nellas teem origem outra ramificação, que converge para a bahia de Guarecksava, medindo quatro leguas de comprimento, no termo das quaes divide-se ella em duas partes, apresentando a fórma de uma forquilha, sendo a primeira perna do comprimento uma legua e a segunda, que caminha na direcção de Noroeste, apresenta maior extenção.

No espaço comprehendido entre uma e outra

desaguam na bahia das Larangeiras, que fica a meio, os rios Borrachudo, Serra Negra, Tagassaba, Guarecksava e infinitos outros inferiores até chegar ao Varadouro.

Destas montanhas da Serra Negra continuam a rumo de Nordeste e Norte outras muitas ramificações, que circumdam as cabeceiras dos rios Varadouro, Itapitangui até a bahia de Ariraia, que fica no municipio de Cananêa, sendo difficultoso em demazia qualifica-las particularmente em consequencia de ser a conformação do terreno muitissimo montanhosa.

IV.

DESCRIPÇÃO HYDROGRAPHICA DAS BAHIAS DE PARANAGUÁ E DOS RIOS, QUE NELLAS DESAGUAM.

As tres barras de Paranaguá, que dão entrada para suas excellentes bahias,são formadas por duas ilhas de desigual grandeza, denominadas do Mel e das Peças.

A barra de Ibupetuba, vulgarmente conhecida pelo nome da barra do Sul, fica entre o pontal do Sul e a ilha do Mel.

A barra grande, fica entre a ponta septentrional da ilha do Mel e a meridional da ilha das Peças.

A barra de Superaguy está entre a ponta septentrional da ilha das Peças e a praia do Superaguy.

A barra grande está pois na latitude austral de 25° 31' 30" e na longitude de 329° e 36'. Tem 500 braças de largura na parte mais estreita e dous

canaes para sahida e entrada dos navios; um fica pelo lado do Norte e é menos frequentado, e outro pelo do Leste que é o trilhado por navios até a lotação de fragatas de linha.

Este canal tem na sua foz um banco de arêa, que fica quasi todo pelo lado do oceano e divide em outros dous, ficando um para Leste e outro para Sueste ; este com maior profundidade que aquelle; e se a uma legua ao mar da barra apenas se sondam tres e meia braças de fundo, encostando-se a terra encontra-se de quatro a oito.

O canal do Norte tem um ilhote chamado das Palmas, ligado a um parcel, que corre a rumo de Les-sueste cousa de uma legua.

Ao Sul das Palmas está a ilha do Mel, verificando-se haver no canal, que intermedeia as duas ilhas, nove braças, e mais para dentro, doze de fundo.

As outras duas barras não têm capacidade para dar ingresso a embarcações maiores de hiates, por isso que o seu fundo é de duas braças apenas.

A meia legua pouco mais ou menos da barra grande fica a do Sul,por onde já se tem dado o caso de entrarem brigues-barcas; comtudo sendo profunda é sua entrada perigosa em consequencia de duas pequenas ilhotas de pedra, que,estreitando o canal, muda-lhe o rumo, tornando-o curvo na direcção da ilha do Canal.

A duas leguas da barra Grande fica a de Superaguy, cujo canal é pouco profundo e irriçado de bancos de arêa; quando muito dá ingresso a grandes canôas de voga; porque estes bancos prolongam-se em zig-zag na distancia de legua pelo mar dentro. Tem-se dado, porém, que alguns patachos tocados pela borrasca o tem atravessado a salvamento.

A barra do Ararapira dista sete leguas ao Nordeste de Superaguay; sua entrada está tapada por um grande banco de arêa, sobre o qual arrebenta o mar com horrivel estrondo

A ilha das Peças, cujo nome demonstra que antigamente nella houve alguma fortificação pela parte, que fica do lado do canal da barra por onde entrou em 1718 um pirata francez, é muito povoada e cultivada; e não obstante seus moradores se entregarem á pesca e salga do peixe, que abunda naquellas paragens, vê-se muitos arrozaes, mandiocaes etc.

Tem de comprimento pelo lado do océano duas leguas e outro tanto de largura; é regada pelos riachos das Larangeiras, Guanandituba, Pescadas, Peças e outros inferiores.

A ilha do Mel é montanhosa pelo lado do oceano e baixa pelo lado de terra; mede duas leguas de comprimento sobre uma de largura. E' fertilissima para as plantações de mandiocas e varios legumes,

hoje sua cultura está morta em consequencia da enorme quantidade de formigas, que tudo destróe.

Nella correm os riachos Secco, Perique, Cedro, Hospital e outros menores : suas aguas são vermelhas e de pessimo gosto ; attribue-se geralmente este incidente ao desfolhamento dos mangues, que bordam as margens de todos elles.

Na falda de um morro, que fica na ponta septentrional e que está fronteiro ao canal, está edificada a fortaleza, que foi feita sob os auspicios do governador da capitania, o morgado de Matheus, D. Luiz Antonio de Souza Botelho e por direcção de seu ajudante de ordens e irmão, Affonso Botelho, que estava então em Paranaguá na qualidade de seu governador militar. Esta fortaleza é toda de cantaria, está em uma posição estrategica invejavel e tem uma excellente fonte de agua potavel dentro de seu recinto.

Do pontal da barra do Sul, cerca de 6 leguas pela costa do mar existe uma bellissima praia, que vai terminar no municipio de Guaratuba. Por toda a sua extenção vê-se muitas habitações, estabelecimentos de agricultura, de criação e de transportes maritimos e terrestres para conducção dos viandantes, que transitam por aquellas bandas.

Ficando por semelhante fórma sem a menor omissão descripto o painel exterior, que ao observador apresenta pelo lado do mar o districto de

Paranaguá, desde a barra da Guaratuba até a de Ararapira. Passaremos a fazer outro tanto pela parte interna com referencia ás suas bahias.

A bahia Grande mede de comprimento de Léste a Oeste de 6 1/2 a 7 leguas, e para melhor de 3 de largura; sua fórma é irregular e cheia de recantos.

A parte mais septentrional é a bahia dos Pinheiros, a mais central a das Larangeiras, e a mais occidental a de Antonina, formando uma só ao primeiro golpe de vista e tres a simples e descuidosa observação.

Neste grande golpho existem para mais de 30 ilhas e ilhotas; algumas contendo mais de duas leguas de comprimento, outras menores, porém todas revestidas de excellentes florestas.

Neste immenso e imperfeito circulo, que constitue a bahia de Paranaguá, desaguam mais de 80 rios grandes e alguns até caudalosos, pela maior parte navegaveis na distancia de 8 a 10 leguas.

Principiaremos pelo pontal do Sul e iremos seguindo até a cidade de Paranaguá. As margens desta costeira são cobertas de mangaes e levam o rumo de Oeste na extenção de 4 leguas; o terreno

é plano, em alguns lugares levemente accidentado.

Esta planicie medirá de 5 a 6 leguas de extenção ; nesta parte da costeira desaguam diversos rios, cujas origens estão na cordilheira do Prata. A estes rios chamam Perique-mirim, Penedo, Uva-mirim, Boquassu, Rio-Pequeno, Almeidas, Corrêas, Itibiré, que passa pela frente da cidade, Macieis, Tolentino, Gorguassú ; todos navegaveis em uma extenção de 5 leguas, com excepção do ultimo, que o é entre 10 e 12, bastante profundo e tortuoso, permittindo que bergantins e sumacas se approximem até o sopé da serra do Prata para carregar.

Fronteira a esta costeira da barra do Sul até a cidade, seguindo o rumo de Leste para Oeste ha apenas uma ilhota, chamada dos Papagaios e mais duas outras maiores—Rasa e Cutinga.

A ilha Rasa, como o inculca seu nome, é plana, baixa e mede legua e meia de comprimento : é pouco productiva, alagavel e charcosa.

A da Cutinga unida á Rasa e só della separada por um riacho, é montanhosa e fertil, produz tudo muito bem ; com especialidade a cana, o café, a mandioca, o algodão e dispõe, finalmente, de excellentes pastos. Nella aportaram, como já fica dito, os primeiros povoadores, vindos da Cananéa ; nella se fizeram os primeiros estabelecimentos

tem um ribeirão de magnifica agua, que desce do seu pico mais altanoso: as embarcações preferem-a para refazer seus tanques de aguada.

Esta ilha faz parte do terreno pertencente ao rocio da cidade: antigamente teve uma capella sob a invocação de Nossa Senhora das Mercês, a qual foi edificada em 1677 e demolida em 1699. Em uma de suas enseadas naufragou em 1718 um corsario francez e encalhou o vapor brasileiro *Salvador* em 1839. Possue um bom fundeadouro, conhecido pelo nome de—Porto de Nossa Senhora, o qual fica fronteiro á actual cidade. Mede duas leguas de comprimento sobre uma milha de largo.

Por entre estas ilhas e a costeira da barra do Sul ha um canal profundo e limpo por onde commummente sahem as embarcações, que entram pela barra Grande por ser a navegação facil, ter sempre vento a feição e não ter de superar os recifes da ilha da Cutinga.

Do rio Itibiré até o rio das Pedras, que serve de diviza ao municipio de Paranaguá segue a mesma costeira, acompanhando as tortuosidades da margem esquerda da bahia.

Sahindo do Itibiré por um pequeno canal chamado — Furado — que da Cutinga segue o rumo de Oeste até Antonina, principia a denominada costeira do Rocio; denomina-se assim por

pertencerem todos estes terrenos até o rio Embuguassú ao patrimonio da camara.

Nesta costeira, coberta da mangues. apparece uma capellinha da invocação de Nossa Senhora do Rosario do Rocio, onde todos os annos por occasião da festa ha uma grande concorrencia de cavalleiros; d'ahi a denominação de festa da cavallaria. Em frente desta capellinha tem a bahia mais de uma legua de largura e apresenta um painel pittoresco e aprasivel aos olhos.

Para diante da barra do Embuguassú e a grande distancia della, porém na mesma costeira, observam-se os rios Bocahi, Ribeirão do Tabantiguera, do Foral e das Pedras, este serve de divisa ao municipio por este lado da bahia.

Fronteira a este espaço da costa e distante da ilha da Cutinga tres leguas, está a do Teixeira, que é outra divisa do municipio : neste espaço ha varias ilhas e ilhotas, que ennobrecem o painel, sendo as mais qualificadas as do Jerêrê, do Lamin, do Guararema e Teixeiras, que é a maior, sendo todas de uma fertilidade prodigiosa. As plantações mais notaveis consistem na cana, milho, mandioca, feijão e uvas.

Do rio das Pedras continúa a descripção circular da costeira da bahia até a foz do Cubatão que pertencem ao districto de Antonina, desde a creação desta villa em 1797. Esta margem é como as ou-

tras coberta de mangues; contem grandes rios, que nascem da serra de Pernampiacaba, entre as do Prata e Guarumbi.

Para diante do rio das Pedras, rumo de Oes-sudoeste para Oeste correm os rios Jacarehy, Saquarema-ussu, Ilheos do Sagrado, Sambaque-guassu, Guanemdi e outros mais inferiores, que são tributarios destes, assim como elles o são do oceano.

O grande rio Cubatão tem suas nascentes proximas da serra da Mãi-Catira, nelle desaguam os rios Itupava, Itapetanduba pela margem esquerda e pela direita os rios Cary, Murumbi, Pinto e os ribeirões da Ponta Alta e dos Morretes.

A celebridade do Cubatão data de remota antiguidade por ser o caminho por onde desciam e descem ainda hoje do interior para a marinha todos os generos alimenticios.

Em 1721 estabeleceu-se um contrato de transportes para conducção de generos e pessoas, que foi arrematado por 48$000 na junta da real fazenda pelo capitão Francisco Rangel.

Pela margem esquerda do rio está a villa dos Morretes, cuja creação teve lugar em 5 de Julho de 1841 por autorisação da lei provincial n. 16 de 1 de Março, bastante importante por ser a séde do commercio da erva mate.

Occupar-nos-hemos agora com a descripção da

bahia do Cubatão, desde a foz deste rio até o de S. João, e dahi seguindo o curso do grande canal, que fórma a bahia pela margem opposta e rumo do Oeste, seguiremos toda a costeira até o isthmo dos Pinheiros, que fica fronteiro á ilha dos Teixeiras.

Logo adiante da foz do Cubatão, o rio de S. João (antigamente do Inferno) navegavel até pequena distancia, tem sua origem entre as serras da Mãi-Catira e Graciosa; nas suas margens vêm-se alguns estabelecimentos de agricultura, alguns engenhos de moer canna, grandes mandiocaes; na margem direita, porém, apenas se observa os vestigios de um antigo estaleiro, que pertenceu ao finado capitão Manoel José Alves.

Nas margens dos rios adjacentes abundam finissimas madeiras de lei; o terreno é montanhoso e cortado por muitos riachos, nas immediações dos quaes vêm-se alguns estabelecimentos agricolas bem montados; nas margens do mesmo e mais para adiante em um lugar onde antigamente se construia lanchas, existe o denominado lugar do registro, onde houve um canhão, para dar signal de rebate no caso de invasão de algum pirata.

Os principaes agricultores desta parte da costeira são: o sargento-mór, Bazilio José Machado, já fallecido, com engenhoca de canna e mandioca, Jacintho Xavier Neves com eng enhoca de canna e

olaria; o sargento-mór Francisco dos Santos Pinheiro com engenho de socar arroz; João Antonio de Mello com engenhoca de canna, e finalmente a grande fazenda dos Pinheiros com engenhos de mandioca e pillar arroz movidos por agua e um alambique para distillação de aguardente, pertencentes aos herdeiros do finado tenente-coronel Francisco Gonçalves Cordeiro.

Da ponta dos Pinheiros entre as bahias de Antonina e a costeira, que segue para aquella villa, abundam os estabelecimentos de engenhocas de aguardente, rapadura, mandioca e arroz.

A villa de Antonina fica á margem da bahia do mesmo nome e está edificada em uma estreita planicie, que fica entre as serras, que lhe passam pelas costas e o mar, que lhe fica pela frente. O lugar é aprazivel e variavel o painel, que offerece ao observador; a sua matriz está edificada sobre um outeiro, e é da invocação de Nossa Senhora do Pillar: sua construcção data de 1714.

Adiante desta villa continúa a costeira coberta de mangáes até circular o outro braço, que forma a parte da bahia pelos rumos de Norte e Noroeste até chegar ao volumoso rio da Cachoeira.

Todos os rios, que nella desaguam, têm sua origem nas serras de Pernambiacaba para álem da Graciosa até o serrão denominado do Chapéo de Sol. Estes rios são: Picão, Secco, Curitiba-aiba,

Cacatu, Do Meio, Mundo Novo, Cachoeira, o maior e mais caudaloso de todos elles. Continuam a apparecer mais proximos uns dos outros os estabelecimentos agricolas.

O rio Cachoeira é navegavel por espaço de muitas leguas, o que não admira, visto como elle em todo o seu curso recebe em suas aguas as dos seus tributarios, S. Caetano, Mergulhão, Turvo, Caprieva e infinitos outros inferiores. A origem do seu nome vem de uma grande catadupa, cujas aguas despenham-se em lençóes de uma altura prodigiosa.

Deste rio principia a margem esquerda da bahia, que circula a Ponta-Grossa e do Pasto, bahia das Larangeiras e dos Pinheiros e vai finalizar na ilha das Peças á entrada da barra.

Principiando, pois, no rio Cachoeira segue a costeira até o rio Frasqueira, pelo qual navegam embarcações para carregarem cal, madeira e arroz.

Suas margens são bastante populadas de agricultores; sobre ellas precipitam-se os rios Cedro, Jundiaguara, Caraceiara e alguns outros de menor importancia.

Do Faisqueira nasce um braço lateral e paralello á costeira do Continente, dividindo-a em uma grande ilha denominada do Albano, onde ha uma laria, e mais uma ilhota chamada do Arassamba.

suas margens estão enriquecidas com excellentes estabelecimentos agricolas.

Da barra do rio de Santos até a Ponta-Grossa, ha um rio lateral, o Guatinga, que vai marginando a costeira e divide-a em uma comprida ilha denominada Uramiranga ou Guamiranga.

Finalmente a fôz do braço do Guatinga vai terminar na bahia proxima á Ponta-Grossa, onde terminam igualmente os limites de Paranaguá.

Resta descrever as ilhas e ilhotas, que estão semeadas pela bahia; são ellas a das Palmas, proxima á ponta dos Pinheiros, Itapema proxima da costeira deste nome e álem da ponta dos Pinheiros, caminho de Antonina, as do Albano, Uvamiranga e Biguá, proximas da costeira opposta: a primeira é na fóz do Faisqueira; e a outra na costeira da Guatinga; a do Gonçalo, que fica na fóz dos rios Cachoeira e Faisqueira e separadas da terra firme por um braço deste rio; a do Barbosa, onde ha uma olaria e cafesaes, fica proxima da costeira dos mangáes, entre os rios Mundo Novo e Cachoeira, do qual é dividida por outro braço deste rio.

No meio da bahia daquelle lado estão as grandes ilhas denominadas do Curisco e da Bertioga.

Nesta mesma bahia ha bons fundeadouros tanto no porto da villa como em diversos outros lugares,

que podem accommodar cem vasos de linha; fica ella comprehendida pela parte de dentro, entre as pontas do Itapema e a Grossa.

Tem alli seguimento a costeira do lado esquerdo da bahia, que já é pertencente ao municipio de Paranaguá e que a contorna desde a Ponta-Grossa até a do Pasto.

Principiando pela primeira, vê-se logo o rio Nacar na entrada de sua fóz, que é arêenta e baixa, mas, para dentro, funda e escabrosa. Ha ahi dous engenhos de soque de arroz pertencentes, um a Manoel Antonio Guimarães e o outro a Manoel Liberato de Miranda; segue se logo uma praia, que foi propriedade de Angelo Machado, mais para diante a engenhoca de fazer aguardente de sua propriedade; depois vem o rio Tabaqueira e a engenhoca movida por agua para moer canna, mandioca, e pillar arroz, de propriedade do capitão Felippe Tavares de Miranda, cuja vivenda é uma excellente e vistosa casa assobradada.

Proxima a esta fazenda está a de Angelo Machado com fabrica de pillar arroz e bem assim a do fallecido capitão João Chrysostomo Salgado Bueno pela qual passam os rios Cannavieiros, e mais adiante fica a ponta da costeira chamada Taussuba, que é formada por um grande penhasco.

Proseguindo encontra-se o rio Boqueriuma e
nhos de aguardente de Manoel Tavares e

outros; segue-se o rio Tinga e proximo a elle um grande campo de criação para mais de cem rezes, pertencente a Florencio José Munhós.

Seguindo o Itingussú, que é muito populado e em cujas margens antigamente D. Anna Cordeiro tinha um engenho de pillar arroz e fazer farinha, chega-se á costeira do Baquera, quasi em linha recta com o rio do mesmo nome e o das Ostras.

Para diante segue o Riozinho, onde o finado Pedro Gomes Sobral fez outr'ora uma engenhoca de aguardente e assucar, movida por agua; para álem desta fazendola é muito populada toda a costeira e cultivada por seus moradores.

Segue-se uma grande plataforma, onde foi edificado o estabelecimento de Maria Luiza de Jesus e logo o rio das Ostras.

A costeira do Pessaguira, o sacco de Tambarutuca e finalmente a Ponta do Pasto constituem os principios dos limites do segundo com o primeiro districto da cidade.

Esta costeira é formada por penhascos e grande quantidade de pedrões; sobre o seu cimo existe uma grande cruz de madeira, que serve de aviso para afastar o navegante do perigo do naufragio.

Deste lugar, em distancia de meia legua, ha a linda praia de Itaquaressetuba ou Thagassetuba habitada por mais de 50 fogos.

O que de mais notavel se vê ahi é uma grande

olaria de propriedade do tenente-coronel Manoel Francisco Corrêa.

Uma legua adiante está situado o rio Medeiros, no qual desagua o Retiro e outros menos volumosos; é navegavel cerca de 4 leguas; suas margens são bastante populadas e cultivadas; os mandiocaes, arrozaes e milharaes são elementos comesinhos. Este quinto quarteirão tinha em 1810 80 fogos e 368 almas.

Em distancia de mais de uma legua está o morro das Almas ou Ponta Calva; todo de pedra lisa e escalvado: deste ponto segue a costeira cerca de meia legua até o grande rio Itaqui. Neste espaço está a fabrica de aguardente de Francisco de Paula Ribeiro.

No Itaqui desembocam pela margem direita o Itaquizinho e pela esquerda o Buguassu, o Xiberé e outros de menor volume.

Nas suas margens e na ilha Rasa em 1840 haviam 77 fogos e 170 almas; ha uma grande engenhoca movida por agua para preparar aguardente, pillar arroz, com boa escravatura, da propriedade do tenente-coronel Manoel Francisco Corrêa e Bento Gonçalves do Nascimento. Partindo dahi com rumo de Norte chega-se ao rio de Canguiri, ao qual succede o de Taguanduba, cujo leito é engrossado por tributarios de menor volume: são ambos navegaveis por espaço de 6 leguas.

Fronteira a esta costeira, desde o rio Medeiros até o Taguanduba, e a pouca distancia della, mais a meio quasi da bahia, está a ilha Rasa Grande, bastante povoada. Sua população com a de Itaqui, que pertence tambem ao quarto districto, está orçada em 700 habitantes.

Nella foi em 1839 edificada á custa do proprietario João Alves Cordeiro uma capella da invocação do Senhor do Bom Jesus: esta ilha tem 2 leguas de comprimento.

Entre esta costeira e proximo ao rio Taguanduba está a ilha do Bonito, propriedade de Manoel Ricardo Carneiro, a qual dista da Rasa 2 leguas; é montanhosa e terá 1/2 legua de comprimento sobre 1/4 de largura; é abundante de mariscos e peixes, dispõe de um excellente surgidouro e é centro de operações de todos os navios, que se destinam ao commercio de madeira.

Ao lado da Rasa para o meio da bahia está a ilha das Gamellas, dividida por um braço de rio da de Urubuquara: mais álem e igualmente no meio da bahia está a das Ostras, que confronta com o morro da Boa Vista, e que terão uma legua de comprimento sobre outro tanto de largura.

Em frente a Ponta do Pasto está a ilha das Cobras, a qual é abundante de excellente cantaria. Seguem-se a ella os ilhotes de Itupequeira.

Tornando á parte da costeira em que está a foz do

Taguanduva, até a entrada do Rio Borrachudo, vê--se o morro da Boa Vista, assim chamado pela formosa vista, que offerece ao observador onde está collocado o estabelecimento do capitão-mór Manoel Antonio Pereira.

As margens do Borrachudo são em geral muito populadas; suas aguas favorecem a navegação por um espaço de 4 leguas. São seus tributarios o Tabaquava, Tetiqueira e outros inferiores.

Ao Tetiqueira segue o Tagassaba, que é navegavel por mais de 10 leguas e tem por tributarios o Capivara, Rio Fundo, Tagassaba-Grande, Potinga, Caheté, Assemguyzinho e o Embaúba: suas margens são muito habitadas e seus habitadores dados á cultura da canna, milho, arroz. feijão. De mais notavel só se encontra a engenhoca de preparar aguardente, de propriedade de Balduino Cordeiro de Miranda.

O grande rio da Serra-Negra é o que se segue aos precedentes ; tem por tributarios diversos outros taes como Ribeirão das Antas, o Assemguy, Pederneiras, Guamiranga, Pananá e Serey; cêrca de 600 habitantes povoam suas margens. A unica propriedade agricola, que se observa, é a do capitão Bento José da Cruz.

A costeira chamada dos — Moleques — além do rio da Serra Negra, vai circumdando a bahia até o rio Sahira, e dahi até o pico do Tremomó.

Esta montanha é de uma altura extraordinaria, toda de pedra, representa um cône,do cimo do qual jorram diversas torrentes da mais crystalina agua.

Pelo seu lado direito fica uma varzea coberta de mangues, que fórma uma especie de isthmo, separado por um braço do mar, na distancia de 1 1/2 legua, existindo por semelhante fórma separada aquella montanha da pittoresca bahia de Guareksava.

Adiante do morro do Tremomó ha um furado e um rio, que separa da costeira a ilha do Pavuçá, que é abundantissima de agua.

Marginando a costeira do rio Pavuçá encontram-se os rios Pirassinunga, Palmeiras, Canôas e finalmente o grande Guareksava, que tem por tributarios o Costa, o Cedro, o Morato e Tinguá.

Proximo á sua foz e por sobre um combro, foi em 1838 edificada uma capella, sob a invocação do Senhor Bom Jesus, por conta de Cypriano Custodio de Araujo, José Fernandes Corrêa e outros.

Esta capella foi benta em 15 de Junho de 1839, e ao presente é a matriz do districto de Guareksava : a seu lado está o cemiterio, que está em proporção ao numero de habitantes.

Nas margens deste grande rio ha um estabelecimento pertencente a Vidal da Silva Pereira, o

qual contém em seu ambito um engenho de pilar arroz: a este segue-se outro pertencente a Cypriano Custodio de Araujo, com fabrica de aguardente e excellente plantação de café.

Este é o 1º quarteirão do 2º districto, que conta 550 almas.

A ilha do Pavuçá é de tamanho regular e antigamente contava em seu sólo uma capellinha, sob a invocação do Senhor Bom Jesus do Pavuçá, muito venerada, a sua festividade, era muito concorrida.

Principiando a descripção circular do resto da Bahia pela fóz do rio da Serra Negra, onde nascem os rios Cirquinho, Circo-Grande e Poruquára, que é o maior e mais profundo, e tão profundo e largo que outr'ora tinha em suas margens um magnifico estaleiro, onde se construiam navios grandes. O Poruquára é sómente navegavel em uma zona de 10 leguas: seguindo da fóz do mesmo até o Varadouro pelo lado esquerdo da costeira, encontram-se os rios Branco, dos Patos, Pacas, Sebuy-mirim e outros mais insignificantes.

Pela margem direita desaguam os do Segredo, Rio Real, Mãi Luiza e Superaguy, cuja costeira, limitando com o oceano, dá ingresso ao mesmo pela sua barra.

Entre a barra e a ilha das Peças acham-se os rios da Praça, das Pescadas, das Peças e outros

mais insignificantes, que desaguam em volta da mesma.

Aqui termina a descripção geral circular do interior das bahias na abra, que faz o canal da barra grande até os fins do segundo districto.

—

V.

AGRICULTURA DO MUNICIPIO DE PARANAGUÁ NAS MARGENS DE SEUS RIOS. FERTILIDADE VEGETATIVA DO SEU SOLO.

As margens das bahias de Paranaguá, situadas a rumo de Leste para Sul, ou em outros termos, desde as ilhas do Mel, Rasa, Cutinga, toda a costeira a principiar da barra do Sul, rios Gurguassú, Corrêas, Macieis, Almeidas, Itibiré, Embuguassú, inclusive o rio das Pedras, são terrenos baixos, arêentos e só proprios para plantação da mandioca, do inhame, da batata, arroz, parreiras e seus semelhantes, que nellas prosperam de uma maneira admiravel.

As margens situadas no bahia a rumo de Oeste para Nordeste compoem-se de terrenos barrentos, massape ou terra preta, em geral de terras gordurosas e cobertas de uma camada espessa de humos

e limbo, que sobre ellas depositam as enchentes dos rios: são muito azadas para a cultura da canna, do milho, arroz, café, feijão, fumo, mamona, e chá.

No rio Sagrado, do municipio de Morretes, a uberdade chega a tal ponto que um alqueire de milho produz 120, a canna de Cayenna attinge ao comprimento de 16 palmos com uma grossura proporcionada; espremida dá mais de 2 1/2 medidas de calda; a filiação deste vegetal é tão prodigiosa, que uma ponta produz uma touceira com mais de 35 olhos de igual tamanho e grossura ao da semente.

As bananas vegetam espontaneamente; nota-se a denominada pacova do Maranhão, cujo cacho só póde ser carregado por dous homens e peza tres arrobas contando cada penca de 40 a 50 bananas.

O feijão regula a sua producção na razão de 1 para 100 alqueires; o terreno, que o produz melhor, é o das margens do Sagrado, Cubatão e S. João. Em todas as ilhas da bahia e com especialidade nas do Teixeira, Guarema, e Jouré dá perfeitamente.

O arroz produz melhor nos terrenos alagadiços dos rios Sagrado, Barreiros e S. João, em todo o municipio de Antonina e costeira, desde a Ponta Grossa até Passagueira, nos banhados dos rios Medeiros, Itaqui, Tagassuba, Borrachudo, Serra Negra, Guareksava e finalmente toda a margem esquerda da bahia possue terrenos muito apropriados para semelhante genero de plantação.

No segundo districto abundam as fabricas de pillar arroz, fazer aguardente, farinha, serrar madeiras, preparar tijolos e telhas; todas ellas bem montadas quer pelo que respeita ao pessoal, quer pelo que toca ao material.

Da costeira do Passagueira á Ponta Grossa abundam as engenhocas de arroz, canna e mandioca.

O café produz optimamente nos terrenos barrentos e nos de arêa preta, taes como as que param a rumo de Sudueste para Nordeste.

Esta planta tem um crescimento prodigioso, excede pela maior parte a altura e copa de uma grande larangeira; cada pé produz meia arroba de grãos.

Os terrenos arêentos têm sido exclusivamente occupados com o cultivo dos farinaceos de toda a qualidade, nacionaes ou estrangeiros; a batata ingleza toma nos terrenos cansados proporções enormes sem comtudo desmerecer sua qualidade. Os legumes desenvolvem-se nestes terrenos com profusão e luxuria.

Os vegetaes filhos dos tropicos produzem bem e dão fructos em abundancia ; a differença, que se nota na laranja, por exemplo, é ter ella a casca mais delgada, o paladar, o tamanho e a côr, são a mesma cousa, que na Bahia, Pernambuco ou Maranhão.

Os pecegos, uvas e outras frutas semelhantes

dão-se melhor quer pelo que respeita ao seu desenvolvimento, quer pelo que toca á produção nos terrenos de arêa ou de massapé.

Estas duas especies carregam de uma maneira que causa pasmo ; quasi que se podem contar as folhas pelos fructos.

A parreira ás vezes em uma pequena hastea de palmo apresenta 8 a 10 cachos de uvas perfeitas !..

As larangeiras, limeiras e seus semelhantes crescem uma altura de 18 pés e apresentam uma copa igual ao cubo de pés de seu comprimento.

As jaboticabeiras, goiabeiras, araçaseiros, ingazeiros, guaberobeiras, maracujaeiros, cajueiros e outras degenerações destas especies nascem espontaneamente nos capoeirões.

Assim que neste abençoado solo, um homem munido de um anzol para pescaria, que é muito abundante, uma canôa, uma palhoça para abrigar-se das intemperies do tempo e frutas silvestres para refeição, não necessita de trabalhar para viver; e se trabalha é para enriquecer.

O grande mal desta provincia provém da grande uberdade do seu solo, dos pescados de seus rios e finalmente da exportação da erva mate como opportunamente demosntraremos.

Se esta verdade inconcussa fôra uma mentira, a provincia do Paraná estaria muito mais adiantada e rica.

VI.

CLIMA E SALUBRIDADE DOS MUNICIPIOS DE PARANAGUÁ, MORRETES E ANTONINA.

O municipio e cidade de Paranaguá ficam comprehendidos na zôna temperada do polo antartico: é por essa razão que o thermometro da Franwik nos dias mais frios nunca desce de 54° nem nos de calor sóbe de 95°.

O local da cidade é bom; fica á margem esquerda do Itibiré; é cercado de mangaes ha muito pouco destruidos, tem alguns charcos e paúes.

As exhalações desses focos são putridas e perniciosas á salubridade publica; por este motivo no tempo dos grandes calores desenvolvem-se as intermittentes, os typhos, as constipações e tisicas.

A ilha da Cutinga ficando-lhe pela frente e sendo irriçada de altas montanhas tira-lhe toda a

viração, que só póde attingi-la pelos rebojos : esta deficiencia de ventilação concorre muito para que não seja saudavel a habitação na cidade e seus contornos em tempo de calor.

As enfermidades mais communs na primavera, que alli tem lugar de Outubro a Março, são as febres de todas as qualidades, dysenterias de sangue, hemorroides e paralysias : attribue-se geralmente os ataques hemorroidaes á alimentação em grande escala de mariscos e peixes de certa especie.

Na estação invernosa, isto é, de Junho a Agosto reinam as constipações os catarrhos pulmonares, as pneumonias agudas, a coqueluche, as inflamações do figado e baço, que são muito communs entre a gente da roça em consequencia de transitarem sempre pelos terrenos humidos, pelos pantanos, e levarem o uso do mate até á exageração de mascarem a todo o momento as folhas.

O municipio de Antonina é muito mais ventilado e por isso mesmo muito mais sadio ; mas ainda assim nelle imperam igualmente as febres, as dysenterias e outras enfermidades proprias da quadra.

Morretes pela sua pessima localidade, todo cercado de cordilheira de montanhas, charcos e lagôas de agua estagnada, falta de ventilação, que

raras vezes alli chega,é ao contrario do que indica, muito mais sadio do que Paranaguá; seus habitantes são corados, robustos e sadios: as febres e os fluxos de ventre pouco se demoram alli; as paralysias são raras, os ataques hemorroidaes são fracos, comtudo são mais genericos os catarrhaes, as pneumomias e as tisicas,talvez devido isso á grande altura do terreno, á pouca distancia dos quaes gyram as nuvens.

As aguas são exellentes, abundantes e correntes.

VII.

RAPIDA NOTICIA SOBRE AS TRIBUS CARIJÓS, QUE OUTR'ORA POPULARAM OS CONTORNOS DAS BAHIAS DE PARANAGUÁ.

Levar a pretenção até marcar-se com precisão o numero de habitantes indigenas, que ha tres seculos popularam os contornos das bahias de Paranaguá, é impossivel.

Se alguns escriptores antigos em tempo se tivessem dado a este trabalho arido, facil seria a nossa tarefa; guardando, porém, todos elles o mais religioso silencio, como deveremos proceder para chegar ao conhecimento da verdade?

Nos parece que não andaremos muito errados, calculando essa população em 9 a 10,000 mil almas, se tomarmos para base de nossa proposição os lugares de suas habitações, a sua extensão, que era enorme, pois que abrangia todas as ilhas e ter-

renos marginaes das bahias, se attentarmos para altura e base das ostreiras que ainda hoje se vêm por todos os lugares indicados.

E' geralmente sabido que as tribus carijós desciam periodicamente em certos mezes do anno para refazerem do pescado preciso para alimenta-las até a mesma épcca da descida no anno seguinte.

Tambem não forma objecto de questão que ellas escolhiam por entre os mangues os terrenos mais elevados, onde plantavam suas tendas ; e dahi é que sahiam na vasante das marés para extrahir os mariscos.

Era prodigiosa a quantidade de ostras, berbigões, ameijoás e sururús de variadas especies,que colhiam: a essa opulenta colheita juntavam todo o peixe apanhado á rede para completa-la.

Nota-se, porem, sem esforço que sua predilecta inclinação manifestava-se pelas ostras, talvez que por necessitarem de menos trabalho e apparecerem com mais profusão.

De tudo isto ha ainda hoje abundantes provas para obviar toda e qualquer duvida.

Com estes mariscos alimentavam-se as tribus em quanto durava a pescaria, o resto, depois de muito seccos ao sol era levado em pilhas para as aldêas para continuação de seu fornecimento quasi annuo.

As conchas lançavam elles para um lado da cabana. Pela sua agglomeração formavam montes tão elevados e grossos, que ao presente causam admiração a quem, indo excavar um osteiro para plantar, encontra, a excepção de uma camada de dous pés de terra, tudo o mais cascas de mariscos.

Deste facto, aliás mui comesinho nesta provincia, nasceu o erro de alguns escriptores avançarem que a materia, de que se fazia a cal na America, era mineral.

Este phenomeno explica-se bem e naturalmente. A terra conduzida pelas chuvas e ventos encontrava aquelle tropeço em seu transito, adstringia-se a elle e formava pela sua continuação crostas tão expessas, que em alguns lugares supportavam a germinação de arvores enormes.

A humidade e o calor pelo volver dos tempos dissolveram as conchas,reduzindo-as a uma massa branca; esta massa, petrificando-se pouco a pouco com a acção do calorico, deu lugar á formação de pedreiras tão compactas e duras que para extracção é mister empregar-se o picão ou a alavanca.

Destas pedreiras ou ostreiras formadas pelas cascas dos mariscos comidos pelos indigenas se tem extrahido toda a cal necessaria para as edificações dessa capitania desde a sua fundação até

hoje, e continuará a fornece-la por tempo indefinito.

As mais consideraveis são as de Santos, S. Vicente, Conceição, Iguape, Cananéa, Paranaguá, praias da Laguna e Torres, as quaes, pela maior parte, ainda conservam as conchas inteiras.

Nas excavações, que se tem feito, tem-se encontrado machados de seixos muito rijos, fragmentos de panellas, caveiras e ossos humanos, o que não admira visto como quando estavam na época da pesca e morria algum dentre elles, davam-lhe por sepultura as ostreiras, onde os enterravam.

Estas ostreiras são muito visiveis, abundantes e unidas umas as outras nas margens dos rios Grogussu, Corrêas, Almeida, Foral, Ribeirão, Pedras, Jacarehy, Saquaremussu e Saquarema.

A's margens do rio Sagrado encontra-se a mais extença das ostreiras, a que dão vulgarmente o nome de Sambaqui-guassu, que em nossa lingua quer dizer—ostreira grande : mede de 250 a 400 braças de comprimento, e outro tanto de largura ; fica a 50 de distancia da margem do rio Sagrado.

Pela grandeza desta ostreira suppoem os mais versados nos costumes indigenas que fosse alli a residencia do Cacique ou o principal dos principes de todas as tribus.

Alem destas encontram-se outras menores pela

margem dos rios Ilhéos, Itapetanduba, Cubatão, S. João, Costeira do Registro, Ponta do Pinheiro, Itapuna, Faisqueira, Guatinga, Passaguera, Larangeiras, Guareksava até a ilha das Peças, Cobas, Papagaio, Rasa, Cutinga, Gamellas, Ostras, Bonito do Pavuçá, Pinto, Bigná, Jereré do Guaruna, Teixeira, Lannin, Palmas, Itapuna, Corisco, Uvamiranga, Albano, Gonçalo, Sousa, Barbosa, Robim, Mourão etc....

A vista, pois, desta digressão necessaria não é muito o seguinte calculo approximativo: admittindo que cada horda se compuzesse de 10 familias, e cada familia de 100 pessoas, admittindo mais que em toda a periferia das bahias houvessem cem aldêas, teremos as 10 mil almas, em que computamos a população indigena ; o que não é para admirar visto como é proverbial ainda em nossos dias a fecundidade dos indios.

VIII.

Roteiro geographico das distancias de uns para outros lugares no interior e exterior da bahia de Paranaguá até S. Paulo.

E' uma das cousas mais interessantes e necessarias para um viajante um roteiro, que mostre com clareza e verdade as distancias entre dous pontos dados.

Isto posto, não é destituida de interesse a parte do nosso trabalho, que o comprehende, visto como póde ella servir para orientar o viajante e preveni-lo ácerca do numero de horas, que tem de empregar no seu trajecto para o fim de tomar suas medidas de precaução na escolha dos pouzos pernoitar.

A ilha do Mel mede 2 1/2 leguas de comprimento sobre 1 de largura.

A das Peças 2 1/2 de cumprimento sobre 2 de largura.

A da Cutinga tem 2 de comprimento sobre 1/2 de largura.

A Rasa Pequena o mesmo comprimento e largura.

Da barra grande a cidade ha pois 3 1/2 leguas a percorrer: da mesma á cidade de Antomina 7 leguas.

A entrada da barra mede 500 braças de largura.

A bahia em frente ao Rocio tem 1 legua de margem a margem: esta largura é conservada até á Ponta Grossa.

A bahia das Larangeiras desde a ponta da ilha das Peças até á Ponta do Pasto mede 3 1/4 leguas de distancia.

Da Rasa-Grande até á ponta de Guarecksava vão 2 leguas: da barra das Larangeiras até o Varadouro ha 1 legua pouco mais ou menos.

Da fóz do Guarecksava até o rio Gurguassu na costeira da barra do Sul vão 4 leguas.

Da fóz do Guarecksava até á falda da serra das Cadêas 7 leguas.

Da serra do Prata a do Guarumbi 12 leguas.

Do Pontal do Sul até a do Guarumbi 11 leguas.

Da fóz ao Cubatão até a falda da serra do Guarumbi 4 e 1/2 leguas.

De Antonina ao Morro Grande 2 leguas.

Da fóz do Cachoeira a falda da serra, que fica

entre os dous ramos salientes, que della descem, 4 1/2 leguas.

Da fóz do Cachoeira á do Itaqui, 4 leguas.

Da ilha do Teixeira a Antonina, 1 1/2 legua.

Da mesma á da Cutinga 3 leguas.

Da Cutinga á Barra Grande, 3 leguas.

Da mesma ao Ararapira 1 1/2 leguas.

Do Ararapira á entrada da bahia do Trepande, 4 leguas.

Da barra da Cananéa até o fim da bahia do Ariraia, 2 leguas.

A ilha da Cananéa mede 5 leguas de comprimento e 1 de largura ; a barra tem na sua maior largura 3/1 de legua de costa a costa.

A praia do Araripira tem 4 1/2 leguas de extensão ; o isthmo desde o oceano até á bahia dos Pinheiros 2 1/2 leguas.

Da barra de Paranaguá a Guaratuba vão 6 leguas.

Da de Guaratuba á fóz do rio S. João, 4 leguas.

A bahia da Guaratubà, proxima á barra mede 1 1/4 legua de largura.

Passaremos agora da Cananéa para o Norte.

Da fóz do Taquiri até ás varseas das serras grandes vão 3 leguas.

Da fóz do Itapitanguy até ás mesmas serras, 1 1/2 legua.

Da fóz do Cambarapui e Ariraia até á mesma serra 2 leguas.

Da barra da Cananéa até á de Iguape, 13 leguas rio acima.

De Iguape a Xeririca.		1/2	legua
De Xiririca a Ivoporenduva. . .	9	1/2	»
De Iguape a barra da Ribeira . .	6		»
Da barra de Iguape ao Monte da Jurea	3	1/2	»
Da ponta da praia da Jurea ao rio Guarumbi.	4		»
Da barra do Guaruhu á do Peruibe.	3		»
Do Peruibe á Conceição de Itanhaem	5	1/2	»
Da Conceição á barra de Santos .	5		»
De Santos a S. Paulo.	12		»
De Paranaguá a Antonina (por mar)	5		»
De Antonina ao Porto de Cima. .	3	1/2	»
Do Porto de Cima até o Campo. .	3	1/2	»
Da borda do Campo á Curitiba, pela estrada de Cima	5	1/2	»
Idem Idem pela estrada de Paranaguá.	6		»
De Morretes a S. José dos Pinhaes.	8		»
De S. José dos Pinhaes a Curitiba.	2	3/4	»

De Morretes ao Porto de Cima,

pela estrada da margem direita do Cubatão . . . . . 1 1/2 leguas
De Antonina a Curitiba, pela estrada do Barro Vermelho . . . 12 1/2 »
Idem pelas dos Morretes e Arraial. 13 »
Idem a Castro pela estrada nova . 26 »
De Curitiba a Votuverava . . . 6 »
De Votuverava á villa do Apiahy . . . . . 17 »
Do Apiahy á estrada de Sorocaba. 16 »
De Curitiba a Sorocaba. . . . 39 »
De Curitiba ao Campo Largo . . 4 »
Do Campo Largo ás Palmeiras . 12 »
Das Palmeiras á Ponta Grossa. . 7 »
Da Ponta Grossa a Castro . . . 6 »
De Curitiba a Castro. . . . . 29 »
Idem ao Rio Verde . . . . . 8 »
Do Rio Verde ao Principe. . . 7 »
De Curitiba á villa do Principe. . 15 »
Da villa do Principe ao rio da Vargem. . . . . 4 »
Do rio da Vargem ao Rio Negro. 4 1/2 »
Do Rio Negro ao Campo da Estiva . . . , . . . , . 4 »
Do Campo da Estiva ao morro do Espigão . . . . . 8 1/2 »
Do Espigão ao Rio das Canôas . 22 »
De Curitiba á Lages. . . . . 62 »

De Antonina por Curitiba e Sorocaba a S. Paulo . . . . . 11 1/2 leguas.

A saber :

De Antotonina a Curitiba . . .	13 1/2	»
De Curitiba a Itaioca	14	»
De Itaioca a Pitangui	3 3/4	»
De Pitangui a Castro	5 1/2	»
De Castro a Itapera	30	»
De Itapera a Itapitangui . . .	18	»
De Itapitangui a Sorocaba. . .	12	»
De Sorocaba a S. Roque . . .	5	»
De S. Roque a Cutia	3 1/2	»
De Cutia a S. Paulo.	6	»

Com o auxilio deste pequeno e imperfeitoroteiro póde-se viajar por mar e por terra por toda a provincia do Paraná sem receio de enganar-se de um modo prejudicial.

IX.

TITULOGIA DAS FLORESTAS PRECIOSAS, ERVAS MEDICINAES E OUTROS VEGETAES SEMELHANTES.

Debaixo deste titulo abrangeremos todas as madeiras conhecidas na provincia do Paranaguá, e nos esforçaremos para classifica-las segundo os mysteres á que são destinadas

Dar-lhes-hemos os nomes por que são vulgarmente conhecidas no commercio. Bem quizeramos classifica-las segundo nos ensina a sciencia; a dificiencia de luzes, porém, neste, como em outros ramos della, nos obriga o ser moderados em nossas pretenções.

Arariva vermelha, amarella e preta empregadas vantajosamente nas obras de marcenaria.

Arucurana.

Angelim vermelho.

Angelim de roda.

Andrade.

Almecega. Sua resina é balsamica e medicinal.

Arassa-piranga, arassarama branca e preta, arassatinga, arassaima, anhaiba, aroeira, andiroba, apuan, araticum, anhomemluca, alleluia, angico, cuja resina é excellente para a tisica pulmonar e cujo succo das folhas trituradas é o melhor balsamo conhecido para quedas, golpes e feridas de bala. acum, arvore fructifera.

Batinga branca e vermelha, barabu roicho macho e femea, bicuiba, bicuhybussu, brejuúba grande e pequena, bataiá, baguassu, barurana, bracatinga, bitary e bothêa.

Canella amarella grande, preta pequena, siba branca, de Paulo Teixeira, cuberiúba grande e pequena, cravo vermelho de concha, caiarana grande e pequena, cedro vermelho grande e pequeno, carvalho (de duas qualidades) couduponna, caixeta branca, preta e amarella, caborahy, corindinba (o carvão desta madeira é melhor para a manipulação da polvora do que o do pinho,) cotipotanguera, caroba (anti-bobatico) cuninga, capouroca, carapica, cabiuna, canna ou páo preto, caryrya, cobetinga, cortiça, cambiboca, Cuiape ou piuba pequena, canna fistula, copahyba, coração de negro.

Embaúba, embuiá ou buiu, embirussu, embira, enga-caraparra, mirim, amarello e grande, ebanna.

Figueira grande, figueirinha e figueira fructifera.

Gurapuan, guaraparim, guairema, guanandi, guaperubu, guarapessica, guaraitá, guabiroba grande e pequena, guiné, guopoan, gurajuba, garuba grande e pequena, guarapari, gracupari jaupé, guarapein, guaroporunga, guapava grande e pequena, guracuhy, guaraporemgára, guarapiranga, gracunhã, guaporo-róca, guaperida, giçara, gicara-equira, guracotinga, gurapohy, guanandirana, guaiacu, ou guaiá guaraessica.

Ipé preto, amarello e pardo, jacarandá, jequitibá (a estopa feita deste páo é a melhor, que se conhece para o calafato de navios) jaguaripiroca, jaguaratauba, jacuba, inhuibatan.

Louro grande e pequeno preto, branco e amarello.

Larangeira brava e mansa, limeira e limoeiro do mato.

Massaranduba grande e pequena, mandubahu grande e pequeno, massatunga ou quassatunga, Matambu, Maria preta, Mamica de gato, e Murta.

Nhambuiba grande e pequena, nhandiaiba ou mandubahyba e nutinga.

Opiuna, oleo pardo e amarello, ohytissica.

Peroba pequena vermelha, pindahuba, páo do

Aleixo, Páo de colher, páo sangue, páo d'alho, páo do macaco, páo do orvalho, páo do arco, páo do leite (gamelleira) páo do louco, páo de violas, páo de tiriva, palmeira de 8 especies differentes, penitencia, pequiá preto e amarello, potumugy, macho, e preto.

Sassafraz branco, preto e vermelho, simão de arruda, sopopema, sapucaia e sobro.

Taroman, tapiguassu, tambiturava, Tapiá, tapixara, timbuiba branca e vermelha, tajauba ou Potumaju.

Umiuba, Ubaia, Voupeba, Uva-mirim, Ubarana (fructifera) Ucumba.

Xaxim.

A este pequeno catalogo póde-se juntar mais 15 qualidades distinctas de sipós, vulgarmente conhecidos pelo nome de pregos do Brasil, cujo prestimo está muito além de todo o elogio.

Estes sipós servem, alguns para factura de betas, cabos e amarras de navio, outros são do uso exclusivo da medicina e o resto desprezado, por perniciosos á saude. São elles os seguintes:

1.º Sipó embeguassu, 2.º o embira, 3.º sipó grande, 4.º sipó de casca (desta especie é que são feitas as amarras para navios) 5.º sipó de mocunã. 6.º Timbopeba (serve para trabalhos delicados) 7.º Tingá, 8.º Piranga, 9.º Chumbo (medicinal) 10 e Espinho, 11. Alho, 12. Unha de gato,

13. Japecanga, 14. Timbó (venenosi simo) 15 Timbotinga.

Ha mais 7 especies de canna,conhecidas, e são : Taquapenima, Taquamirim, Taquara legitima, Taquaroba, Taquapira, Canna do Reino, Taquaboca, as quaes são empregadas nos misteres da vida commum.

Medicinaes.—São de uso frequente na medicina legal a cebola-sinsim, a raiz da ipepacuanha, da batatinha alcassus, caiapiá ou de mil homens, castanha de S. Ignacio, quina, bocouba (fruta do jacarandá) pinhão bravo, raiz de tajuja, sipó de chumbo, sassafraz, barbatimão, jequitibá, sapé, andauaçú.

As hervas são : malvas, malvaisco, saracura ou malva da pedra, mangerona, mentrasto, macella gallega, macella romana, alecrim, alfazma, mangericão, herva doce, cuentro, fedegoso, herva de bicho,herva moura,herva do passarinho,herva justão, teririque, cordão de frade, cobra de Santa Maria, mentrasto, azedinha, grammma da praia, pé de gallinha, salda,beldroega, agrião, avenca, borragem, pariparoba, capeba, arruda, chicoria, senouras, cardamômo, cuiamonso, dormideira, herva cidreira, ortelã preta, losna, poejo salsa e salva.

Todas ellas exoticas ou não espontaneamente no terreno do municipio de Paranaguá,onde se encon-

tra muitas outras especies, que nos são desconhecidas é que por esta razão as não podemos classificar, deixando este trabalho aos cuidados dos doutos, que se derem a penosa tarefa de explorar as florestas dessa bella provincia, infelizmente hoje na maior decadencia.

X.

ZOOLOGIA DOS ANIMAES QUADRUPEDES, TERRESTRES E AQUATICOS, PEIXES E AVES, QUE POVOAM AS FLORESTAS E AGUAS DO MUNICIPIO DE PARANAGUÁ.

Necessitavamos collocar-nos na altura do sabio Cuvier, precisavamos dispor de um talento tão transcendente e brilhante e de um cabedal scientifico igual ao delle para nos orientarmos no dedalo de classes e subdivisões de clases de todos os habitantes dos tres reinos da natureza.

Na deficiencia de uma e outra cousa contentar-nos-hemos com especifica-los alphabeticamente, dando-lhes os nomes por que são vulgarmente conhecidos em Paranaguá e seus contornos.

Áquelles que á vista dos dados verdadeiros, que forneço, se quizerem dar ao trabalho de confeccionar uma obra perfeita e duradoura cabe esta gloriosa tarefa.

Anta de pello ruivo, preto e as pequenas conhecidas debaixo do nome de Cambassica.

Bogios grandes barbados, pretos e os pequenos.

Capivaras grandes, brancas, pequenas, ruivas e cão silvestre, cutias ruivas, cachorro do mato, coelhos pardos e brancos, camaleões vermelhos, amarellos e verdes.

Gatos do mato de seis especies, a saber: os grandes, os mouriscos, os pretos, os baios, e os jaguareticos.

Jaguapeva, especie de cão sem pello; os guaraxões são baios, Irara outra especie de cão do mato de côr preta, branca e parda, jaguanes, especie identica de tamanho diminuto, jacarés grandes e pequenos.

Monos grandes e pequenos, a que chamam guaratás, macacos grandes de cara branca e pequenos pintados, denominados Saguys.

Onça preta ou tigre, onça sussuarana de pello avermelhado e cara preta, onça pintada de malha grande e de malha pequena, onça leoparda ou cangussú, ouriços caixeiros grandes e pequenos.

Porcos montezes pretos, ruivos e os de queixo branco, tatitus pertencentes á mesma especie porém de corpulencia inferior, preguiça, pacas grandes e pequenas, pintadas e ruivas.

Quati-mundé grandes e pequenos, pintados avermelhados.

Raposas brancas, pretas e amarellas, ratos do mato baios de rabo preto, pardos de rabo grande e outros denominados detugarapes, pertilhões e apreá.

Tamanduá grande, vulgarmente denominado bandeira, tamanduás de diversas especies inferiores, tatús grandes, tatuaiba, tatupeba, tatúcanastra, tatú-bola, tatuira ou tatuim.

Veados pardos, e baios ou oirás, guatupáras ou fuscos e outros muitos conhecidos pelo nome de Catingueiras, do mato, campeiros e sussuapiras e finalmente a ariranha, o lobo, a doninha e o porco espinho.

Dos reptis.— Ha nas matas da provincia do Paraná desoito especies conhecidas nas cobras, a saber: A jararacussu, jararaca preta branca e malhada, surucucu, sucuri, quatiana preta, boiximinpreta, caninana preta e amarella, cascavel, coral, vibora, embirussu, voadeira, cobra da agua cobra bra de duas cabeças, cobra-sipó.

A cobra nova, esta cobra passando amiudadas vezes sobre o corpo, mata. A aranha caranguejo, a lacraia doninha, a entanha, o sapo de chifre, a jui e muitas outras, que seria fastidioso enumerar.

Das aves. Araponga, anum, andorinha.

Beija-flôr de doze especies, bentivis, beitacas, biguás.

Colhereira côr de rosa, canario, caracará, coricôxos, cuitellos, cardeaes, corruira, carachós, caturritas, cochixas, chupins azulados e cinzentos, cegonha, coruja, corvo.

Faizão.

Garças brancas, gaivotas, ganços do mar, gaviões grandes e pequenos, gralhas, guaias, guaranás, guarim branco, guachos.

Jucús, jacupemas, jacutinga, jacucácus, Japió, inhambú, jacudiás e jacanás.

Macucos, maracanãs, marrecas do mar, martim pescador.

Pavões, papagaios verdes e pardos, periquitos, patos bravos, pardaes, picapáo, paparros, petanha, pechica e pombas do mato.

Quero-quero.

Socós pretos e brancos, saracuras, sabiás, sabiauna, sanhassú, solteiras, sundarás, sahiras ou chilradeiras de diversas especies.

Tucanussú, tucanos de diversas côres, tucanos-araguans, taugarás pretos, tintim, tico-tico.

Verdilhões, virabosta, uruz.

Xupins pretos, amarellos e de diversas outras côres.

Dos insectos.—Quinze são as qualidades de abelhas silvestres, conhecidas vulgarmente debaixo dos seguintes nomes, a sáber:

Garaipu, tobuna, agetahy, tapissoá, tojuva

preta, nhoceron, iratim, nhegon, mandaisaia, imerim, voraz, mandiri, tojuva vermelha, vohira, irapoá.

Além destas, temos já domesticadas as especies seguintes :

Urucus, meinbuca, atheuba, capineira, tatuhyra, acaruára, preguiçosa e mosquitinho.

Accresce a este catalogo sete qualidades ou especies distinctas de vespas, a saber:

Mamangabas, cassonangas, guaráca pretas, cambessim vermelhas, irixiguans, maribondos pretos, brancos e vermelhos.

Muitos outros insectos, taes como os perna-longas, os borrachudos, os bolucos, existem : fóra porém, fastidioso enumera-los.

Dos peixes —E' proverbio desde a mais remota antiguidade, que as bahias de Paranaguá e toda a sua costeira, pelo lado do oceano, foram sempre mui piscosas.

Os carijós, mui dados a vida do mar, de preferencia a toda a costa do sul, vieram estabelecer suas cabanas nestas paragens em consequencia da grande abundancia de pescado, que ahi havia.

Outr'ora Paranaguá suppria de peixe secco e salgado as capitanias de S. Vicente, Rio de Janeiro, Bahia e colonia do Sacramento ; hoje, porém, esta industria, como muitas outras, está quasi

abandonada: apenas pescam o necessario para supprir a praça do mercado.

Os lugares mais piscosos da bahia são : ilha das Peças, das Cobras, Cutinga, Rasa Grande e Pequena, Jerêrê, Guararema, Teixeira e differentes outros lugares, que não denominaremos para não cansar a paciencia do leitor

Encetaremos o penoso trabalho da qualificação das especies mais vulgarmente conhecidas, e são: alambari, acará, aripotanga, ariranha, badejos, bagre branco e amarello, boto, barbudo, cassão, cassonetes, cruvina-carauna, calafate , casada, dourado, espargo, guaçari, jasseraia, jacaré do mar, ipiúba, jundia, lingoado, mandehy-more, mandehitinga, mero, miraguaia, olhete, palombeta, pescadinha branca e amarella, paraty, peixe agulha, dito espada, peabanha, peixe páo, papa-terra, parús, parúba, paratipucú, picopeba, roncador, raias, robalo, sargo, saguiaru, saveiha, sardinha, tainha, tainhóta, tarcupotanga , tarahyra, tarahirussú, taiabacu, tartaruga, xupête, garopa.

XI.

DA MINERALOGIA.

O municipio de Paranaguá, que outr'ora abrangia igualmente Antonina e Morretes, ficou pela ultima divisão muito reduzido.

Suas minas antigamente muito florescentes e afamadas ao presente estão esgotadas, abandonadas, e quasi esquecidas.

Contentando-se os nossos antepassados em colher as palhetas, que achavam na superficie da terra, sem comtudo buscarem as veias, rasgarem a terra e extrahir os metaes preciosos, logo que lhes alteou a camada da superficie, deram-as como fextinctas.

Os lugares, em que as veias superficiaes se apresentaram foram nas margens e algumas vezes nos leitos dos rios Gurguassu, Assemguz, Tagassaba, Faisqueira, Pinto e Guarumbi.

A maior parte das lavras fazem parte ao presente do districto de Morretes e estão abandonadas pela falta de industria dos habitantes e estudos especiaes para desempenho de semelhante mister.

As minas de prata abundavam na serra, por cujo nome é hoje conhecida. O grande custo que encontravam os mineiros, a pouca pratica e nenhuma experiencia, que tinham da maneira por que se deviam escavar as minas, fez com que fossem ellas abandonadas, ignorando se hoje até a existencia de seus jasigos.

O azougue ou mercurio vivo abunda por baixo das camadas vulcanicas, conhecidas vulgarmente pelo nome de pissárra, nos dous angulos extremos da cidade; fazendo-se notavel a que fica pela parte do Estaleiro, demandando as ribanceiras do rio Chimbo.

Tambem não seria difficil encontrar-se o estanho e o enxofre na mesma peripheria se alguem apparecesse, que se desse ao trabalho da exploração.

Abundam as pedreiras de que se extrahem as pedras para rebollo, as de tabatinga branca finissima de qualidade identica á da China.

Muitas e variadas são as preparações ferruginosas, que se manifestam pelas côres amarella, roxa, encarnada e preta, que apresenta o barro.

XII.

INDUSTRIA.

Muito mais adiantados se mostraram os nossos antepassados na industria agricola do que nós, mais avisados andaram quando, obedecendo á uma só cabeça porfiavam em avantajar-se uns aos outros por actos de decidido civismo; mais amavam o seu paiz quando até á custa de seus cabedaes promoviam a sua prosperidade.

O que vemos nós hoje? Todos os homens entregues a uma politica retrograda, a desunião plantada no paiz e por conseguinte a nossa fraqueza patente aos olhos avidos do estrangeiro, nossos campos desertos, nossas cidades menores sem industria, a pobreza por toda a parte, e com ella a miseria e o seu triste cortejo.

Qual o paiz do mundo mais favorecido pela natureza para a plantação do canhamo, do algodão,

do que o Paraná? Que melhor lugar poderiam encontrar para a edificação de uma fabrica, que se occupasse da reducção da materia prima a finos e delicados tecidos?

Que milhares de arrobas de fino chá não poderia exportar esta provincia se um curioso curasse de sua plantação e preparo?

A mamona, que vegeta por toda a parte espontaneamente, se fosse reduzida a oleo e exportada, que lucro fabuloso não offereceria ao especulador, que se entregasse á sua cultura?

E o fumo? Que grande commercio não poderia essa bella provincia sustentar com a Europa, que lhe pagaria em tecidos de todas qualidades, que postos no seu mercado, lhe ficariam infinitamente mais baratos do que idos do Rio de Janeiro?

Que vantagem não teria o chimico na fastura da soda e dos nitratos extrahidos de tão variada collecção de vegetaes uteis ora abandonados?

Quando chegará a vez do Paraná erguer altivo o seu collo ora tão curvado?

XIII.

DESCRIPÇÃO DOS EDIFICIOS PUBLICOS DE PARANAGUÁ, NOTICIA DAS DIVERSAS IRMANDADES E CORPORAÇÕES, INCLUSIVE A ESTATISTICA DA POPULAÇÃO ATÉ 1849.

O nome por que os indigenas denominavam a bahia do Paraná; por corrupção chama-se hoje indistinctamente Paranaguá, comprehendendo essa designação a bahia e cidade, cuja invocação é de Nossa Senhora do Rosario.

Esta villa foi elevada á categoria de cidade pela lei provincial n. 5 de 5 de Fevereiro de 1842.

Fica collocada á margem esquerda do Itibiré proxima a sua fóz, e distante da ilha da Cutinga, que lhe fica fronteira, 1 1/2 legua

Seus edificios se estendem sobre uma grande planicie de arêa, e ficam sobre uma ribanceira escavada pela corrente das aguas do rio.

Não é apparatosa vista de longe, porque a ilha da

Cutinga e as sinuosidades do rio a occultam em grande parte.

Se, porém a cidade em vez de ter sido ahi collocada o fosse á beira do mar, na costeira de Nossa Senhora do Rocio, onde fica a parte mais larga da bahia, e onde precisamente o panorama, que apresenta, é o mais aprazivel; se em vez de escondida pelos montes, que a cercam por todos os lados, estivesse desassombrada, certo que poderia rivalisar, vista do mar, com a bahia de Nitherohy. Apesar de tudo, o effeito não é desagradavel.

Foi elevada á categoria de villa em 1648 e outr'ora ennobrecida com o titulo de capitania, que lhe conferio o marquez de Cascaes, considerando-a propriedade sua.

Os habitantes desta cidade de 1811, com a sua camara municipal á frente, mandaram diversas petições a Sua Magestade, impetrando a graça de sua separação da provincia de S. Paulo, e a creação de uma provincia com Paranaguá por capital. *Muito acertados andaram ambos quando redigiram suas supplicas nesse sentido; pois que de semelhante medida depende a prosperidade da provincia inteira.*

Seu governo civil e militar sempre esteve nas mãos dos capitães-móres até 1765, em que passou para a dos officiaes militares, sendo o primeiro desta classe o ajudante de ordens do general da capitania, Affonso Botello de Sampaio e Souza,

seguindo-lhe sem interrupção seus successores até a época em que o Paraná foi elevado á categoria de provincia.

Releva, comtudo, notar que não foram extintos os capitães-móres; restringio-se apenas sua autoridade, que ficara limitada ao commando dos corpos de ordenanças: ainda hoje algumas destas autoridades existem em Curitiba, Paranaguá e Morretes.

In illo tempore, contava a cidade como seus melhores edificios publicos os seguintes:

Uma casa da camara, toda de cantaria, a qual foi reedificada em 1844 ás expensas da assembléa provincial, que para semelhante fim lhe outorgou pela lei de 30 de março do mesmo anno, 1:000$.

O collegio dos antigos jesuitas, onde infelizmente está ao presente a alfandega e aquartelamento da tropa de linha e guarda nacional destacada.

Uma casa de maçonaria, uma identica onde funccionava a sociedade de baile denominada Amizade, a casa da polvora, hoje em ruinas, o hospital da Santa Casa da Misericordia, o theatro, a capitania do porto e ás igrejas matriz, ordem terceira, capellinha do Senhor Bom Jesus e S. Benedicto.

Descreveremos separadamente cada um dos edificios antigos ou modernos, quando delles nos occuparmos.

A instrucção primaria é limitadissima; ha apenas na cidade de Paranaguá duas escolas de primeiras letras para meninos, outras duas para meninas, um collegio com internato para o sexo feminino e uma escola de latinidade.

O licêo, que a assembléa mandou crear em Curitiba, antes o tivesse creado em Paranaguá, onde a civilisação e o desejo de instrucção estão muito mais desenvolvidos.

O crescimento da população é maravilhoso. Em 1785, contava a comarca de nossos dias apenas 3,427 habitantes, e hoje podem ser orçados sem receio de erro os moradores dos dous districtos em 19,000.

A estatistica de 1849 mostra-nos que o 1º districto se divide em 20 quarteirões, os quaes contam 1,253 casas habitadas com 1,568 fogos, que equivalem a 12,544 almas.

O 2º districto se compõe de 12 quarteirões com 698 fogos, que equivalem a 5,584 almas.

Se a este calculo estatistico muito irregularmente feito juntarmos mais 2 %, é possivel que obtenhamos o algarismo approximativo da verdadeira população.

Este crescimento não deve admirar áquelles que sabem que os casos de longevidade em Paranaguá e seus contornos são muito usuaes, aquel-

les que sabem que o termo médio da vida de uma creatura nesse clima é avaliado em 70 annos.

O porto tem bom surgidouro, as embarcações podem atracar ao cáes, onde ha fundo bastante, apezar das correntes terem-o prejudicado consideravelmente, e tanto, que hoje se vèm muitissimos bancos de arèa, onde outr'ora era fundeadouro para as grandes galeras, que largavam ancora em frente á Matriz e Ponte Grande (ponta extrema da cidade pelo lado do continente)

O commercio se divide em duas partes bem distinctas uma da outra, a saber: a que diz respeito ao commercio de exportação, que é privativamente entretido com as republicas de Montevidéo, Buenos-Ayres e Chili; e o de importação ou cabotagem, que é feito com o Rio de Janeiro, Santos, Rio-Grande do Sul, Santa Catharina, S. Francisco, Bahia e Pernambuco.

Com a Patagonia e Sallado, antigamente houve algum commercio, que se extinguio *desde que os capitães de navios deixaram de fazer as viagens não perdendo a costa de vista*

A exportação constava de farinha de mandioca, peixe salgado e secco, madeira, embé, até o anno de 1807; deste anno em diante juntou ao catalogo dos generos nomeados, mais o arroz pillado, farinha de trigo, trigo em grão, herva mate em

bruto, taboado, bêtas de embé, couros, meios de sola e pouco café.

Ao presente, á excepção da herva mate e da madeira, tudo o mais é importado por esta mesma cidade, cuja agricultura foi outr'ora tão florescente ; accrescendo a este triste quadro a carestia dos fretes e a exorbitancia dos mesmos, autorisada pelo monopolio.

No anno financeiro de 1848 a 1849 sahiram do porto de Paranaguá, com destino aos outros portos, 100 embarcações com 5,836 toneladas e 92 para o estrangeiro com 22,940 toneladas.

Neste mesmo anno exportaram-se 336,713 arrobas de herva, e a renda da alfandega montou á quantia de 95:681$086.

No de 1859 a 1860 exportou-se 460,454 arrobas de herva no valor de 1.562:562$609 sendo os direitos cobrados pela Alfandega de 80:754$546. Neste mesmo anno foi o rendimento total liquido della de 135:201$210 e o bruto de 149:833$029.

As embarcações sahidas para portos nacionaes foram 89 com uma tonelagem de 8,275 e as com destino aos portos estrangeiros 48 com uma tonelagem montante a 13,778.

Civilisação, genio e caracter.—Os paranaguenses muito se têm avantajado no trilho da civilisação em consequencia do trato, que têm tido já com os filhos das grandes cidades, já com o estrangeiro ;

são urbanos, joviaes, hospitaleiros, e têm bom gosto para trajar.

O jogo das linguas estrangeiras não lhes é no todo indifferente, o que na verdade se harmonisa com a avidez, que se lhes nota por tudo quanto póde ser instructivo ; são curiosos em extremo, quer com referencia aos estudos scientificos, quer com relação ao trato particular ou interno.

As senhoras são criticas e dadas a um luxo excessivo, e que se não compadece com a pobreza da provincia, dansam regularmente e não sem alguma graça, são galanteadoras e propensas á satyra picante. Em geral são apreciaveis no trato intimo, excellentes mãis, polidas e agradaveis ; tocam regularmente o piano, mas não são dadas ao canto.

Tranquillidade publica.—Se um partido denominado *cascudo* e outro *pellado* não tivessem fomentado reciprocamente calumnias, intrigas e a sisania ; se em vez de seus chefes só procurarem empolgar as posições officiaes em favor dos membros de sua familia, com exclusão dos da outra ; se só lançassem mão dos meios legaes para attingirem as regiões do poder em lugar de se entregarem ao asqueroso papel de intrigantes politicos, haveria em Paranaguá a mais sincera e fraternal amizade entre as familias principaes.

Se a união formasse a base desta sociedade ; se

uma vontade energica se levantasse para destruir a intriga, plantar a moralidade, castigando ao criminoso protegido, seria essa cidade a mais morigerada e pacifica de todo o Brasil.

Ainda assim, no espaço de 15 mezes, que alli rezidimos, não nos lembra ter ouvido fallar de que se tivesse feito uma prisão por disturbios ou perturbação da tranquillidade publica.

Este espirito mesquinho de partido, mas que classificamos como espirito de interesses pessoaes, tem levado á decadençia e ruina a cidade de Paranaguá, outr'ora tão florescente.

A desunião lavrou até nos seios das sociedades recreativas, que uma após outra, fecharam todas as suas portas, deixando a cidade entregue á mais absoluta e profunda monotonia.

A illuminação publica que outr'ora a camara municipal, quasi sem recursos, fazia, hoje, posto disponha do triplo dos rendimentos, julgou dever illimina-la por economia.

Logo que anoitece as ruas das cidades ficam entregues á mais completa escuridão se o Creador não suppre esta lacuna, mandando que o satellite da terra faça o seu gyro.

Se se não rouba impunemente, não é porque a policia esteja vigilante, nem disponha de largos recursos, é porque, seja dito em honra dos paranaguenses, na cidade,ou antes em todo o munici-

pio, não ha assassinos ou larapios. Pode-se com toda a liberdade e franqueza dormir a somno solto, deixando-se as portas escancaradas, que no dia seguinte se achará tudo, inclusive o dinheiro, que se tiver deixado sobre a mesa e bem patente para quem transitar pela rua.

Se houvesse quem tomasse a peito destruir essa decantada politica egoistica e vil, que tudo destróe e acaba, teria prestado um assignalado serviço a toda a provincia, què, desassombrada desse pesadelo maldito, prosperaria em um periodo muito limitado.

Creio, e posso affirmar que a mudança da capital de Curitiba para Paranaguá, onde existe o foco da intriga politica, attingiria a esse desideratum, muito principalmente se o presidente da provincia fosse energico e proprio para nullificar certos personagens, que tudo pretendem invadir e avassallar.

A vocação dos paranagueuses pelas sciencias astronomicas é decidida. Aquelles que por suas posses se têm podido dedicar a ellas, têm provado vantajoso aproveitamento.

Assim que, muitos delles se têm distinguido por notaveis discursos proferidos na assembléa provincial; discursos em os quaes se observa o mais decidido patriotismo.

Alguns dos mais notaveis e talentosos seriam

effectivamente eleitos a assembláa geral, se no seio da provincia não tivesse lavrado a intriga, que tem sido alimentada e explorada em beneficio de homens, sem duvida muito distinctos, porém inteiramente estranhos aos interesses mais vitaes da provincia.

A applicação dos paranaguenses pelo commercio é manifesta; uns tem em outras provincias do imperio vingado fazer avultada fortuna, outros a têm ido procurar em paizes estrangeiros e tem sido tão felizes como os primeiros.

A vocação pela vida maritima lhes é innata e tão pronunciada que, faltando-lhes os meios de instrucção, sujeitam-se a servir na qualidade de praticantes sem vencimentos por dous e mais annos a bordo dos navios mercantes.

Muito pouco desenvolvida é a agricultura da provincia e tão pouco desenvolvida que quasi toda ella está inculta; comtudo notam-se, ainda que muito poucos, alguns estabelecimentos bem montados para preparar a aguardente, moer a canna, pillar o arroz, debulhar o milho, fazer a farinha etc.

Não concluiremos este artigo sem tornarmos bem saliente a propenção desse povo pela vida do mar: servirá isto de desmentido áquelles que estão convencidos, de que o brasileiro é inimigo do mar ou antes não tem vocação por essa vida.

Como prova da nossa proposição, e assentando os nossos argumentos em factos consummados, diremos que os poucos paranaguenses, que têm logrado aprender a nautica, têm dado provas do seu aproveitamento exhibindo as cartas de *sota sem limites* que lhes tem conferido a academia de marinha; diremos mais que de preferencia dedicam-se á navegação do alto mar.

E o que é mais notavel ainda, é que alguns não sabendo lêr nem escrever, conduzem praticamente os seus navios ao porto do seu destino com tal segurança e certeza, que causa verdadeiro pasmo.

Em regra geral, são os habitantes da marinha excellentes praticos da costa, pois que conhecem todos os seus recifes, canaes, varadouros e furados.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

INDICE.

I—Descoberta do Brasil, dita da capitania de S. Vicente, fundação da villa de Paranaguá. 5

II—Fundação da villa de Paranaguá e outras. . 43

III—Discripção topographica das montanhas, e serras, collinas e outeiros, comprehendidos na bacia da bahia de Paranaguá até a villa de Cananéa. 49

IV—Discripção hydrographica das bahias de Paranaguá e dos rios que nellas desaguam. 55

V—Agricultura do municipio de Paranaguá, nas margens de seus rios, fertilidade vegetativa do seu solo 77

VI—Clima e salubridade dos municipios de Paranaguá, Morretes e Antonina 81

VII—Breve noticia sobre as tribus Carijós, que outr'ora popularam os contornos da bahia de Paranaguá 85

VIII—Roteiro geographico das distancias de uns para outros lugares no interior e exterior da bahia de Paranaguá até S. Paulo . . . 91

IX—Titulogia das florestas preciosas, ervas medicinaes e outros vegetaes semelhantes . . 97

X—Zoologia dos animaes quadrupedes, terrestres e aquaticos, peixes e aves, que povoam as florestas e aguas do municipio de Paranaguá. 103

XI—Da mineralogia 109

XII—Industria 111

XIII—Discripção dos edificios publicos de Paranaguá, noticias das diversos irmandades e corporações, inclusive a estatistica da população até 1849 113

APONTAMENTOS HISTORICOS.

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

XII.

APONTAMENTOS

HISTORICOS, TOPOGRAPHICOS E DESCRIPTIVOS

DA CIDADE

DE PARANAGUA.

POR

DEMETRIO ACACIO FERNANDES DA CRUZ

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO
Rua do Rosario n. 84.

1863.

I.

DESCRIPÇÃO GERAL DA CIDADE DE PARANAGUÁ, RUAS, TRAVESSAS E EDIFICIOS.

A cidade de Paranaguá está collocada em uma planicie; seus edificios são quasi todos de pedra e cal nas paredes principaes, e de estuque nos repartimentos internos.

Poucos são os sobrados existentes, mas esses mesmos, apresentando uma frente vistosa e de gosto, são mal divididos.

A maior parte das casas são terreas ou assobradadas, edificadas á moderna, porém dispondo todas de más divisões internas.

Em 1810 contavam-se na cidade sómente 12 moradas de casas de sobrado; em 1845, quarenta e cinco e em 1861, cincoenta e duas.

As ruas pela maior parte são quasi rectas; as antigas resentem-se de curvatina no rumo de nor-

te para sul,assim como as travessas,que as cortam ; resentem-se do mesmo mal em sentido contrario, de leste para oeste.

Poucas são as que existem calçadas ; e as que existem tem o calçamento pela gramma, que o tem impunemente invadido em consequencia do abondono e deleixo da camara municipal.

O terreno é conformado de um saibro duro, pouco sujeito ás filtrações e por conseguinte enxuto.

Apezar de abandonadas, as ruas conservam-se limpas e sêccas,máo grado as grandes chuvas,que no verão desabam sobre ellas.

Haviam 46 lampeões, pregados em diversos lugares, os quaes, com excepção de 6 que servem para illuminação das fontes, estão guardados no saguão da illustrissima E'essa a razão por que,não havendo lua,permanece a cidade na mais completa escuridão, e todo aquelle que tem necessidade de sahir é obrigado a levar diante de si um criado com uma lanterna.

A cidade,no seu todo,apresenta a figura de um quadrilatero, contando 11 ruas principaes, 8 travessas e 600 predios.

As ruas são designadas pelo nomes de da Praia, Cadêa, Ordem, Ouvidor, Direita, Gambôa, Matriz, Fogo, Misericordia, Boa-Vista e Campo.

As travessas são : de S. Benedicto, Pescadores,

Rosario, Alfandega, Ypiranga, Flôres, Bom Jesus e Conceição.

Os logradouos publicos são apenas tres: Arsenal, Estaleiro e Pelourinho.

Campo ou largo ha só o do Rocio Grande. A rua da Praia fica collocada á margem do Itibiré, é cercada por um cáes de pedra e ornada de muitos armazens importantes, e vai terminar pouco além do collegio dos antigos jesuitas.

A rua da Cadêa principia proxima á portaria do collegio e vai terminar com a da Ordem, que é o seu seguimento na ribanceira denominada do Estaleiro. No seu prolongamento ficam o collegio, camara municipal e o antigo edificio, que em 1820 denominava-se Casa da fundição do ouro e finalmente a igreja de S. Francisco das Chagas.

A do Ouvidor atravessa a cidade paralella a da Cadêa pelos fundos da qual fica collocada, principia, na fonte do Doutor e termina nos fundos da igreja da Ordem Terceira.

A Direita começa no largo da Matriz e acaba em frente á capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões, é uma das mais espaçosas, porém em completa antithese com o seu nome.

A da Gambôa, vulgo da Fonte, principia no largo da Matriz e acaba em frente á igreja de S.Benedicto; é recta, comprida e a mais larga de todas.

A Baixa começa na face esquerda do largo da Matriz e finda nas margens do Itibiré.

A da Matriz principia abaixo do rio e morre no largo, em que está collocada a igreja.

A do Fogo foi a primeira e máis antiga, que se fez na cidade e é ao presente a menos frequentada.

A da Misericordia é igualmente uma das mais antigas e mais rectas, principia ao lado da sacristia da Matriz e finalisa ao lado do hospital da Misericordia.

A da Boa Viagem começa ao lado da Ordem Terceira e segue rectamente até uma pequena ribanceira; pelo correr do tempo transpôla-ha para estender-se na planicie, que vai ao mar.

O Campo tem origem no lugar denominado Valla e vai terminar na estrada do Rocio Pequeno.

A travessa de S. Benedicto principia beira mar e acaba no Campo Grande.

A dos Pescadores principia e acaba no mesmo lugar.

A da Alfandega tem a mesma origem, porém acaba no mesmo largo da Alfandega.

A do Ypiranga principia junto á praça e termina na estrada do caminho do Rocio Pequeno.

A das Flores principia no fim da rua da Cadêa e vai sahir ao Alto.

A do Bom Jesus principia no cáes da Praia e finalisa na rua da Misericordia.

A da Conceição principia a um lado da Ordem Terceira e vai ter ao Alto.

Dos logradouros publicos, o Arsenal tem 50 braças de frente sobre 25 de fundo.

O Estaleiro tem 250 palmos de frente sobre 226 de fundo.

O Pelourinho tem 335 de frente sobre 216 de fundo. Neste largo, abaixo do barranco da rua da Cadêa em terreno plano e fronteiro ao cáes, foi posto o Pelourinho, feito de uma grande pedra de cantaria lavrada e oitavada, posta sobre quatro degráos e na sua base exterior deram-lhe por allegoria um cutelio de bronze.

O Campo do Rocio Grande tem mais de 50 braças quadradas em terreno plano e direito, tapetado de verde relva e orlado de mato alto.

A um lado deste campo está edificada uma boa e abundante fonte de agua potavel toda de cantaria, com tres bicas, a qual foi pela ultima vez reedificada em 1831.

Além desta fonte ha a chamada de Cima e a easa da polvora com um pequeno quartel mais afastado, a qual foi feita em 1828 por ordem da junta da fazenda de S. Paulo, de accordo com o governador, coronel João Francisco Bellegarde.

Ao presente tanto o quartel como a casa da polvora estão em completa ruina.

A cidade é dividida em dous districtos e 32 quarteirões, pertencendo ao primeiro 20 e ao segundo 12. O primeiro ou o da cidade se divide em quatro partes a saber : norte, centro, sul, e Rocio Grande e Pequeno.

Nestes quatro districtos contavam-se em 1850 sete mil habitantes.

Os outros districtos são o da costeira do Rocio ao Embuguassu, o do rio Bucuhy o do ribeirão e ilha do Foral, o do rio das Pedras e ilha do Teixeira, o da costeira de Pessagura, sacco da Tamborotaca,ilhas da Cutinga, Rasa e Seca, rio Itaguari,e ilhas Valadares, rio dos Almeidas, dos Corrêas, Grande do Grogussu e suas ramificações, Macieis e sua costeira, Barra do Sul e rio Peruipe e finalmente o da ilha do Mel.

O 2º districto de Guareksava divide-se em 12 quarteirões : o 1º, comprehende a ilha das Peças,costa do Guamandituba,rio das Larangeiras, Sambaqui e Pescados ; o 2º, rios do Poruqueira, Mai Luiza, costa da Bertioga, Superaguy e Varadouro Velho ; o 3º, comprehende os rios Real, da Paciencia,Segredo,Varadouro,Sebuhy e Bareguy; o 4º, os rios do Circo Grande, Cerquinho, costeira do morro de Guareksava e Retiro ; o 5º, os rios Guareksava, Morato do Pavuna, das Canoas, das

Palmeiras e Pirassinunga ; 6º, o morro do Trimomó, barra da Serra Negra, rios Serrão, Assemguy; o 7º, rio da Serra Negra; o 8º, rio de Tagassaba ; o 9º, rio Borrachudo, Boa Vista, ilha do Benito ; o 10, rio Itaqui ; o 11, rio Massarapoan e as ilhas Rasa Grande e Gamellas ; o 12, rios Madeiras, Retiro e costeira da bahia até a ponta do pasto.

A população delles em 1850 era de 14,996 habitantes, dos quaes 12,886 livres e 2,110 captivos.

Os contornos da cidade estão situados nos terrenos pertencentes á camara municipal e constam de duas divisões, a saber : Rocio Grande e Rocio Pequeno. Para o primeiro vai-se pelo lugar denominado Alto, no centro do qual fica a sua entrada. Para o segundo, principia a sua estrada logo adiante da Fonte Velha : uma e outra de suas orlas são cercadas de arvoredos, que com qualquer tempo permittem aos viajantes abrigo contra os raios do sol, ás vezes de uma intensidade esmagadora.

Historico da igreja Matriz.—A igreja matriz de Paranaguá está sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario, que é a padroeira da cidade. Sua fundação data de remota antiguidade.

Suppõe-se que fôra erecta pelo decurso do

anno de 1560, por occasião de ter lugar a transmigração dos povos da Cananéa para esta cidade.

Não deixam de ter fundamento aquelles que pensam por essa fórma, porque antigamente era o primeiro cuidado dos povos a edificação de uma igreja nos lugares de sua residencia; accresce ainda a este raciocinio que já em 1578 se trabalhava com afinco nas minas de ouro de Paranaguá; ora, se os povoadores da Cananéa juntavam-se aos mineiros e exploradores vindos das mais capitanias, tornando por conseguinte crescente e palmar o augmento da população; se todos elles christãos e religiosos não podiam prescindir de uma igreja e um parocho, é evidente que a factura da igreja devia de ter tido lugar por essa mesma época.

O que é verdade, é que já em 1661 fôra a igreja reparada pelos esforços da camara municipal, que por seu edital de 1º de Outubro do dito anno, concitava os povos a concorrerem com esmolas para semelhante fim.

Isto posto, da maneira por que eram feitas as obras na antiguidade, e com o cuidado que nesses remotos tempos empregavam na escolha dos materiaes, forçoso é dar-se-lhe pelo menos de 80 a 100 annos de existencia, os quaes, deduzidos de 1661, nos lega em resultado 1561, que não hesitamos affirmar tivesse sido a época precisa de sua fundação.

A segunda reparação teve lugar entre o espaço que mediou aos annos de 1723 a 1733, como se deprehende das representações feitas pela camara municipal a el-rei, pedindo-lhe mandasse que as despezas feitas com os reparos corressem pelos cofres reaes.

Em 1741 mandou a camara fazer-lhe alguns reparos e forra-la; esta obra foi feita por arrematação, sendo o seu empreiteiro João da Silva.

Em 24 de Janeiro de 1804 o vigario Joaquim Julio da Resurreição Leal requereu ao Ouvidor, mostrando a urgencia que havia de um caibramento geral no corpo da igreja; esta obra teve lugar entre os annos de 1805 a 1806.

Em 1839 foi reedificada a capella-mór com o auxilio de 1:000$, que para tal fim mandou a assembléa provincial dispôr pela sua autorisação de 21 de Dezembro de 1838.

Com esta obra despendeu-se 993$980, como se vê da conta junta ao officio de 21 de Setembro de 1839, mandado pela camara ao presidente.

A camara, em virtude de ordens da presidencia, de 28 de Abril de 1838, orçou toda a despeza com os reparos geraes da igreja em 5:200$.

Sendo a consignação da assembléa de 1:000$, impossivel era realizar-se semelhante obra.

A camara, para que a obra não parasse, e ainda lhe faltasse concertar o pavimento e altares late-

raes, contrahio um emprestimo de 960$ com varios cidadãos, que o deram sem juros; deliberação esta que ella julgou dever levar ao conhecimento da presidencia em o seu officio de Novembro de 1841.

A assembléa pôz mais á disposição da camara a quantia de 600$ para continuação dos mesmos reparos.

Ultimamente a assembléa poz mais 1.000$ á disposição para as novas obras e a presidencia designou uma commissão para presidi-la.

Tendo-se esgotado aquella quantia e mais as esmolas dos fieis, agenciadas por mais de uma vez pelos tres membros da commissão, parou definitavamente a obra.

II.

DAS IRMANDADES.

Ao certo ninguem hoje poderá precisar a éra da instituição da irmandade do Santissimo Sacramento; porque nenhum documento comprobatorio existe, que possa orientar o homem indagador em suas investigações.

Presume-se, com algum fundamento, que tivesse tido lugar pelo decurso do anno de 1648.

No livro dos compromissos da irmandade se acha registrada a provisão de 9 de Maio de 1732, expedida pelo bispo do Rio de Janeiro, D. frei Antonio da Guadelupe, approvando seus estatutos.

Estes estatutos por sem duvida não eram os primitivos; pois se evidencia que o primeiro livro desta irmandade foi rubricado em 5 de Março de 1703 pelo visitador Gaspar Gonçalves de Araujo;

e ainda mais, que pela acta de suas sessões de 17 de Abril de 1711 se conhece que já a este tempo contava ella 188 irmãos e 7 padres.

Para que já a esse tempo pudesse a irmandade contar com numero tão crescido de irmãos, era preciso que sua erecção datasse de alguns annos anteriores ; álem de que não era possivel que uma cidade maritima e christã deixasse de ter uma irmandade tão preciosa qual a do Santissimo Sacramento, logo depois da instituição de sua igreja parochial.

Essas e outras razões, que militam com referencia ao assumpto, nos inclinam a crêr que a sua erecção tivesse lugar em 1648,como dissemos.

Accresce que para ser inaugurada a irmandade carecia-se de uma provisão do bispo diocesano ; ora nesses remotos tempos essa capitania dependia immediatamente do bispado da Bahia em materias de religião, e pelos annos de 1552 a 1556 era bispo da capitania de S. Salvador, D. Pedro Fernandes Sardenha, que teve por successor em 1559 D. Pedro Leitão.

No primeiro livro antigo da irmandade encontra-se o registro de deliberação de uma de suas mesas, que teve lugar em 17 de Agosto de 1705, sujeitando áquelles que quizessem fazer parte da irmandade requerer á mesa para que ella syndi-

casse da idoneidade do individuo e approvasse a sua entrada, pagando o mesmo uma joia de 4$.

Esta clausula pelo correr do tempo foi sophismada com manifesto prejuizo da irmandade, que, seja dito de passagem, é a mais rica de todas as existentes nessa cidade, porque dispõe de duas classes bem distinctas de bens, a saber : a dos comprados com os seus rendimentos e a dos deixados em legado pelos seus irmãos finados.

Irmandade do Rosario. — E' incontestavel que a instituição desta irmandade data de mui remota antiguidade, quiçá do seculo 15, porque ella já tinha sua existencia antes da elevação de Paranaguá a categoria de villa e quando ainda era capella curada.

Nossa Senhora do Rosario, dos brancos, a padroeira da hoje cidade, tributando os povos antigos muita veneração ao padroado, é de presumir que fosse esta irmandade a primeira creada.

Não existindo os primeiros livros da irmandade, difficil é com certeza precisar-se a éra da sua instaliação ; comtudo pode-se suppôr que coincidisse com a imigração dos povos da Cananéa para estas localidades porquè com a data de 1 de Outubro de 1699 se encontra um requerimento feito ao vigario geral visitador do bispado do Rio de Janeiro, João de Sousa da Fonseca, pedindo para que elle abrisse, rubricasse e encerrasse um livro

para servir para os assentamentos da mesma, visto o primeiro pela sua vetustez parar em estado de não poder supportar mais escripturação.

Este primeiro livro para ter chegado a este estado de inutilidade era preciso pelo menos contar 80 annos de idade, deduzidos os quaes do da epoca do requerimento, nos dá a éra de 1619 ou 29 annos de existencia antes da elevação de Paranaguá á categoria de villa, pois que só em 1648 é que o foi.

Á estas circumstancias vem juntar-se o facto de ter já a irmandade em 1699 ornamentos em estado de não poderem mais servir.

Esta irmandade tinha o seu livro de compromissos, em o qual estavam traçadas as obrigações de todos os seus cargos desde o juiz até o irmão de mesa, classe esta que subdividia-se em perpetuos e temporarios, como se vê da lista feita em 1702 pelo procurador, Antonio do Rego Barrigão.

Na primeira classe estavam comprehendidos os moradores da cidade; na segunda sómente os moradores dos sitios, que por devoção inscreviam-se nella por uns tantos annos.

Ainda em 1669 era ella pobre, por quanto os seus rendimentos apenas chegavam a 19$600. Em 1702 subiram a 49$; assim foi progressivamente ascendendo até que em 1849 subiam a 800$.

A provisão de 26 de Junho de 1727, expedida pelo bispo do Rio de Janeiro, D. frei Antonio da Guadelupe, approvando o novo compromisso, nos induz a crer que ella tivesse outros, que foram por estes reformados.

Ao presente tem ella prosperado e nos leva a crer que a fé dos christãos fará com que esta prosperidade continue.

Irmandade de S. Miguel das Almas. — Tambem ao certo não se póde marcar a data da sua instituição : o que é verdade, porém, é que já em 1706 ella existia ; porque o bispo do Rio de Janeiro, D. Francisco de S. Jeronymo, na provisão de 7 de Junho de 1717, aceitando e approvando o breve expedido em favor da irmandade de Nossa Senhora do Rosario, por Clemente XI, fallando do Archanjo S. Miguel, affirmava ter elle um altar exclusivamente seu no corpo da igreja. E' evidente pois que a éra de sua installação deve remontar ao anno de 1667. E' pobre porque muito poucos são os seus irmãos, e os seus rendimentos firmam-se nas esmolas por elles tiradas ás segundas-feiras.

Irmandade de S. Antonio. — Ignora-se pelas razões por mais de vez apontadas a data de sua instituição; presume-se porém, que tivesse tido lugar por principios do seculo XVIII. E' de todas talvez a mais pobre, porque nem para fazer face ás suas despezas tem supprimentos.

Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas. — A Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas principou a edificação da sua igreja em o anno de 1770 e veio a conclui-la em 1784.

E' toda de pedra e cal, e com quanto seu frontespicio tenha muito de antigo, comtudo approxima-se alguma cousa da architectura moderna, principalmente na parte em que estão gravadas as armas da Ordem.

Está esta igreja collocada no fim da rua da Ordem e proxima da ribanceira do mesmo nome, que descamba por um dos lados do largo, que lhe fica fronteiro.

Servem-lhe de ornamento o altar-mór e dous collateraes: por cima do principal e regulando a altura das tribunas da capella-mór está collocado o de S. Francisco das Chagas. No collateral do lado da epistola fica o de Nossa Senhora da Guia; no do Evangelho Nossa Senhora da Conceição; nos dous nichos do altar-mór, Santa Theresa e Santa Rosa de Viterbo.

Está irmandade foi instituida em Paranaguá em o anno de 1770 em uma capella existente na ermida de Nossa Senhora das Mercês.

Nada de positivo se póde saber com referencia ao que se passou desde 1705 até 1746, em consequencia de terem sido os seus livros mais antigos destruidos pelo tempo; o unico, que existe, o de

seus accordaõs em 1646 foi rubricado pelo visitador, padre Francisco Manoel da Trindade.

Capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões.— A capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões foi edificada por José da Silva Barros conjunctamente com alguns de seus amigos.

Não tendo chãos proprios requereram á camara municipal lhe concedesse umas 28 braças de terrenos devolutos que a mesma possuia nas proximidades das casas do alferes João da Veiga, ao que annuio a camara pelo seu despacho de 1 de Dezembro de 1710.

No anno de 1711 têve principio a sua edificação, que concluio-se em principios de 1712. E' de architectura antiga e por conseguinte baixa e sem gosto.

O interior compõe-se de um altar-mór, em que está collocada a imagem do Senhor Bom Jesus dos Perdões, dous menores collateraes, um do lado do Evangelho, pertencente ao Senhor da Canna Verde, que foi do antigo collegio dos jesuitas, e de outro collocado do lado da Epistola, pertencente a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da irmandade da Santa Casa.

Esta capellinha tem passado por variadas phases impostas ou creadas pela ambição de outras irmandades.

A Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas

teve-a por espaço de 30 annos, a de S. Benedicto desde 1782 até 1796,em que o protector da capellinha, sargento-mór João da Silva Pinheiro obrigou aquella irmandade a assignar um termo de desistencia e outro de entrega por meio de inventario de todos os objectos em poder della e pertencentes a capellinha.

Por morte do primeiro protector, José da Silva Barros passou a posse da capella para a sua viuva, como se vê de um officio da Ordem Serafica.

E se bem fosse ella de exclusivo dominio da viuva, nem por isso nunca deixou de ser administrada por protectores nomeados por eleições,a cujo cargo ficava toda a responsabilidade na parte concernente á boa conservação da mesma.

Assim que,foi o segundo eleito o capitão Gaspar Gonçalves de Moraes, o qual, no anno de 1755, vendo que os religiosos franciscanos, que nesses tempos residiam em Paranaguá,haviam requerido a camara chão sufficiente para edificação de um convento com terras para quintal cercado; e que essa exigencia importava uma usurpação dos terrenos da capellinha,á isto se oppoz com toda a energia, requerendo ao bispo diocesano contra os mesmos, promovendo no juizo ecclesiastico de Paranaguá um pleito, cuja favoravel sentença obteve do vigario da vara, padre Francisco de Meira Collasso, e pôde conseguir a demarcação, funccionando na

mesma o promotor publico, Gaspar de Freitas Trancoso, padre José Nunes Gomes, syndico dos religiosos e o mesmo protector.

Por despacho do Rm. Dr. Vigario capitular, de 17 de Julho de 1766, a requerimento do protector foi concedida a permissão para reparar-se o arco da capella-mor, e diversos outros concertos mais insignificantes.

O terceiro protector foi o sargento-mór João da Silva Pinheiro; nomeado pelo vigario da vara Francisco de Meira Collasso, foi provido no mesmo lugar pelo visitador padre Firmino Xavier, depois da morte do antecessor, que teve lugar em 1774. Servindo effectivamente até 1791, requereu a sua demissão, allegando ter mais de 70 annos de idade e morar no Pillar.

Concedeu-se-lhe a demissão pedida em 1791, ignorando-se quaes foram os seus successores até o anno de 1805. No anno de 1798 o bispo D. Matheus de Abrêo Pereira, em visitação, chegando a Paranaguá, mandou que o visitador, Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, examinasse a capellinha, e á vista das informações obtidas deu o provimento de 21 de Julho, que é do teor seguinte: «...*que dalli em diante se faria annualmente a festa do Senhor no dia* 6 *de Agosto com uma missa cantada, á custa dos rendimentos de seu patrimo-*

nio, e que de accordo com o vigario fossem reparadas as alfaias para decencia do seu culto.

Em o anno de 1828 a 1829, sendo protector o ajudante José Antonio Pereira, teve principio a obra do novo frontespicio, que foi feita por uma subscripção pelo mesmo promovida entre os moradores, vindo a ficar concluida esta obra em 1834 pelos esforços do commendador Manoel Francisco Corrêa Junior e do Dr. Agostinho Ermelindo de Leão, que conseguiram arrecadar de uma subcripção, que promoveram, a quantia de 412$840.

Irmandade da Misericordia.—Teve principio a creação desta irmandade no dia 8 de Dezembro de 1836 na capellinha do Senhor Bom Jesus dos Perdões, tendo por padroeira Nossa Senhora da Conceição.

Os estatutos dos seus compromissos foram approvados pela lei provincial n. 30 de 7 de Março de 1830 e foi sanccionada pelo presidente, José Cesario de Miranda.

Originou-se esta irmandade de uma heroica associação, que havia em Paranaguá, cuja instituição datava de 9 de Outubro de 1831, debaixo do titulo de *Sociedade Patriotica dos Defensores da Independencia e Liberdades Constitucionaes.*

Na reunião, que teve lugar em 26 de Julho de 1836, o philantropo commendador Manoel Francisco Corrêa Junior mandou á mesa uma

proposta, que foi unanimemente adoptada pela sociedade, a qual tinha por fim soccorrer aos brasileiros necessitados; desta proposta originou-se a installação da irmandade da Santa Casa, de quem foi elle principal fundador.

A lei provincial n. 27 de 7 de Março de 1836, permittindo a esta irmandade a faculdade de adquerir bens de raiz até a valor de 40:000$, deu-lhe uma importancia extraordinaria.

Em 8 de Dezembro, pois, foi ella instituida pelos antigos socios da *Sociedade Patriotica dos Defensores da Liberdade*, que passaram a denominarem-se irmãos da Santa Casa da Misericordia.

Esta irmandade, em consequencia de haver estabelecido que cada irmão, que entrasse daria de joia 4 patacões, prosperou até o anno de 1849; desta época em diante, porém, tem ficado estacionaria. Até aquelle anno não só ella recebeu algumas deixas importantes, mas ainda muitos foram os concurrentes ao seu ingresso; dessa época em diante nem uma nem outra cousa se tem dado.

O hospital da Santa Casa foi edificado junto á capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões: sua frente mede 100 palmos e corre na mesma linha da da capellinha e 150 de fundo, seguindo a linha da rua da Misericordia. A frente conta 6 janellas de peitoril e a porta principal fica pela parte da

rua da Mizericordia por onde se estende o edificio, que conta nesta parte 11 janellas. Suas divisões interiores constam de uma grande sala que serve para as sessões da irmandade e 4 grandes enfermarias, uma saleta, que serve de archivo e outra maior onde está a botica.

Paralello a estas salas ha um corredor, que vai ter ao grande quintal e capellinha, o qual mede 8 palmos de largo. Para o fim deste corredor ha uma casa separada do edificio que serve de vivenda aos enfermeiros, e mais para diante tres enfermarias para senhoras. Em continuação do mesmo edificio ha quartos para o serviço interno, despensas, cozinha etc etc.

Para confecção deste hospital no anno de 1841 a assembléa pela sua lei n 30 de 31 Março de 1838 mandou dar á irmandade 2:000$. Não chegando, porém, esta quantia para conclusão da obra a irmandade adoptou o alvitre de pedir emprestado á sociedade—União Paranaguaense — a qnantia de 1:000$, pagaveis em prestações mensaes de 100$. Tinha-se, pois, até 1839, gasto com suas obras 3:704$, além da grande copia de dadivas, que a mesma teve em materiaes de toda a sorte e serviços gratuitos.

Um dos provedores, que mais impulso deu ás obras e importancia ao hospital, foi o tenente-coronel Joaquim Candido Corrêa, que pelo seu pres-

tigio e amizades conseguio muitos favores não só do governo provincial, como ainda de particulares.

Irmandade de S. Benedicto. Tendo desapparecido os livros da instituição desta irmandade, não se póde precisar a época de sua creação ; comtudo sabe-se que ella é uma das mais antigas, porque por um dos seus livros existentes vê-se que della foram juizes, João de Carvalho Soares em 1694 e Manoel de Carvalho Siqueira em 1696.

Esta irmandade esteve por algum tempo na matriz, aggregada á de Nossa Senhora do Rosario, dos pretos ; sendo porém esta extinta, os irmãos uniram-se á de S. Benedicto. Ignora-se igualmente a data de sua trasladação para a igreja das Mercês.

E' de presumir que datasse da creação da irmandade de Nossa Senhora do Rosario, dos brancos, que teve lugar em 2 de Dezembro de 1694, porque sabe-se que esta creação foi que deu lugar á extincção da dos pretos.

Tiveram principio as obras da edificação da capella em 1774 e de todo ficaram concluidas em 12 de Janeiro de 1796.

A igreja é feita de cantaria, a gosto mais moderno, e por conseguinte mais elevada que as outras de sua categoria, sua largura e frontespicio

não são desairosos, suas portas são largas, altas e de cantaria.

O acto mais importante desta irmandade consiste no termo, que assignou, obrigando-se á entrega por inventario das alfaias da capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões.

III.

EDIFICIOS.

Camara munipal. O paço da Camara Municipal está situado a meio da rua da Cadêa. Feito a gosto antigo resente-se sua architectura de sombriedade : sua frente tem 112 1/2 palmos de extenção e duas janellas com varanda de ferro no sobrado superior.

Do lado do sul, que é a primeira divisão, fica a sala, em que tem lugar as sessões da camara. A segunda divisão, do centro, conta duas janellas de peitoril ; a terceira duas janellas rasgadas e gradeadas, denomina-se esta parte a prisão grande.

No pavimento terreo da parte do sul fica uma porta e janella, que serve de corpo de guarda para a guarnição e a prisão correccional ; na divisão central fica a grande prisão dos homens, denominada enxovia ; na terceira uma porta que é o cor-

redor de serventia geral, ao lado do qual fica a prisão das mulheres.

Este edificio é todo feito de cantaria, suas paredes são fortes, os pillares e umbraes de portas e janellas são de cantaria lavrada, tem 49 1/2 palmos de fundo e 21 de altura. Sua edificação teve começo em 2 de Fevereiro de 1731, no tempo do Dr. ouvidor Antonio dos Santos Lobato.

As suas obras foram feitas por arrematação, e seu empreiteiro o mestre pedreiro Agostinho Gomes, que a concluio em 1726 e dos cofres da camara recebeu a quantia de 1:370$.

A edificação do terceiro lance principiou em 1770 e só em 1779 ficou concluido, sendo desta feita o arrematante das obras João José da Rocha.

Collegio dos jesuitas.— A camara e o povo paranaguense, desejosos de que na villa existissem religiosos da companhia de Jesus para cuidarem do ensino e educação da mocidade, solicitaram do provincial da compauhia uma remessa de seis religiosos, obrigando-se a camara e povo a fazerem á sua custa um collegio, dar-lhes dinheiro, doações de arrhas e comprar-lhes escravos, afim de que tivessem o necessario para só cuidarem do ensino e educação.

O provincial, attendendo a supplica resolveu no anno 1699 mandar alguns religiosos, os quaes,

logo a sua chegada, tiveram as escripturas das doações promettidas.

Para abrigarem-os, fizeram-lhes uma casa no Campo Grande, a qual lhes serviria de missão em quanto não se promptificasse o convento. Esta casa foi posteriormente convertida em aquartelamento e alfim em 1828 demolida: seus materiaes serviram para a factura da casa da polovora no mesmo Campo Grande.

Para morada dos jesuitas puzeram a disposição a capella da Senhora das Mercês: para os actos religiosos todas as alfaias pertencentes a mesma.

Tendo-se dado principio aos alicerces do collegio, o Dr. ouvidor, João Saraiva de Carvalho, por seu acto de 3 de Fevereiro, mandou embargar a obra por não terem a camara e os padres licença de El-Rei. A camara, em vista do embargo, representou a El-Rei em 23 de Agosto, solicitando permissão para edificação do convento.

Principou, pois, verdadeiramente a obra do collegio em 1740, sendo proseguida até o anno de 1759, em que por decreto de 3 de Setembro de 1758 foram os jesuitas extinctos e banidos.

Por carta régia de 24 de Julho de 1759 foram presos e deportados: pelo alvará de 13 de Setembro foram declarados rebeldes e traidores.

Em 19 de Janeiro de 1760 teve lugar o sequestro

em bens, que lhes pertenciam, ficando por se concluir o convento.

No espaço de 75 annos decorridos da data da extincção dos jesuitas até 1835 em que o mesmo edificio foi declarado proprio nacional, ficou entregue ao mais completo abandono.

Os reparos, que neste periodo precisava o mesmo ficaram por fazer-se, de sorte que decahio do seu esplendor passado e hoje é quasi um acervo de ruinas, porque todo o telhado do corpo da igreja cahio, arrastando em sua queda todo o madeiramento da parte que hoje serve de aquartelamento aos guardas nacionaes destacados, e as parasitas perniciosas têm invadido as paredes, umas vezes rachando-as, outras empinando-as. Em 1832 o governo mandou reparar sómente a parte, que serve de aquartelamento em o extremo norte, na qual *mal e individamente está collocada* a alfandega.

A junta de fazenda depois da extincção do collegio dos jesuitas, e emquanto esteve coberto o corpo da igreja, conservou-lhe um capellão, ao qual dava 40$ para curar na conservação da igreja, de seus ornamentos e alfaias. O primeiro destes capellães foi o padre Francisco da Meira Collasso, que funccionou até 1760 ; o segundo foi o padre José da Rocha Martins até 1801 e o terceiro e ultimo o vigario Joaquim Julio da Resurreição de 1801 até 1821.

Alfandega.—A provisão da junta de fazenda da provincia de S. Paulo de 18 de Junho de 1827 ordenou que fosse instituida a alfandega na parte norte do antigo collegio dos jesuitas.

No dia 6 de Agosto foi ella installada, tendo por seus primeiros empregados : juiz, o capitão Francisco Alves de Paula ; thesoureiro, o tenente-coronel Manoel Francisco Corrêa; escrivão, o capitão José Luiz Pereira e meirinho, Thomé Mariano da Rocha.

A lei de 20 Setembro de 1834, reformando as alfandegas, foi executada nessa alfandega em 2 de Janeiro de 1835, dando novo destino ao seu pessoal, que foi aposentado, sendo nomeado outro para substitui-lo. O regulamento de 22 de Junho de 1836 fê-la passar por nova transformação, que tem proseguido todas as mais vezes que se dá uma nova reforma.

Historico precedente ás obras da fortaleza da barra.—Sendo todos os portos do Brasil invadidos por piratas, que tinham a peito saquear as populações, entendeu Salvador Corrêa de Sá, mui sabiamente, que devia mandar fortificar os surgidouros mais frequentes.

Para este fim, mandando a Paranaguá Pedro de Souza Pereira para administrador de suas minas, ordenou-lhe que no seu regresso trouxesse os indios que estivessem aldeados ; ordem esta a que se

oppoz o capitão-mór governador, Gabriel de Lara, ponderando as necessidades, que havia de gente para a defesa das tres barras, caso fossem as mesmas investidas, o que não julgava estar longe, visto como o hollandez a ellas se tinha apresentado com força.

A esse tempo demandou a barra para refazer-se de mantimentos e aguada um galeão hespanhol, vindo da Europa com destino a Valparaiso. Esse mesmo galeão um anno depois, 1718, de volta para a Europa com um carregamento de prata em pó e em barras, de novo demandou o porto para fim identico. sendo ao entrar da barra perseguido por um corsario francez, que cruzava nessas paragens, o qual deu-lhe caça, em consequencia da qual apanhou uma forte travessia na ponta da Cutinga e não podendo lutar com vantagem com os elementos desencadeados, foi alli naufragar em o dia 9 de Março de 1718, ficando por semelhante fórma o galeão hespanhol livre de ser sua preza inevitavel.

As visitas frequentes de piratas e corsarios, que atropelavam o commercio licito, obrigaram o governo a tomar a deliberação de edificar uma fortaleza na barra.

O marquez de Pombal ordenou ao governador da capitania general, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, morgado de Matheus, que a

mandasse fazer. Para dar principio á sua obra ordenou este que seu irmão Affonso Botelho de Sampaio e Souza seguisse para Paranaguá, sendo portador de um officio á camara, consultando-a sobre os meios de torna-la menos dispendiosa ao erario real.

A camara, em sessão de 28 de Dezembro de 1765, depois de haver consultado o povo, respondeu ao general, dizendo-lhe ser impossivel obter-se auxilio de seus committentes em vista da indigencia em que viviam.

O general, pela sua portaria de 14 de Janeiro, estranhou não só á camara, mas ainda ao povo pelo pouco apreço que davam á medida, que se adoptara, de salvaguardar seus interesses da pirataria dos corsarios, e insistio no pedido feito: a resposta, depois de tres consultas feitas ao clero, nobreza e povo, foi a mesma: em consequencia desse resultado officiou o general ao minsitro do reino e por sua *ordem mandou a seu irmão* que désse principio á obra, visto como os avisos reaes de 21 e 22 de Outubro de 1766 lhe tinham posto fundos á disposição; e com effeito no dia 9 de Janeiro teve lugar o assentamento da primeira pedra.

Tendo a camara se obrigado pelo seu acto de 1 de Dezembro a concorrer para a obra da fortaleza com 250$ annuaes, e tendo remettido ao governa-

dor da capitania cento e tantos mil reis, estranhou este o seu procedimento e ordenou procedesse a cobrança precisa para satisfazer o compromisso e concluir as obras, que faltavam, as quaes ficariam acabadas em 19 de Janeiro de 1767.

Pelo exame que o general governador mandou proceder por um official de engenheiros, em 1800, foi ella julgada inutil pela razão de ser dominada pelo morro, em cuja falda está assentada; sendo desmontada toda a sua artilheria e mandada para Santos, donde voltou em 1828, quando pelo tenente-coronel Manoel Ricardo dos Santos, foi ella concertada e de novo reparada.

O orçamento feito perante a commissão encarregada pelo presidente da provincia de examinar os reparos precisos lotou-os em 5:500$, divididos em verbas parciaes, relativos a plata-fórma, muralhas, etc, etc.

Descripção da fortaleza. — A fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres foi mandada edificar por El-Rei D. José I, sendo governador da capitania de S. Paulo o general D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão.

Em 19 de Janeiro de 1767 teve principio esta obra na ilha do Mel, na ponta do morro denominado da Balêa; e ora conserva o mesmo nome em uma ponta de rochedo, que termina no mar, no começo do sacco das Conchas, fronteiro á ilha das

Peças e a cavalleiro do canal grande da barra do norte.

Representam em quadrilatero suas muralhas de cantaria lavrada, assentadas sobre o rochedo do morro : sua posição fica mais ou menos aos rumos norte e sul. Divide-se em 4 cortinas, sobre as quaes estão collocados os canhões, que fazem fogo sobre 3 lados oppostos.

A primeira cortina vai da frente do portão da 1ª guarita até a 2ª, , onde está o mastro da bandeira, medindo uma extenção de 164 palmos : esta face demora ao rumo de norte.

A segunda comprehende o lanço interposto a 2ª e 3ª guaritas, ficando por esta fórma olhando para nordeste ; mede esta face 103 palmos de comprimento.

A terceira, que olha para leste, fica comprehendida entre a 3ª e 4ª guaritas ; e mede 215 palmos.

A quarta, que olha para o sacco das Conchas, está entre a 4ª e 5ª guaritas e conta 172 palmos.

Nestas baterias estão montadas 12 peças de calibres 18, 24 e 30.

A altura da muralha em frente ao portão é de 32 palmos ; e, supposto seja mais baixa em os outros angulos, mede 32 palmos acima do terrapleno em consequencia da posição do morro.

Em cada ponta dos angulos tem guaritas

pedra de cantaria lavrada : cada guarita conta 15 palmos de altura com uma circumferencia proporcional.

As murulhas têm 7 palmos de espessura; seu parapeito, que fica por cima do terrapleno, tem 4 1/2 sobre 3 1/2. O terrapleno, que serve de praça de armas, tem 76 palmos de largura sobre 221 de cumprimento; por elle se escoam 10 bicas de cantaria, que dão vazão as aguas.

Pelo lado de oeste e fronteando a muralha da face do portão e retaguarda do quartel, segue em linha recta um muro a fechar a fortaleza por este lado, que chega até ao morro: este muro tem 7 palmos de grossura e 32 de altura ; em relação ao das muralhas tem parapeito, banqueta e 325 palmos de extenção. Em seguimento deste ha outro mais baixo, o qual tem 28 palmos de alto com 150 de comprido, vai ao encontro do morro e fecha o quadrilatero.

Assim que toda a obra de cantaria nella feita mede 1,369 palmos. Na entrada do portão principal ha uma rampa lageada com 11 palmos de largura e 25 de comprido. O portão tem 18 sobre 10 ; sobre elle estão as armas reaes lavradas em cantaria ; por baixo dellas um globo, dentro do qual está gravada a data 1770, por baixo deste globo e por cima da arcada do portão, abrangendo-a de uma a outra extremidade ha uma pedra com uma carranca

dentro de um escudo de armas, e de cada lado um letreiro, que já senão percebe; por baixo deste escudo ha uma simalha e nella o seguinte disthico, *Reinando em Portugal o Sr. D. José I, mandou fazer, sendo governador e capitão general, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, no tempo do seu governo em* 1769.

O prospecto forma uma frente, tendo a cada lado uma pyramide de cantaria inteiriça, e bem por cima da corôa de armas, forma uma pequena abobada com 17 palmos de largura, 24 de altura e 51 de comprimento, dando para o páteo.

As portas lateraes, que ficam para a parte de dentro do portão e por baixo da arcada abobadada, têm 10 1/2 palmos de alto e 6 de largo A do lado direito da entrada serve de enxovia e prisão; têm ambas janellas gradeadas que dão para o páteo por onde recebem luz; medem de frente 35 1/2 palmos e a 2ª 43 palmos sobre 24.

Nesta mesma direcção e proximo á 2ª prisão está o aquartelamento para a tropa, igualmente de cantaria, com 80 palmos de frente e 35 de largura com 2 portas e 3 janellas.

As obras internas, que param do lado esquerdo da entrada, vão ter a um páteo de 72 palmos de comprimento sobre 41 de largura; por elle se sóbe por uma escada de pedra, que dá para a casa do commandante.

O quartel do commandante fica arrimado á muralha interior das abobadas; tem 49 palmos de frente e 27 de fundo, ficando o tecto do mesmo debaixo do terrapleno: tem 2 portas e 1 janella; junto della fica a cozinha, que communica pelo interior. Junto da casa do commandante é que principia a grande calçada que vai para as baterias, a qual tem 17 palmos de largura e 71 de comprimento.

A capella dos Nossa Senhora dos Prazeres tem de frente 22 palmos e 31 1/2 de fundo; é toda de pedra, tem um unico altar, em o qual está collocada a padroeira da fortaleza.

A casa da polvora, metade de abobada, metade de taipa, com 4 botaréos lateraes, tem 25 palmos de frente sobre 21 de fundo: dista da capella, em cuja linha fica, 110 palmos; fronteia com a casa do commandante e della dista 130 palmos.

A fortaleza possue uma excellente fonte de agua potavel dentro de seus muros, a qual dista do aquartelamento 269 palmos.

Eis, pois, a descripção da fortaleza, cujas obras duraram cerca de 3 annos; e que, mandada fazer por El-Rei á custa dos cofres do real erario, pesou quasi toda sobre os particulaes, que foram fintados por differentes vezes.

E se bem se desse essa arbitraridade, propria dos governos daquelles tempos, faça-se-lhes a devida

justiça ás suas boas intenções; a obra era precisa : para prova de sua necessidade ahi está a brilhante e gloriosa resistencia com que a mesma victoriosamente cambateu no 1º de Julho de 1850 contra o vapor inglez *Cormorant*, que teve a audacia de entrar no dia 29 de Junho, *bona fide*, e dentro da bahia de Paranaguá aprisionar tres navios nacionaes a titulo de destinados ao trafico illicito de afiricanos.

Por occasião de sahir o mesmo vapor rebocando as tres embarcações, o commandante da fortaleza, o distincto capitão Joaquim Ferreira Barbosa, collocando o ultraje pessoal na altura da offensa feita á sua bandeira, cuadjuvado pela tripolação dos navios aprezados, fêz fogo sobre o vapor para obstar-lhe a sahida.

Travado o combate teve o *Cormorant* de lamentar a pôpa perdida, a caixa das rodas desmanteladas, um escaler partido, um marinheiro morto, muitos feridos e as prezas inutilisadas pelos estragos feitos pelas balas, sendo obrigado, para não perde-las, queimar duas e fugir com a terceira.

E' bem para notar que a artilharia da fortaleza jogava sobre pilhas de pedra em vez de sobre reparos. E' para presumir que se ellas estivessem devidamente montadas, como se acham ao presente, que os estragos fossem muito maiores, e talvez que perniciosos aos inglezes, que teria n por

missão especial nessa occasião medir a profundidade do canal da barra.

Officiaes como estes deviam ser recompensados de uma maneira estrondosa e brilhante !..

A fortaleza de Paranaguá é maior que a de Santos : a differença, que se nota entre ambas, é que esta tem suas baterias cazamatadas e aquellas descobertas, o que faz com que a guarnição fique muito exposta ao fogo inimigo,que ao demais póde calcular a seu salvo suas forças e recursos.

Pela 3ª face de suas baterias fronteiam as ilhotas das Palmas, que estão na distancia de um quarto de legua. Estas ilhotas servem de baliza para os navegantes que entram.

O morro das Conchas dista della meia legua em linha recta e com o da fortaleza fórma um grande sacco accessivel por mar e por terra.

Outr'ora havia no morro das Conchas um mastro de signaes, o qual se communicava com o da fortaleza, que tambem se correspondia com o da Cutinga, que a seu turno os transmittia á cidade. Esta correspondencia, seguida de tres tiros de canhão, queria significar rebate, ao qual eram obrigados acudir todos os moradores das ilhas das Peças, Mel e Rasa.

Estas providencias eram anteriores a confecção da fortaleza e por ventura tomadas logo depois da entrada do pirata francez em 1718, por quanto no

governo do general Antonio Luiz de Tavora, conde de Sarzedas, que teve lugar no anno de 1734, semelhantes providencias se deram para evitar a invasão de diversos corsarios, que bordejavam na costa ; ao presente urge que se restabeleça, não este uso, porém uma linha telegraphica completa, bem como a collocação de um pharol na ponta do morro das Conchas.

A fortaleza, apezar dos diversos concertos por que tem passado, longe está de ter tocado á perfeição : outra fórma necessitava se desse as suas baterias para obviar grande mortandade aos soldados de sua guarnição em caso de combate.

IV.

CONSIDERAÇÕES GERAES.

Muitos têm sido os lidadorēs eminentes e abalisados que, quaes denodados campeões, se têm apresentado pela imprensa a escrever e aconselhar ao governo sobre o meió de colonisar os incultos sertões do Brasil: muito poucos ou quasi nenhuns têm sido aquelles que têm deixado o campo das generalidades theoricas para se atirarem no da pratica.

E nos, pobre empregado publico, sem significação alguma social, porém animado de mui bons desejos, procedendo ao inverso desses illustrados cidadãos, deixaremos para um lado as theorias mais ou menos brilhantes, os autores mais ou menos conceituados, para nos importarmos sómente com aquillo, que nos tem ensinado a experiencia adquerida por alguns annos de pratica.

Assim que, examinar as necessidades mais palpitante do nosso Brasil, relativamente á agricultura, analysar o systema empregado pelos nossos lavradores, procurar os meios de os tornar conhecidos, applica-los aos colonos europêos, demonstrar a excellencia da colonisação sem a menor interferencia do governo, os embaraços que ella traz ao desenvolvimento, os males que acarreta ao Brasil, eis o fim á que nos propomos ; por feliz nos daremos, por demasiado compensado nos julgaremos, se attingirmos ao alvo de nossos desejos.

Assim como não ha lei má e de seus executores depende unicamente sua excellencia ou sua condemnação; assim como não ha estadista brasileiro, que se occupe com a concepção de pensamentos prejudiciaes ao paiz de seu nascimento ; assim tambem, estamos convencidos, não ha systema de colonisação, seja elle de parceria ou de pequenas propriedades, que não seja muito bom.

O que a pratica exige e a experiencia o tem demonstrado, é que se nessita de boa fé e cordura por parte daquelles que se deliberarem a fazer a tentativa pratica.

O nosso abençoado Brasil, participando de todos os climas, presta-se maravilhosamente ao cultivo de todos os vegetaes, quer elles sejam oriundos da Europa, quer da Asia, quer da Africa, quer das ilhas das Oceania e quer finalmente da America

do Norte; e ao inverso daquella primeira parte do mundo, cujos terrenos cansados só á força de muito extrume produzem, a sua benefica e criadora natureza faz germinar, alimenta, vigora, e desenvolve, de um modo verdadeiramente maravilhoso, as sementes que as nossas descuidosas mãos atiram ao acaso por sobre seu generoso solo.

Carecemos, pois, de agricultores intelligentes, que, amestrados pela experiencia pratica de seu mister, possam com segurança e quasi infalibilidade estudar o terreno de sua propriedade, e que deste estudo pudessem chegar á conclusão logica de que, para certa e determinada qualidade de terrenos, só deveria igualmente cultivar certas e determinadas especies de vegetaes.

E' geralmente sabido que 10,000,000 de habitantes é apenas um decimo da população, de que urgimos para povoar o nosso immenso territorio; que nossa lavoura, se bem que mui imperfeitamente, só das costas africanas recebia o estricto auxilio para o seu custeio, e que finalmente este auxilio o governo imperial, com a maior circumspecção, prudencia e sabedoria, entendeu dever aniquila-lo, depois de provar perante o mundo civilisado que todo o poder e atrevimento *britannico* eram improficuos para consumar semelhante milagre.

Conhecidos estes principios, não é difficil reconhecer igualmente que delles emanam a carencia de braços uteis á agricultura do paiz.

De preferencia a qualquer das outras partes do mundo, que nos podia fornecer colonos, que povoassem o nosso tão extenso territorio, vamos á velha Europa demanda-los.

Em que se basêa semelhante preferencia? Sem que façamos parte dessa phalange de homens illustres e provectos, que marcham á frente dos negocios do nosso Brasil, nos julgamos habilitados para responder perfunctoriamente.

Sendo a velha Europa a parte do mundo, onde mais tem penetrado a civilisação, e por conseguinte mais adiantadas estão as descobertas scientificas e mais aperfeiçoados os processos e instrumentos aratorios, vamos, *ipso facto*, ahi buscar os agricultores, que mais uteis nos podem ser para supplantar a invecterada rotina dos nossos lavradores, já com a introducção de machinas e instrumentos, que, poupando consideravelmente as forças do homem, lhes dêm com grande suavidade os mesmos, senão melhores resultados praticos, já com a iniciação do amaino e roteamento das terras cansadas.

E por ventura os colonos, que têm aportado ás nossas plagas por conta do governo ou de asso-

ciações particulares, tem em verdade introduzido nos campos o manejo do arado ? Serão os mais aptos para fundarem colonias no Brasil ? Da sua introducção tem resultado algum beneficio ao paiz ? Tem finalmente correspondido elles á espectativa do paiz e compensado os esforços de tantos dos nossos estadistas, que se têm cansado com a resolução deste grande problema ? Certamente que não : di-lo-hemos sem hesitação. E por que ?

E' opinião minha, e muito antiga, que o governo, para tomar a iniciativa na importação de colonos agricolas, devia apresentar diante dos olhos o quadro seguinte e invariavel :

1.° Escolha de terrenos nas proximidades dos centros populosos.

2.° Derribada de mato e destocamento do terreno.

3.° Demarcação exacta dos prasos.

4.° Edificação de casas adequadas e com todas as condições hygienicas para receber, para cada praso, uma familia.

5.° Entrega, a cada chefe de familia de colonos, da escriptura de posse de sua propriedade e de um titulo descriptivo da mesma com a necessaria juncção da planta.

6.° Boas estradas de rodagem para o lugar designado para colonia.

7.º E finalmente armazens de provisões de boca para suppri-los, por um tempo determinado.

Isto pelo que respeita ao que deviamos ter prompto, antes de mandarmos buscar os colonos: occupemo-nos agora com os elementos, de que deveriamos dispor no estrangeiro:

1.º Agentes de provada confiança, de incontestavel probidade, escrupulosos, sagazes bastante para não serem illudidos; e sobretudo que não recebessem por esse serviço salario algum dos cofres nacionaes.

2.º Ministros residentes, que, por meio de attestados officiaes, provassem perante o governo que tal agente gastou apenas tanto em pagamento de passagens de ida e de volta e com comedorias de tantos dias, que esteve em tal aldêa do interior da Allemanha contratando o engajamento de familias agricultoras.

3.º E finalmente que os consules, brasileiros natos, (faço esta excepção porque muitos o não são) fossem unicamente os encarregados de realizar os contratos com os capitães de navios para a condução dos colonos.

Assim concebidas e enunciadas estas premissas, entremos no seu desenvolvimento e na apreciação dos motivos, que actuaram de um modo desfavoravel ao governo, que, tendo gasto tanto dinheiro, e empregado tantos esforços, não conseguio

ainda legar ao paiz uma verdadeira colonisação agricola.

Não o faremos, porém, antes de respondermos a uma interrogação, que já nos parece estar ouvindo, do respeitavel publico, a quem apresentamos o fructo de nossas vigilias ; vem a ser ella : qual será o homem que se quererá encarregar da penosa tarefa de engajar colonos, sem ter á sua disposição um pingue ornado ?

A' ella responderemos victoriosamente nestes termos bem simples : o governo tem na Allemanha, álem de um ministro residente, um enviado ou embaixador, o numeroso pessoal de algumas legações ; e álem delles tem mais uns quatro homens com o titulo de addidos á legação.

Ora, estes entes privilegiados, que sob o titulo pomposo de addidos, viajam ou estudam á custa dos cofres do estado, se fossem homens conscienciosos e idoneos, não podiam, mediante uma ordem do governo, encarregar-se vantajosamente de semelhante tarefa ?

E visto como elles já percebiam um ordenado e ao governo só cabia o encargo do pagamento de transportes e comedorias, álem do serviço real prestado á colonisação, não era tudo mais dinheiro, que revertia em beneficio do thesouro ?

Não quero, porém, encarar a questão debaixo

das vistas encantadoras deste prisma : vou álem ; isto é, á hypothese figurada, á qual responderei por outras perguntas dirigidas ao publico.

Qual será o homem que não aspirará viajar a Europa, demorar-se tanto tempo, quanto entender preciso nas cidades e aldêas do interior da Allemanha, pagando-lhe o governo as despezas de transportes e comestiveis ? Qual o que por tal preço não tenha pressa de bem servir ao seu paiz ? Qual o que não desejará ter occasião de juntar o util ao agradavel ? Creio que nenhum.

Assim que, entendemos que tudo quanto se afastar desta regra é dar inutilmente que comer a alguns aventureiros estrangeiros, sem uma unica probabilidade de resultado satisfactorio.

Os generos alimenticios, taes como a farinha de trigo etc. que importamos dos Estados Unidos e da Europa, só têm entrada e aceitacão nos nossos mercados por imperdoavel deleixo dos nossos agricultores.

Participando felizmente o Brasil de todas as temperaturas, todas as provincias deste vasto imperio, ao sul da Bahia de S. Salvador, podiam, sem grandes esforços, supprir as demais suas irmãs com este genero de grande consumo e necessidade, se os seus agricultores se dessem ao trabalho de

seu cultivo e pensassem com mais reflexão sobre a realidade dos seus interesses.

E nem se presuma ser isto uma cousa extraordinariamente difficil e de custosa realização, por quanto a experiencia feita em Curitiba ahi está para attestar o ponto á que chega a uberdade do nosso solo.

Vegetaes uriundos de clima frio dam-se perfeitamente em as nossas provincias de clima mais calidos : a colheita é demasiado crescida para compensar os esforços do plantador, e o plantio facil e incuidadoso.

Como, porém, procedem os nossos agricultores, em presença de resultados tão extraordinarios ? Adstrictos a uma velha rotina, cingem-se unicamente á plantação do café, da canna e de pouco algodão para a exportação, e dos farinaceos, quanto basten para suas respectivas alimentações.

Se algum, dotado de mais um pouco de curiosidade, se aventura a plantar algum trigo ou coisa sómente, é logo condemnado por innovador: todas as attenções dos outros se fixão sobre elle, declaram-se desde logo seus inimigos gratuitos e implacaveis.

Nestes termos, sempre estaremos na dependencia do estrangeiro, e no caso de um bloquio ficaremos, *pela fome*, reduzidos ao que sua generosidade nos quizer outorgar.

A industria do nosso paiz é sempre suffocada á nascença, se não pelo dinheiro do estrangeiro, que compra para esmaga-la, ao menos pela inveja e rivalidade de nossos lavradores.

Queremos, sim, que entre os nossos lavradores exista rivalidade, que se possa traduzir pelas palavras emulação, desejo de igualar, de exceder mesmo os esforços de outrem.

Desprezamos solemnemente a rivalidade, que se traduz pelo desejo de fazer mal, de obter por baixas represalias que outrem se não adiante na via do progresso agricola, que procure inutilisar os esforços de um homem mais emprehendedor do do que nós, pelo simples facto de não nos podermos elevar á sua altura.

A primeira proposição é a unica, que devia ter cabimento entre os agricultores brasileiros; é a unica, que desejamos envadisse o centro do todos os nossos grandes e pequenos proprietarios rusticos; é a unica, finalmente, capaz de levar o nosso bello paiz ao cume da felicidade, o que do amago do coraçao lhe desejamos.

A segunda deve ser energicamente combatida pelo orgão da imprensa, por todos os homens sensatos, como perniciosa á pratica, deve ser corajosamente repellida por todos aquelles que não receiam affrontar as iras desses parasitas que não escrupulisam amontoar o ouro sem lhes importar

que elle seja o representante vivo do *suor afflictivo* do pobre, das lagrimas da desvalida viuva, do sangue da innocente orphandade.

Temos, é pura verdade, muita falta de braços uteis para popular o nosso immenso territorio; mas não é ella tão grande e absoluta quanto se tem apregoado, porque centenares de milhares de braços indigenas vivem esparços parte pelas selvas e o restante na mais abjecta indolencia.

Se é tão abosoluta a deficencia de braços não se dispense os nossos, para ir busca-los ao estrangeiro, eduque-se convenientemente os nossos indios e teremos muitos melhores trabalhores do que os que nos póde fornecer a Europa; *dirijam* e verão que não são tão estupidos como se tem querido apregoar.

E, visto como insensivelmente fomos levados até os nossos selvagens, seja-nos licito juntarmos algumas palavras sobre os meios de que se tem lançado mão para praticar a sua catechese.

Possuindo as 22 provincias, de que se compõe o imperio, uma legião de conventos de diversas ordons, porque razão não se lança mão deste pariás da sociedade brasileira para emprega-los na catachese de nossos indios?

Não seriam elles os mais aptos para, a imitação de Anchieta, Vieira, e muitos outros illustres

seus antepassados, fazerem ouvir a palavra santa do evangelho em os nossos mais remotos certões? Se nenhum outro prestimo se lhes descobre, porque se os não obriga a desempenhar o unico de que são capazes?

Assim, convenientemente empregados, poderão prestar um serviço real ao estado, ao passo que encerrados em a estreita área de seus mosteiros, entregues a mais revoltante inercia e vadiação, sobrepesados á sociedade, que os supporta e apenas os tolera, são inuteis consumidores do imperio; e se o imperio necessita grandemente de braços uteis, não é logico que, podendo, não empregue os que tem para mandar vir outros do estrangeiro?

Não é igualmente logico que, para desempenho de semelhante mister, se lance mão de frades capuchinhos que, pela maior parte, ignoram os mais comezinhos rudimentos da nossa lingua; porque em vez de servirem para instruir os nossos indios, na lingua vernacula, elles, que a ignoram, vão ensinar-lhes uma algarvia inintelligivel até para elles proprios. Deste tão enraizado mal nasce a razão mais forte para que a catechese dos indios entre nós jámais seja uma realidade.

E, se temos frades de mais, isto é, homens que ao presente são inuteis á sociedade e ao estado, porque razão plausivel consentiremos que a elles se juntem os *barbadinhos*, estrangeiros, e lhe permit-

timos até que tenham conventos seus,e o que mais é, que se apossem dos logradauros publicos, como está succedendo no morro do Castello, na capital do imperio?

Serão por ventura elles mais moralisados que os nossos frades? Terão acaso maior cabedal de instrucção? Nem uma, nem outra cousa: o simples facto de serem estrangeiros os habilita para tudo; e *aquillo que os nossos, que fallam correntemente a lingua vernacula, não podem conseguir, elles, que della não têm o menor conhecimento, o conseguem.....*

Dê-se asado destino aos nossos que assim cumpriremos um preceito evangelico ; e quando não nos restar mais um unico para empregar na catachese, então admittiremos, *se bem que com muita reserva*, que o estrangeiro venha preencher esta lacuna ; antes da realização desta hypothese, acho até impolitico admittir no imperio frades estrangeiros *quando decretamos leis impedindo que os brasileiros professem.* Me parece que não estamos no caso de levar tão longe o desejo de proteger ao estrangeiro, principalmente quando desta protecção resulta um mal evidente para os nossos patricios

Aproveitemos os selvagens e saibamos tirar partido das inclinações de certas tribus para as nossas forças de mar e terra, depois de os haver educado

a proposito, para semelhante fim; e ao restante, conjunctamente com a parte da nossa população agricola indigente, reunido em nucleos coloniaes modelos, demos-lhes as mesmas regalias, que ás mãos largas concedemos aos europêos, e em conclusão teremos dinheiro gasto utilmente com aproveitamento de homens, com os quaes a sociedade brasileira estava acostumada a não contar, terrenos verdadeiras colonias tão uteis para a agricultura como para o paiz em geral; e teremos realizado e resolvido o problema do desenvolvimento de uma população indigena vigorosa.

Acabemos de uma vez com o recrutamento nas villas e aldêas do interior, onde quasi não existem vadios, porque este espantalho só serve para aterrar a nossa população rustica, faze-la trocar a mansarda pelas selvas, a enxada pela fuga, e muitas vezes é elle a origem de repetidas vinganças eleitoraes.

Para que os quadros dos exercitos de mar e terra extravasem, basta que, cerrando-se os ouvidos *aos pedidos*, concentremos o recrutamento nas capitaes populosas, e se ordene aos delegados de policia a nomeação de inspectores de quarteirão idoneos, que se não prestem a vinganças inhas, mas que façam timbre de bem cumprir os deveres inherentes ao seu cargo.

Destas nomeações, resultam dous beneficios im-

mediatos: uma estatistica exacta da população e um recrutamento digno da mais avançada civilisação. Inspectores taes podiam dar semanalmente uma relação ao delegado dos domiciliados nos seus respectivos quarteirões, cuja conducta ou meio de vida fosse suspeito, dos homens, finalmente, no caso exigido pela lei vigente.

Por esta fórma, ao enunciado tão simples e facil de realizaçao teriamos, sem aterrar os nossos roceiros, acabado com o enxame de vadios, que formigam nas nossas cidades e que não sei o motivo porque nunca são recrutados, feito um verdadeiro e importante serviço á agricultura, expurgando as fileiras da guarda nacional dos vadios, que nellas se asylam, completado o quadro sempre vasio dos nossos exercitos, e amontoado nos depositos de guerrra supprimento de homens já exercitados no mister das armas, para acudir as faltas imprevistas e inherentes a tão arduo ramo do serviço publico.

Demos de mão a estas considerações e passemos a occuparmo-nos com a lavoura e os nossos lavradores.

O systema usado pelos nossos lavradores consiste em fazer derribadas de excellentes florestas, pela maior parte compostas de madeiras de um valor incalculavel, para as construcções navaes, para

a marcenaria e para a edificação logo que o terreno, de que se sirviam, não dispõe mais de luxuriosa vegetação. Feita a derribida e concedido algum tempo para o destocamento das madeiras, procedem ás queimadas. Chamam os nossos matutos queimada, um acto de verdadeiro vandalismo, e consiste em entregar para pasto das chamas bellos troncos, que a mão prodiga da natureza levou dezenas de annos para formar.

Consumidas as madeiras pela voragem de um fogo destruidor, longe de tratarem do destocamento dos terrenos, procedem incontinente á plantação do feijão, da mandioca, do milho etc. Esta operação se reproduz por espaço de alguns annos sem interrupção; apenas presentem que este terreno, sem o necessario cuidado, vai perdendo a força productiva, abandonam-o para irem mais adiante procurar novo theatro para exercitarem identica devastação.

Ia-nos esquecendo dizer que, um mez depois de feita a plantação, procedem os lavradores á denominada limpa, que é feita á enxada e tem por fim exterminar toda a vegetação estranha á plantação. Este processo repete se por tres vezes mais ou menos ou por tantas vezes quantas fôrem precisas para permitir a vegetação livre do objecto, que constituio o plantio.

Os poucos colonos, precisamente agricultores,

que temos, ao inverso do que praticam os nossos lavradores, adstringem-se a área do seu campo, preparam-o quando já está cansado e por esta fórma restituem-lhe periodicamente as forças perdidas.

Obtendo, porém, em resultado de seus esforços, colheita demasiado larga para compensar o seu trabalho, tiram della o necessario para sua alimentação, para renovação do plantio e o resto pela maior parte perdem, por deficiencia de boas estradas e de mercados para sua prompta sahida.

Aquelles,porém,que têm aportado ao Brasil, debaixo do titulo de lavradores, mas que na realidade não o são, atirados por assim dizer ao centro de nossas florestas virgens, impossibilitados, já por falta de instrumentos aratorios, que não podem mandar vir pela grande longitude, em que estão dos mercados importadores, já por não terem o capital necessario para fazer face a sua compra em consequencia dos preços fabulosos, a que subiriam postos nos logares de suas residencias, e já finalmente por não estar o terreno em estado de supportar a applicação do arado, abandonam a experiencia provada a luz meridiana pelo modo de lavrar a terra com o instrumento proprio, e entregam-se de pés e mãos atados á rotina da enxada, usada pelos nossos patricios: assim, em vez de adiantarem concorrem para mais endeosar a nossa rotina.

Porque, forçoso é confessar que muito errado temos andado, querendo principiar a colonisação de nosso territorio, *marchando dos centros para as extremidades* sem mettermos em linha de conta, que não dispomos de estradas e mais elementos indispensaveis para promover a prosperidade de uma colonia lá para esses remotos sertões.

Deste inconveniente, além das razões já expendidas, nascem estas outras de primeira intuição: *deserção dos colonos* e ainda mais, concurrencia para fazer lavrar desanimo, aliás justissimo, por quanto pela frente os colonos só enxergam a triste prespectiva *de colher para comer e não para com o superfluo* juntar um peculio, que provendo o das necessidades presentes os abrigue da indigencia no porvir.

Quem em identicas circumstancias não faria outro tanto ? Se as ruas de nossas principaes cidades jazem no mais lastimoso estado, o que não succederá por esses trilhos á que pomposamente dão o nome de estradas ? Qual será o homem que se entregue ao penoso trabalho do roteamento das terras, que não tenha em vista uma melhoria de sorte futura ?

E visto como lhes tiramos esta doce prespectiva, nenhuma razão nos assiste para delles nos queixarmos. Façamos as cousas sem precipitação, e

teremos resultados tão promptos quão satisfactorios.

A colonisação deve ser espontanea e tão livre em seus vôos como o ar percorrendo o espaço. Nós, ao inverso do que até aqui havemos praticado, *devemos marchar das extremidades para os centros*; assignando as raias das cidades prazos proprios para receber a colonisação livre, edificar muitas e pequenas vivendas de tijolos, cobertas de telha (uma por cada prazo e para cada familia) para servir de habitação áquelles que por nossa propria conta houvessemos mandado engajar.

Os colonos espontaneos, não vindo ao Brasil para esmolarem, precisamente hão de trazer comsigo algum peculio, álem do despendido com o pagamento de suas passagens, para acudir as primeiras despezas e comprar algumas braças de terra para dar principio á sua plantação.

Supponhamos, porém, que o dinheiro trazido apenas deve fazer face ás despezas de transporte e que nenhum outro recurso lhes resta. Nós, que já temos terrenos demarcados nos extremos das cidades, que já temos em cada prazo commodos para abriga-los das intemperies das estações, mandados á priori preparar para os importados por nosa conta, voamos em auxilio desses infelizes, demo-lhes casa, terrenos para plantação, instrumentos para lavrar a terra e comida por um nu-

mero de mezes determinados, mediante uma justa retribuição pecuniaria, pagavel em prestações annuaes, e contada da data da sua posse de installação na casa e terrenos da nação.

Ahi está, segundo entendemos, o unico caso, em que o governo deve figurar e o modo igualmente unico por que deve favorecer, acoroçoar e desenvolver a colonisação : bem assim deviam ser estes os casos para os quaes deviamos autorisar despezas, porque não passarão de meros adiantamentos, visto como o emprestimo era pagavel em um prazo determinado.

Fóra deste circulo, que a experiencia pratica, nos ensinou a traçar, todas as demais despezas autorisadas, é dinheiro irremissivelmente perdido. O governo, que tem sido incansavel em proteger e praticar todos os systemas theoricos de colonisação conhecidos até o presente, sem resultado satisfactorio para elle e para o paiz, que se digne de attentar para a voz da razão, e experimentar mais este, que é filho da pratica, afim de ver se será ou não melhor succedido !

Desejamos mesmo que o pratique em ponto infinitamente menor do que o fez com os outros, para que, no caso de um máo successo, no que não acreditamos, não perca muito. Quando as nossas finanças fallam de um modo tão significativo, é justo que elle seja demasiado cauteloso e

prudente na autorisação de despezas e principalmente das desta ordem, que não podem produzir immediatos resultados.

Encaremos agora a questão pelo lado de poderem os colonos prescindir do auxilio do governo e até mesmo do dos particulares. Conhecido por elles que nós tinhamos em lugares apropriados prazos de terra a venda, já destocados, limpos e de mais a mais com predios e nas proximidades dos centros populosos, que lhes garantissem a sahida de seus generos, se haviam de ir ávante procurar terrenos centraes para elles desconhecidos, e em os quaes fosse necessario tudo preparar e tudo crear para no fim de muito tempo e á custa de muitas fadigas poderem dispor de algum recurso, de preferencia a elles recorreriam em massa para comprar os nossos, que lhes offereceria todas as garantias de uma futura prosperidade.

Eis, em muito poucas palavras, provada a utilidade do dinheiro do estado, gasto para firmar a corrente da emigração para o Brasil.

Assim domiciliados os primeiros colonos, os outros não se fariam esperar : a razão é de simples intuição. Em que parte do mundo poderiam elles encontrar tanta providencia e tão bom acolhimento ?

E' muito provavel que todos os emigrantes tenham parentes,e,se não parentes ao menos amigos, conhecidos ou affeiçoados ; encontrando em nossas plagas commodidades, que não poderiam achar em alguma outra parte do mundo, participar-lhes-hiam semelhante novidade, que seria o ponto de partida para a nossa verdadeira e incontestavel colonisação ; porque todos se apressariam em querer tomar parte nas vantagens offerecidas pelo nosso governo e, como seus antecessores, gozarem de identica prosperidade.

As nossas repartições de correios, transmittindo fielmente ao ponto designado toda a correspondencia, boa ou má, iria promover na Europa e com especialidade na Allemanha e Irlanda uma verdadeira revolução ; revolução pacifica e que não contradiria, por fórma alguma, com as leis dos governos constituidos.

Uma vez despertada a cobiça licita, e, por verdadeira apreciação, melhor conhecido o nosso Brasil dos estrangeiros, teriamos para o futuro, sem o mais insignificante gravame para os cofres nacionaes,estabelecida e firmada a corrente da emigração, que, a datar dessa época,viviria por si mesma, isto é, produziria o duplo do necessario para gastar com a demarcação de novos prazos e edificação de pequenos predios rusticos.

A pratica tem mostrado que, uma vez ella enca-

minhada, difficil,se não impossivel,é desvia-la: haja visto os estados Norte-Americanos, que,máo grado a guerra intestina, que solapa suas melhores instituições, continúa a receber emigrantes quasi na mesma escala.

E visto como entendemos que se deve gastar para attingir a um fim de tão reconhecida utilidade gastemos ao menos pela fórma indicada, que é a mais prompta, proveitosa e immediatamente vantajosa para o paiz: abandonemos por uma vez o systema de manda-los engajar a Europa, que o tempo se encarregou de demonstrar com toda a evidencia que,sobre ser improficuo, é ruinoso e fatal ao Brasil.

Quizeramos antes que servissem os seis mil contos consignados para a colonisação para amortização da nossa divida externa, que é o sorvedouro unico, verdadeiro e implacavel pesadelo do Brasil; e emquanto o Brasil dever a Inglaterra, estejamos certos de que jámais prosperaremos.

Os chefes de policia das grandes cidades podiam igualmente concorrer com o seu contingente para a resolução do grande problema da colonisação, não consentindo que essa immensidade de colonos portuguezes, que todos os dias aportam as nossas plagas, ficasse agglomerada em immundos cor-

tiços, que infelizmente abundam nas capitaes, exercitando industrias equivocas.

Manda-los por conta do governo para povoar os nucleos coloniaes, creados na conformidade do plano iniciado, e já em estado de adiantada prosperidade, seria prestar á patria um serviço relevantissimo.

Donde procedem estes latrocinios, que todos os dias nos denunciam os jornaes mais lidos da côrte e das provincias, se não da vagabundagem de milhares delles, que se acoutam nos cortiços, e que, á imitação de aves de rapina, só a noite deixam essas possilgas para exercitarem seus vicios?

Pois será acreditavel que um homem, vendendo *phosphoros* (é a industria favorita), possa manter-se com o producto de sua renda? Que quantidade não será preciso vender diariamente, custando cada dusia de caixinhas 80 rs., para d'ahi tirar o estrictamente urgente para empregar na compra de generos de primeira necessidade? E serão eternas as suas vestes?

E note-se que, assim calculando, já lhes damos a grande vantagem de suppo-los productores, chimicos, e de não gastarem, por conseguinte, um ceitil com a mão de obra, compra de ingredientes etc. Por este racionio, em si tão simples, não vêm as nossas autoridades que estes intitulados mercadores ambulantes não podem offerecer segurança

alguma, que os leve a crer na moralidade da sua industria?

Não será mais consentaneo dar-se-lhes o destino, que nos atrevemos a indicar, muito embôra pareça elle arbitrario e até mesmo violento? Não teriamos, se bem que não pelos meios ordinarios, concorrido para fazermos a felicidade futura desses infelizes? Não seriam elles outros tantos homens, que arrancariamos aos braços da indigencia? E vindo elles para o Brasil, sob o titulo de colonos, não seria justo que lhes dessemos o destino respectivo? Haveria neste procedimento alguma illegalidade? Por ventura haverá dentro das cidades alguma lavoura? Por tal fórma expurgadas as nossas cidades *desses industriosos nocturnos* desappareceriam todos esses latrocinios escandalosos, de que nos noticia os jornaes do imperio.

Transportados para as colonias militares ou mesmo agricolas, além de outros beneficios passariam do estado de simples consumidores para o de uteis productores; e, por muito pouco que produzissem, sempre ganharia a lavoura, as cidades e a sociedade em geral.

Preferimos ás colonias propriamente agricolas as militares por entendermos que esses infelizes, habituados o indolencia, eivados de máos instinctos e affeitos á mais abjecta desmoralisação, necessitam de uma tutella humana, sim, porém regeneradora,

energica e capaz de operar o grande milagre de restitui-los á sociedade moralisados,honestos, obedientes e bons cidadãos.

O governo só nos casos e pela maneira apontada é que póde e deve intervir como instrumento activo da colonisação. Figurando, como seu promotor, elle tem de crear gravosas obrigações para com os cofres publicos, obrigações, que ficam sem compensação e que não passam de um deserviço.

Prescindindo, como ha feito, do auxilio dos agentes, que apontamos, tem de marcar grossos ordenados aos seus commissionados estrangeiros, homens pela maior parte sem lealdade, sem estimulo, sem patriotismo, e que não encaram a confiança, nelles depositada pelos nossos, debaixo de outro ponto de mira que não tenha por base *um meio de vida lucrativo e isento de trabalhos*, '

Tal se tem dado com os agentes, de que se tem servido o nosso governo para o engajamento de colonos. Procurando auferir da maneira a mais reprovada os dinheiros do estado, tratam unicamente de illudir aos nossos ministros afim de que lhes não seja retirado o cofre das graças.

Vamos mostrar de que maneira servem esses agentes estrangeiros ao nosso paiz. De accordo com os maires,prefeitos e chefes de policia das capitaes das grandes cidades da Allemanha, nos

mandam as mais das vezes viciosos e incorregiveis, que tiram de suas enxovias. Assim que, ao passo que vão expurgando as suas cidades de todos os homens máos e inuteis, a titulo de colonos uteis vão enchendo as nossas de vagabundos e perversos.

Eis como é servido o nosso governo pelos estrangeiros, a quem paga ; eis uma das mais poderosas razões por que não temos conseguido realizar uma verdadeira colonia agricola, havendo-se despendido tanto dinheiro.

Os poucos lavradores que, misturados com a escoria da sociedade allemã, se nos tem mandado, esmorecidos por immensos tropeços, ja por vezes apontados e mais ainda pelos compatriotas das cidades, de cujo contrato não podem prescindir, ou desertam dos nossos certões, onde estão encravadas todas as colonias para se homisiarem nas cidades onde encontram apoio nos patricios e trabalho mais lucrativo e menos penoso, ou vão engajar-se na qualidade de trabalhadores das estradas de ferro, onde com certeza obtèm pingues salarios.

Se nós, ao inverso do que havemos feito, marchassemos com as colonias das extremidades das cidades para os centros dos nossos incultos sertões, levando assim paulatinamente as populações, e com ellas todos os recursos, que lhes são inheren-

tes para esses sertões, já a esse tempo teriamos poucas, porém bem organisadas, populosas e prosperas colonias.

Partindo, porém, dos centros despopulados para as cidades,não estando para isto preparados os receptaculos, já porque não dispomos de estradas de ferro, que cheguem até lá, já porque não temos igualmente as de rodagem e já, finalmente,porque a nossa navegação fluvial é quasi igual a zero, tiramos todos os recursos dos colonos,que não têm mercado perto para exposição e venda de seus generos, tiramo-lhes toda a perspectiva de uma melhoria de sorte futura e por conseguinte os acoroçoamos indirectamente á mandriisse e quiça á deserção e vagabundagem. Nestes termos, não temos, pois, de que nos queixarmos delles, visto como todo o erro tem sido unicamente nosso.

Quantos serão os europêos commissionados por nosso governo, que façam objecto de honra a remessa de verdadeiras familias de agricultores? O que elles querem é fazer jus ao ordenado; o ponto de honra delles consiste em prefazer o numero de engajamentos encommendado; a qualidade e habilitação dos homens que nos remettem, a titulo de colonos, nada faz ao caso; embarcando elles o numero de cabeças da requisição, está *conscienciosamente* comprida sua missão. E como não

ha de succeder assim se elles, gozando á custa dos cofres brasileiros o *dulce farniente* da vida, nem ao menos por desencargo de consciencia deixam as capitaes?

O mais interessante é que elles comem galhardamente o nosso dinheiro e servem com um não desmentido patriotismo aos seus paizes respectivos, que os limpam de tudo quanto é inutil e pessimo.

Para cumulo de nossos peccados, ainda a Prussia se zanga e quer nos *impôr as condições, mediante as quaes podemos aspirar a honra de* obtermos os moralisados subditos (com honrosas excepções) que habitam suas casas correccionaes!.... Não será isto uma verdadeira irrisão?... Não deviamos por nossa dignidade e resposta a esse novo legislador nosso, fazer retirar *immediatamente* do paiz todo o pessoal de sua embaixada e acabar por uma vez com *essas ternas relações?* Sem hesitação falo-hiamos se fossemos govermo.

Aconteceria outro tanto se para desempenho de semelhante mister tivessemos lançado mão de qualquer empregado de nossas legações? Não caprichariam estes brasileiros em bem servir a sua patria? Não nos sahiriam estes serviços feitos por brasileiros, muito mais baratos e melhores? Na qualidade de parte interessada na immediata prosperidade de seu paiz, não se esforçariam por nos mandar só e unicamente familias agricolas e

morigeradas? Entendemos que sim; bem como que, a datar da adopção deste plano, principiará o florescimento dos colonias brasileiras.

Não nos faremos cargo de indagar se o systema empregado pelos particulares é ou não o melhor, pelo facto unico de não andar a par delles o interesse dos cofres nacionaes: expo-lo-hemos tão sómente

Ninguem ha que ignore que os particulares, que carecem de braços livres para o cultivo de suas terras, vão igualmente pedi-los á Europa. De preferencia a quasquer outros agentes, por mais idoneos que apparentem ser, por melhores titulos, que exhibam, procuram entender-se com firmas commerciaes de elevada reputação; e, mediante uma justa corretagem, sobre a totalidade da encommenda, ficam certos de possuirem colonos lavradores. Estas firmas commerciaes têm immediato interesse em não prejudicarem seu credito, as mais das vezes formado á custa de enormes sacrificios.

O contrato de parceria ou de pequenas propriedades é restringido a taes e taes regras, impostas pelos fazendeiros, depois de consultados seus mais vitaes interesses: concluido o contrato não é licito ao encarregado ultrapassar impunemente suas raias.

O colono, solteiro ou casado, sujeitando-se ás condições prescriptas, fica sabendo que só póde contar com os auxilios estipulados no contrato, e fóra das condições aceitas não póde nem deve conceber alguma outra esperança, por mais insignificante que seja.

Debaixo destes auspicios embarcam-se para o Brasil, e uma vez aportados ás suas plagas, o fazendeiro, depois de leva-los ao consulado respectivo para rectificação do contrato, toma a si o cargo de transporta-lo para sua fazenda, onde a *priori* tinha feito preparar casa para o numero de casaes encommendados e cuja vinda aguardava, entregando-lhes terreno destocado, capaz de prestar-se ao arado, e abona, finalmente, por algum tempo, comestiveis, cujo valor real volta por prestações razoaveis para a sua caixa, logo depois de ultimada a primeira safra. Nestes termos, e assim procedendo, é que os particulares têm tirado vantagens inequivocas da introducção dos braços livres. Haja vista a colonia Vergueiro.

O governo, porém, dispondo de innumeros agentes, todos estrangeiros, nullificando pela ganancia de uns a acção dos outros, tem esterilisado seus esforços e desnaturado a beneficencia de sua acção protectora. O particular leva sempre decidida vantagem sobre o governo nestas emprezas; porque á testa dellas e por conseguinte dos seus interesses,

está habilitado por isso mesmo para acudir a todas as emergencias, previnir todos os conflictos e sofrear exigencias exageradas ; tem, finalmente, á mão todos os meios para poder, de um só jacto, providenciar, sem consultar, pela fórma que melhor lhe dictar a prudencia e a razão.

As nossas colonias, demasiado internadas e tão internadas quão isoladas, têm de tudo absoluta carencia ; tudo lhes falta e por melhor que seja a boa vontade do ministro, as longas distancias, as pessimas estradas e as más estações neutralizam seus esforços ; suas ordens ou chegam, por via de regra, tarde para solver a duvida suscitada ou são mal concebidas por causa da falta de apreciação visual dos terrenos e de taes ou quaes circumstancias, que lhes são peculiares. Outro tanto se não daria se o plano adoptado fôra marchar das extremidades para os centros, ou, em outros termos, dos arrabaldes das cidades para os sertões.

Já que ahi chegamos, releve-se-nos que digamos alguma cousa sobre o facto, que se está dando na colonia de S. Leopoldo, na provincia do Rio-Grande do Sul, relativamente aos filhos dos colonos seus povoadores.

Na colonia de S. Leopoldo tem-se, por incuria nossa, introduzido um costume, a nosso vêr, prejudicialissimo, porque importa no porvir nada

mais, nada menos que a creação de um estado dentro de outro estado.

Composta exclusivamente de allemães, com prelado e professores allemães, têm os seus filhos, brasileiros natos, sido creados pelo systema, usos costumes e linguagem germanica; succede desta imperdoavel liberdade, que concedemos á educação dos filhos dos colonos, que estes brasileiros, homens pelo tamanho e idade, não sabem proferir uma só palavra portugueza. Quando instigados pela necessidade do momento por la passámos, pareceu-nos que viajavamos por algum cantão da Suissa: tal foi a grandeza do nosso desapontamento!...

Ao presente assás prospera e dispondo de todos os elementos de vida, inteiramente independente do trato forçado das povoações nacionaes, nem ao menos por mera curiosidade procuram conhecer e fallar o idioma do paiz, que habitam. Se de alguma cousa urgem embeneficio dos seus interesses, dirigem-se ao consul de sua nação, que é o seu orgão legitimo nas cidades, para que elle, por seu turno, procure entender-se com as nossas autoridades.

Sendo muito ingnificante o numero de brasileiros, que residem em suas immediações, e não carecendo, além disto, os colonos do seu contacto para viverem e commerciarem, eximem-se mui honradamente de sua communicação e guardam com

toda a pureza e patriotismo o idioma de seu paiz natal. Se quizessemos mudar de idioma, mesmo que a nossa nacionalidade perdesse os seus mais insignificantes vestigios, não tinhamos necessidade de empregar outro meio, bastava que alargassemos mais este: no periodo de 100 annos ficaria completa a metamorphose.

Eis ainda mais uma vez provada a excellencia do systema colonial nas proximidades das cidades. A necessidade forçada de communicação com os indigenas e quiçá os laços de familia iriam paulatinamente aclimatando-os á lingua vernacula e, pelo volver dos tempos e mescladas as raças, terminaria por extinguir-se a raça primitiva, para dar lugar a uma outra, que ficaria muito proxima da indegena, que alfim a subrepujaria.

Quando as colonias tivessem attingido os sertões, a distancia intermediaria a ellas e ás cidades estaria toda populada, seus campos cultivados, e a absorpção das raças consumada relativamente a todas as colonias com excepção da ultima, e que por nova e infinitamente pequena, comparada com a massa, que lhe precedeu, em pouco teria passado pela mesma sorte de suas antece ssoras. Illiminados por tal fórma os vestigios da raça germanica, obteriamos como resultado deste esforço uma massa compacta, fallando a mesma linguagem, tendo os mesmos

usos e costumes, marchando com uniformidade e interesses na vanguarda da nação, e trabalhando com decidido afan para seu engrandecimento e prosperidade.

E' por semelhante meio qne a Providencia Divina com mão caridosa, antepondo-se aos nossos inauditos esforços para firmar a corrente da emigração, a tem acertadamente afastado para bem longe de nossas plagas, protegendo e perseverando de modo inequivoco nossa nacionalidade ameaçada. E o mais admiravel é que ao passo que de um modo sensivel e palpitante decrescem os colonos, cresce em decupla proporção o algarismo dos portuguezes. O que quererá significar isto? Ainda é tempo de obviar tão grave inconveniente; ainda é tempo para arripiar carreira.

Nós, que tanto dinheiro temos gasto sem fructo real, podemos gastar mais algum com utilidade immediata. Creando um instituto agricola, no Jardim Botanico, por exemplo, com internato forçado para os filhos dos colonos estrangeiros, com professores e até mesmo os seus mais insignificantes serventes brasileiros, teriamos neutralisado os effeitos perniciosos do abandono, em que até aqui temos deixado a educação dos filhos dos colonos, abandono, que para o futuro, pelo menos, para as provincias, que demoram ao sul do Rio de Janeiro, se traduzirá pelas negras palavras *absorpção de nacionali-*

dade, extincção da lingua portugueza em parte da America do Sul,

Preparado o edificio no Jardim Botanico e prompto para receber os alumnos, o nosso governo expederia uma circular terminante a todos os seus directores de colonias, constituindo-os seus agentes naturaes, encarregados de participar-lhe annualmente a quantidade e numero de adolescentes maiores de 6 annos existentes nas colonias de sua jurisdicção. O governo, considerando a participação, e dispondo de todos os recursos pecuniarios, expediria suas ordens, afim de que os adolescentes de ambos os sexos viessem ter ao Rio de Janeiro ao tempo de se poderem matricular. Chegados que fossem, o proprio ministro do imperio iria entrega-los aos respectivos directores, *recommendando* por essa occasião, que não permitisse que os meninos e meninas conversassem em idioma estrangeiro, e que a cada filho ou filha de estraugeiro desse, por companheiro de dormitorio, passeio ou trabalho, um brasileiro ou brasileira. Essa recommendação deveria ser verificada pelo ministro, o qual sem o menor apparato, que denunciasse sua alta posição, deveria, *ipso facto*, visita-lo e verificar se suas ordens eram fielmente observadas ou se sophismadas Caso, porém, o ministro, em consequencia de seus muitos affazeres, não pudesse pessoalmente visitar amiudadamente, poderia lançar mão de pessoa ido-

nea e de sua illimitada confiança para desempenho de tão util tarefa.

As meninas educadas modestamente e instruidas em todos os trabalhos de agulha, poderiam ser entregues á seus genitores, logo aos 13 annos; os adolesc ntes, porém, era conveniente que só aos 20 completos fossem desligados do instituto.

E' muito possivel que se nos taxe de visionarios; quero acreditar que assim seja aproveitado o methodo, que nos animamos a apresentar, teriamos em todo o caso obviado um mal remoto, é verdade, porém infallivel; teriamos preparado o terreno para que em todo o imperio só se usasse de uma linguagem, a portugueza. Não teriamos occasiões, quaes outras Austria, Russia, e Prussia, de promulgarmos leis em allemão, para os subditos, que fallassem este idioma, em francez para os gallo-belgas etc., além de que ninguem ha que ignore que a diversidade de idioma, usos, costumes e religião, tem sido e será a causa primordial da quéda de todos os grandes imperios.

Supponhamos que um brasileiro, descendente de allemão, que só falla a lingua germanica, é um homem de talento e reconhecida capacidade; supponhamos mais que por causa daquellas bellas qualidades merecia os suffragios de seus concidadãos; é legitimamente eleito deputado geral, toma as

sento na camara e tem finalmente de orar sobre tal ou tal assumpto importante, que contende com os melhores interesses de seus constituintes; que figura fará este pobre homem no parlamento brasileiro, perguntamos nós? Se estropiadamente orar em portuguez fará um papel ridiculo e triste; se nem assim fallar ficará impossibilitado de expender suas opiniões, de esclarecer a camara com as luzes de sua experiencia, de tomar, finalmente, parte nos debates, porque quando o fizesse ninguem o entenderia. E pergantaremos ainda, não teriam estes brasileiros sobejas razões para amaldiçoarem a demasiada liberdade concedida por nós aos seus genitores em materia de educação? Não terão razões plausiveis para increpar-nos de deleixados? Não poderão com justa razão lançar-nos em face que os criamos como uma madrasta? Entendemos que sim.

E' lembrando-nos destas e outras emergencias, quiçá mais melancolicas, e que no porvir serão como outros tantos pomos de discordia para o nosso bello Brasil, que nos animamos a aproveitar da *bem entendida liberdade de imprensa* para apresentarmos a nossa humilde opinião sobre assumpto de tanta transcendencia, não com a clareza e brilhantismo que pede a magnitude do objecto, porque não dispomos de intelligencia, porém com a rudeza de estylo, que nos caracteriza e segundo a fraqueza de nossa pobre concepção.

E, visto como na nossa terra não ha nobreza heriditaria senão na augusta familia imperial, é licito á todo o homem de talento poder, dentro dos limites legaes, aspirar até o alto cargo de ministro de estado. E para que isto seja uma realidade e não o apanagio exclusivo de algumas familias indigenas, justo é que á esses nossos patricios, descendentes de outra raça, se facultem todos os meios para o fim de poderem, desde á sua adolescencia, entregar-se com liberdade ao cultivo methodico do mais bello e sonoro dos idiomas, o dos Vieiras, S. Carlos e Mont'Alverne.

De todas as provincias, que demoram ao sul da do Rio de Janeiro, a que mais vantajosa se apresenta para servir de receptaculo á colonisação européa, é por sem duvida a do Paraná. Cortada toda ella de rios navegaveis, sendo todos para embarcações de grande calado, ao menos para sumacas, hiates, palhabotes, lanchões, faluas, e outros vasos analogos; participando de um clima frio, e saudavel e tão fertil como os mais ferteis do Brasil, com uma população infinitamente pequena, comparada com a grande massa de seu territorio, que pela maior parte pertence á fazenda nacional, torna-se, segundo nos parece, de summa importancia e aproveitamento para merecer benevola e particular attenção do governo geral.

Antes, porém, de nos entretermos com outras cousas de reconhecida vantagem para o paiz, passaremos uma rapida vista de olhos sobre o estado actual da provincia, isto é, sobre os generos de exportação, que *deviam* fazer a sua riqueza agricola, sobre as riquezas que seu sólo encerra, sobre os meios de instrucção primaria e secundaria, sobre os que o governo provincial devia dar-lhes, e, finalmente, sobre os de realizar seu desenvolvimento e prosperidade. Se cumprirmos, como esperamos, essa promessa, teremos por então attingido ao alvo dos nossos esforços.

Os hibitantes da provincia do Paraná, por indolentes, por extremamente pobres, (fallamos unicamente dos lavradores) ou finalmente porque a politica local tem dividido e distrahido sua attenção da lavoura, têm despresado todos os ramos de cultura, que reclamam do cultivador um obice de trabalho, para se entregarem ao córte da madeira e preparação da herva mate, que, no entender delles, não urge de nenhum. A utilidade publica nos obriga a entrar na analyse de todos os processos empregados desde a colheita da herva até ao seu ensurruamento. E sendo estes os ramos mais importantes da exportação provincial, tolere-se-nos que delles nos occupemos com mais particularidade.

A tarauneira não vegeta em todos os cantos da America do Sul, procura terrenos especiaes, e desenvolve-se de envolta com outras muitas especies dissemelhantes pela sua grandeza e origem. Assim que, até ao presente, só se tem descoberto materaes *espontaneos* nas provincias do Paraná do lado fronteiro á Santa Catharinha, nas terras altas do Rio-Grande do Sul, e nas republicas vizinhas de Corrientes e Paraguay.

Desenvolvendo sua vegetação espontanea, conjunctamente com outras especies muito diversas em sua essencia e grandeza, assoberbada constantemente pela projecção de suas sombras, não é possivel que a folha da tarauneira receba a luz solar; ficam por conseguinte em estado de não poder attingir este gráo de madureza necessario para que o seu chá se torne de um sabor agradabilissimo. Accresce ainda que, tendo origem a sua vegetação conjunctamente com a de especies diversas, já nasce a tarauneira viciada: foi por este ponderoso motivo que os jesuitas das antigas missões preferiram planta-la nas varseas, como para diante mostraremos. Nos lugares productores da tarauna, como antigamente, ainda hoje habitam tribus guaranys ou descendentes de guaranys, que se dão a um uso immoderado do chá mate.

Esta opinião não é sómente nossa, porém de todos os escriptores antigos e modernos, que se occu-

param com as antigas colonias luso-hespanholas na America do Sul. Do contacto immediato dos guaranys com os portuguezes e hespanhóes, seus conquistadores e primeiros povoadores, nasceu a introducção, por parte destes,do chá de herva mate. O desejo de imitação, que *infelizmente* é inherente á nossa raça, deu origem a isto.

Com effeito,se bem que ao principio mostrassem os europêos uma como repugpancia ao chimarrão, ella depois ficou demaziado compensada pelo uso immoderado, que delle fizeram todos os povoadores, desde o Paraná até o *famozo* Paraguay. Ao presente a sua aceitação é tal, que passou para a classe dos generos indispensaveis.

Cerca de 3 seculos tem volvido desde que os luso-hespanhóes principiaram a dar-se ao cultivo e preparo da herva mate; e parece até incrivel que, no longo periodo de quasi 300 annos, esta industria não tivesse adiantado um passo! Bem pelo contrario,não tendo sua cultura e fabrico merecido attenção ou aperfeiçoamente algum notavel, nos propomos a provar que, contra a marcha regular de todas as cousas,ella retrogradou tanto, que excedeu aos tempos primitivos em rusticidade. Pois bem merecia a tarauna um cultivo tão desvelado e especial, qual o do chá! Adstringente e tonico tão poderoso como elle, excede-o ainda pela pre-

ciosa qualidade de valente diuretico; e se bem que usado de modo incoveniente e immoderado, não prejudica como chá ao systema nervoso. Tão melindroso e susceptivel como elle, só vegeta em certas e determinadas especies de terrenos elevados: parece que esta unica razão de per si fallaria bastante alto para que induzisse aos homens prodigalisarem-lhe os mesmos cuidados, que requer imperiosamente o plantio, cultura, preparação e fabrico do arbusto do chá, E terá isto acontecido? E' precisamente o que contestamos; por quanto os lavradores das tres unicas provincias do imperio, que possuem a congonha, devendo ser os primeiros a promover o seu adiantamento, e avantajarem-se na especialidade do estudo de sua preparação, são os primeiros que, só com a mira no lucro, barateam a sua qualidade por meio de torpes falsificações, para só se importarem com a sua quantidade Dahi a preciação do valor da nossa herva nos mercados do Prata. A' vista disto, teremos razão para nos queixar do abatimento, em que está a exportação da provincia? Entedemos que não. Queremos que os nossos generos tenham a preferencia no mercado estrangeiro? Pois bem, esmeremo-nos no aperfeiçoamento de sua qualidade.

Remontando a antiguidade, resumidamente exporemos o que fizeram nesse sentido os nossos an-

tepassados, os resultados que obtiveram, o que se faz ao presente e, finalmente, a razão por que sendo a herva brasileira melhor que a do Paraguay como materia prima, depois de manipulada é reputada muito inferior e só propria aos gaúchos

Os *senhores jesuitas*, que, aqui para nós, foram grandes mestres em *tudo e em todas as cousas*, conhecendo praticamente as avultadas vantagens, que auferiam do cultivo methodico da tarauna, procuraram introduzi-la nas 32 aldêas á seu cargo, conhecidas vulgarmente pelo nome de *Missões*. E como esses meus senhores *sempre tiveram um paladar* muito apurado, mudando a tarauna das selvas para as varzeas tiveram em linha de conta o seu melhoramento material. E, na qualidade de gandes *cammodistas*, entenderam, com carradas de razão, que o util é muito melhor quando anda a par do agradavel, *et ipso facto*, que era melhor colher o fructo á porta do convento do que ir procura-lo a esmo nas brenhas ; e como nenhum jesuita concebeu que não emprehendesse , nem emprehendeu que não realizasse, passou o seu plano do idéal para a realidade. Mandando transportar pelos indios grandissima copia de mudas, plantando-as nas 32 aldêas de suas missões em fórma de alamedas ou ruas, guardadas as convenientes distancias para o desenvolvimento dos ar-

bustos, deram elles principio á sua grande obra de melhoramento,

As plantas expostas desde seu nascimento á acção benefica dos raios solares, adqueriram toda a força e vigor da vegetação ; suas folhas, robustecidas e convenientemente amadurecidas, offereciam abundante colheita e tão perfeita quanto era para desejar. Transportando-as das matas, onde se não podiam desenvolver á vontade por causa de serem abafadas pelas arvores maiores, para as planicies cultas, onde não existe semelhante inconveniente, era uma razão para crerem na evidencia dos resultados ; por quanto, se a herva abandonada ás suas forças, sem cultivo, viciada e acabrunhada, era boa, tendo tudo quanto lhe faltava, devia ser excellente. Accresce ainda que, tendo ás portas de casa os bosques de tarauna, podiam em occasião opportuna realizar uma economia de tempo consideravel, que podiam melhor empregar no estudo da simplificação do fabrico.

Por experiencia propria sabendo elles que um pé de congonha era equivalente a uma arroba de herva, podiam com toda a segurança calcular os resultados da colheita pela propria colheita Assim, se tivessem plantado 10 pés de tarauna, e valendo cada pé uma arroba, segue-se que o resultado seria 10 multiplicado por 1 arroba. Vem a pêllo

aqui uma observação: os jesuitas nunca cortavam a esmo a tarauneira, antes muito pelo contrario, em quanto não reconheciam que o arbusto tinha 3 annos de idade, não lhe tocavam, esperavam pacientemente que a arvore attingisse ao seu maior gráo de crescimento para que sua bella plumagem tivesse adquerido toda a madureza precisa para procederem ao córte e depuração. Em face de-ta observação modificaremos o nosso calculo primitivo. Plantando-se 2,000 pés, e suppondo-se que elles fossem o resultado de plantações parciaes, teremos que, precisando-se de 6,000 arrobas de herva para consumo ou exportação, dever-se-hia cortar os 6,000 pés, que primeiro se plantaram, ficando 14,000 ainda, dos quaes outros 6,000 estariam no anno seguinte promptos para a depennação. Assim entenderam dever fazer os avaros jesuitas *in illo tempore*. Vejamos o que se faz ao presente, isto é, no seculo 19, no seculo das luzes.

Os nossos fazendeiros e lavradores, porém, excommungaram as prescripções jesuiticas, não pelo facto de sua descendencia, mas pelo motivo de reclamar logo em principio das primeiras plantações alguns cuidados; e como muito póde em nossa terra a indolencia, aboliram todo o plantio, que carecesse de trabalho ou methodo.

A clara exposição do uso entre elles adoptado, habilitará os homens sensatos a apreciar até que ponto se tem retrogradado em uma industria de vital interesse para a provincia, e cuja exploração e principio datam de 300 annos. Os pequenos lavradores, armados de machados ou fouces internam-se pelas matas em um tempo determinado em procura das florestas de materaes; descobertas ellas não lhes importa que o arbusto tenha ou não 3 annos de idade; é a arvore da congonha, logo está no caso, serve. Sem mais preambulos armam pelo meio dos materaes uma comprida palhoça, coberta de telha, a que dão o nome de carijó, por baixo do tal carijó dispoem paralellamente achas ou toros de arvores seccas e deitam-lhe fogo. O calor produzido pela chamma da *coivára*, lento ao principio e intenso depois, cresta as folhas e secca a arvore do mate. Passado este primeiro processo, tratam de diminuir gradualmente o fogo, até extingui-lo.

Resfriado o terreno ou cortam as arvores crestadas pelo calor da chamam, ou dão lhe com um grande vara-páo até consummarem a queda de todas as folhas. Isto feito, apartam-as, depois de as terem reunido aos montes, ensaccam-as sem terem procedido a um escrupuloso exame, e descem até Morretes, Antonina ou Curitiba para rea-

lizarem por preço miseravel a sua venda aos chamados engenheiros.

Convem não deixar passar desaperbida uma circumstancia de bastante gravidade, e vem a ser, que, ordinariamente a lenha usada nas *coivàras*, é composta de troncos de pinheiro de maior ou menor expessura. Ora, ninguem ignora que o pinheiro é rezinoso e que sua rezina exhala um cheiro muito desagradavel ; a herva mate, que como o chá absorve todo e qualquer aroma, impregna-se do cheiro da rezina e em resultado o seu chá resente-se do gosto da fumaça ; conseguintemente não é boa, por quanto ninguem ha que possa supportar em comida ou bebida gosto de fumo, e se não é boa por causa do processo por que a fazem passar, não devemos nos admirar que o seu preço esteja em relação á sua qualidade, e que seja muito inferior ao da herva paraguaya, que, sendo igualmente bem preparada, não o é comtudo tão mal como a nossa.

Os engenheieos (chama-se assim aos fazendeiros, que têm engenho de soque) pela sua parte não fazem melhor ; entregam as folhas da herva aos engenhos, e depois de mais ou menos trituradas, segundo é o destino, que lhe pretendem dar, ensurruam-as, depois de ensurruadas entregam os surrões ao calor benefico do sol, e remettem para o porto de Paranaguá, donde é exportada

por negociantes para Valparaiso, Montevidéo ou Buenos-Ayres. E, pois, não é para admirar que um arbusto tão delicado e melindroso como o do chá, preparado com tanta negligencia e despatriotismo, muitas vezes misturado com folhas semelhantes na fórma, porém diversas na origem, cedo se deteriore e diariamente vá perdendo sua verdadeira estimação.

Será álem disto o melhor involucro para a erva triturada o couro de boi secco? Entendemos, que não, porque dão-se as mesmas circumstancias, que apontei, quando tratei das *coivára*s feitas com troncos de pinheiro. Oppor-se-nos-ha á isto a portabilidade do involucro e o destino da herva; porém responderei que o chá é levado a toda a parte, e que ainda ninguem se lembrou de dar-lhe semelhante envoltorio. Por ahi se vê o apreço que fazem os nossos indigenas da herva, e do cuidado, que lhe merece a sua preparação; e se somos os primeiros a barratear sua qualidade, não devemos levar a mal que os estranhos a depreciem.

Se as folhas, depois de colhidas na arvore (sem o tal processo do fogo) fossem bem lavadas para separa-las das particulas de terra e levadas a um forno de barro (preferimos os de barro aos de ferro por causa das oxidações á que está sujeito este metal) onde um fogo ao principio lento, po-

rém cujo calor fosse ascendente pela graduação até bastar para fazer as folhas da congonha adquirir um grão de secura perfeito para a trituração ; se depois de passados por esta primeira preparação fossem expostas ao ar, por tanto tempo quanto fosse necessario para consumar seu resfriamento, e se ainda por occasião de metter a herva triturada em latas hermeticas, á semelhança do que se pratica com o chá, se juntassem, para aromatisa-la,algumas folhas inteiras da guabiroba, estou inteiramente convencido não só de que o seu preço seria fabuloso, mais ainda que sua demanda seria incessante.

Não se lembram os nossos lavradores, que da realização do methodo empregado pelos jesuitas nas suas antigas missões resultam vantagens inapreciaveis e que em todo o caso é muito preferivel ao máo uso de percorrer matas, andar a esmo leguas e leguas, destruir pelo incendio os vegetaes sem utilidade explicavel.

Explica-se muito bem esta anomalia dos lavradores ; no primeiro caso ha trabalho da preparação das mudas, ha o do seu transporte, o de sua plantação e o da limpeza do terreno ; no segundo ha apenas o de andar, que nada é para os nossos camponios; ha perda immensa de tempo que não é, nem póde ser apreciada por gente tão inclinada á indolencia : no primeiro caso es-

pera-se 3 annos pela arvore, e não ella pela fouce do cegador ; escolhe-se para colher ; no segundo cresta-se a arvore e colhe-se promptamente as folhas : na primeira hypothese planta-se para colher; na segunda deixa-se que a prodiga natureza, na qualidade de excellente mãi, cure da procriação de seus filhos. E viva o progresso retrogrado ! ! !.....

As provincias, brasileiras, que ficam ao sul do Rio de Janeiro, têm felizmente demasiadas proporções e vastos terrenos para produzir a herva mate de melhor qualidade, que as das republicas do Rio da Prata; e a prova é que outr'ora foi a nossa herva mui estimada, procurada e preferida á das possessões hespanholas. E desde o momento em que os nossos lavradores derem de mão á sua falsificação, desde que deixarem de olhar para a quantidade para só attenderem para a qualidade, mesmo tão incuriosamente preparada, como sabemos, ella readquirirá sua elevação e conquistará palmo a palmo seus antigos foros. Offerecem-se-nos dous meios para melhorar o cultivo da tarauneira:

1.º Destruindo todos os demais vegetaes de uma floresta virgem para só deixar a tarauneira e a guabirobeira. 2.º A' imitação dos jesuitas, transportando das matas para os povoados as mudas das

duas especies designadas e plantando-as em fórma de alamedas.

Examinemos a procedencia da realização de um ou outro dos dous meios apontados para o fim de chegarmos em conclusão a saber qual delles é o preferivel. Convirá ao estado em geral, e á provincia do Paraná em particular o emprego do primeiro dos meios apresentados? Com a mais absoluta franqueza responderemos que não; por quanto tal autorisação importaria a destruição de matas de nossas excellentes florestas; não, porque estas florestas são compostas de optimas madeiras de construcção naval; não, porque esta destruição parcial ou geral nos obrigaria para o futuro á importação da madeira estrangeira, que é muito inferior a nossa; e é o que a todo o transe convém impedir que succeda.

Se tão graves incovenientes se oppoem á realização do primeiro meio, vejamos se succederá outro tanto a respeito do segundo. Não enxergo inconveniente algum; porque neste caso sobre á perfeição e pureza na manipulação e diminuto trabalho nas primeiras plantações, junta-se a grande vantagem de aproveitar-se terrenos já cansados para plantio de outros vegetaes, mas muito convenientes para o da tarauna. Sendo as vantagens reaes e palmares, ainda mesmo para os mas myopes em materia de agricultura, é, conforme minhas

convicções, o unico, verdadeiro e preferivel a quantos se apresentarem. E se reconhecidamente elle é bom, deve ser traduzido em uma realidade por todos os plantadores.

Adoptado e realizado pelos nossos lavradores, para attingirem a perfeição nesta plantação e fabricação especial bastava que intercalassem a cada cem pés de tarauna, um de guabiroba, que, como não ignoram os nossos camponios, serve para transmittir á folha do mate um aroma agradavel.

Não é, como prudentemente dissemos, todo o terreno que serve para a plantação dos bosques de tarauneira. Se, por exemplo, os terrenos altos e de massapé de Castro, Palmas, Guarapuava, etc., se prestam maravilhosamente ao desenvolvimento deste vegetal, outro tanto não succede pelo que respeita á Curitiba, Morretos, Paranaguá etc, cujos terrenos são argilosos ou areentos.

Ainda mesmo que todo terreno da provincia do Paraná fosse optimo para tal plantação; ainda mesmo que esta industria fosse tal que pelos seus lucros fabulosos absorvesse toda a attenção dos pequenos lavradores, a ambição lucro não devia cegar aos grandes e pequenos fazendeiros ao ponto de desprezarem todos os demais ramos de cultura; por quanto o resultado pratico

deste systema de exclusivissimo será ficar a provincia dependente inteiramente das demais suas irmãs com relação aos generos de primeira necessidade, e é o que infelizmente se está dando. Por ventura estará a fertilidade desta provincia em relação com a importação de generos alimenticios? Não importará ella um protesto vivo contra o deleixo de seus habitantes? E porque tanta incuria? Como explica-la? Curitiba pela impregnação da humidade atmospherica, pelos grandes brejos, paús e pantanos que bordam o seu solo em toda a sua superficie, é muito propria para o plantio do trigo, do centeio, do arroz, do milho vermelho, do feijão das favas, da cevada, da mostarda, linhaça, das batatas, do chá, e, finalmente, nas partes elevadas, da canna.

Antonina, Paranaguá, Morretes e Guaratuba etc., cuja atmosphera é comparativamente mais quente e cujos terrenos mais seccos, prestam-se maravilhosamente á ptantação da canna, café, do algodão, do fumo, da mamona, da mandioca etc.

Bastava que os lavradores do Paraná inclinassem o fiel de sua balança exclusivamente para estes ramos da agricultura, para que dentro de muito pouco tempo a provincia, apezar de sua grande adolescencia e pouca população, se collocasse a par de suas irmãs mais velhas na rota do progresso; bastava que elles ensaiassem em larga

escala estes ramos de lavoura para que a exportação provincial crescesse de um modo prodigioso; bastava que, depois de uma tentativa feliz, a elles se dedicassem para que o seu commercio se desenvolvesse, seu mercado se enriquecesse, seu porto regorgitasse de navios estrangeiros, sua cidade se populasse.

Na verdade é para lastimar que, existindo centenares de leguas de campos incultos, mesmo ás portas da cidade, pela incuria unicamente dos seus pequenos lavradores, esteja o Paraná, cujo solo é tão fertil, na mais absoluta dependencia do Rio de Janeiro, até para lhe supprir de assucar!!!... E' tristissimo, mas tão verdade como a existencia da luz do dia, que o solo de Curitiba, produzindo espontaneamente o arbusto do chá, em tão grande quantidade e tão viçoso como o da melhor especie de S. Paulo, não apparecesse um dos seus ricos fazendeiros, mais curiosos do que os outros, que mandasse vir daquella outra provincia por sua conta homens amestrados pela pratica continua de sua manipulação; que ainda não apparecesse um mais corajoso que os outros que se animasse a fazer uma insignicante tentativa ao menos!... Até onde chegará o desmazelo, a incuria e a indolencia de nossos lavradores? Quando a herva não der para fazer face as despezas de seu custeio, a que ficará reduzida

esta bella provincia? Nos mercados do Prata já estão desacreditadas as suas madeiras, porque não são cortadas como aconselha a mais sã prudencia; sua herva goza de má reputação em consequencia das reiteradas falsificações: qual será pois o futuro desta bella porção do Brasil se os seus habitadores não arripiarem carreira?

A provincia do Paraná tem por limites ao norte a provincia de S. Paulo, a leste o oceano atlantico, ao sul a provincia de Santa Catharina, e a oeste o Paraguay e Mato-Grosso. Sua superfecie é de 3,000 leguas quadradas. Tem 100,000 habitantes, dos quaes 80,000 livres e o resto escravos.

Seis são os seus rios principaes; a saber: Paraná, Paraparema, Sahy, Itararé, Tibagy e Iapó.

Treze são os de ordem inferior; a saber: Grogussu, Medeiros, Itaqui, Tagaçuba, Serra-Negra, Pomba, Borrachudo, Assemguy, Patos, Faisqueira, Cachoeira e Embuguassú. Ha uma infinidade de outros menores no seu porte, que regam o territorio da provincia em todos os sentidos. Dous são os seus principaes portos: Paranaguá e Antonina: além destes ha muitos outros iguaes ou pouco inferiores.

Tres são as suas barras, geralmente conhecidas pela sua posição com referencia aos rumos da agulha; a saber: sul, leste e sueste; as duas

ultimas são praticaveis em qualquer tempo e com toda a maré; a primeira, porém, cujo canal sobre ser muito estreito e curvilinio é semeado de parceis, está inteiramente abandonada pelos navegantes em consequencia dos grandes perigos, que offerece o seu ingresso.

Uma unica fortaleza serve de fortificação á provincia; está collocada ao lado direito da barra de sueste, no sopé de um morro pouco elevado. Esta fortaleza serve tambem de registro para as embarcações entradas e sahidas; por esta causa é que lá existe constantemente destacado um guarda da alfandega.

O commercio de exportação se resume em madeiras e herva. O rendimento geral liquido orça por 136:379$650 e o provincial por 200:000$.

No que respeita á parte ecclesiastica ainda está dependente do bispado de S. Paulo; e o fôro ao tribunal da relação do Rio de Janeiro. Divide-se a provincia em 4 comarcas: Curitiba, Paranaguá, Guarapuava e Castro, que servem de residencia aos respectivos juizes de direito; em 7 juizados municipaes: Curitiba, Principe, Ponta Grossa, Guarapuava, Paranaguá, Morretes e Castro. em 19 municipios e 20 freguezias; em 1 chefia de policia, 7 delegacias, e 21 subdelegacias. O chefe de policia reside em Curitiba, que é a capital da provincia. Quando se trata da elei-

ção para deputados geraes e senadores é toda a provincia considerada como um grande districto. Dá dous deputados e um senador. A assembléa provincial compõe-se de 20 deputados. As principaes cidade são Paranaguá, Curitiba, Antonina, Castro e Guarapuava: a excepção das primeiras, todas as mais principiam apenas a nascer. Seis são as suas colonias: Jatahy, Theresa, Supiraguy, Palmas, S. Pedro de Alcantara e Nossa Senhora do Loreto com uma população mixta de 1,957 pessoas. Os metaes preciosos, que mais abundam são o ouro, nas visinhanças da serra do mar e serra acima; o mercurio, nas margens do Iguassú e Boguassu; o cobre, nas margens do rio do mesmo nome; os ixidos, e peroxidos de ferro, por toda a parte; o diamente, nas aguas do Tybagy; o carbonato de cal, nas pedreiras de Curitiba, Castro e colonia Theresa; as argilas são muito variadas e encontram-se sem difficuldade nos centros da provincia; ha poucas, porém abudantes fontes sulphurosas nos sertões.

Curitiba, situada na encosta da serra do Cubatão, fica distante do porto de Antonina 12 leguas e do de Paranaguá 15. Relativamente aos demais pontos da provincia, não é como se quer inculcar a cidade de Curitiba o verdadeiro centro da provincia. A população da cidade é de 6,200 almas, e a

de toda a comarca de cerca de 18,000. Paranaguá, situada á margem meridional da bahia formada pelo Itibiré, dista do oceano 3 leguas. Sua cidade conta 10,000 habitantes e todo a comarca perto de 18,600. E' a mais importante e populosa de toda a provincia. Possue um excellente templo, ora em reedificação que serve de matriz, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario. Além deste possue mais 3 outros menores, que são o de S. Benedicto, S. Bom Jesus dos Perdões e S. Francisco da Penitencia. Tem uma casa de camara com uma pessima cadêa no andar terreo, uma alfandega, um excellente hospital de Misericordia, que tem prestado uteis serviços á população indigente, um theatro e uma casa de capitania.

O simples facto da descripção topographica de Curitiba indica com a maior evidencia que lhe fallecem todos os recursos para uma capital. Esta nossa opinião, sendo a de todos os homens conhecedores da provincia, é ainda corroborada pela de todos aquelles viajantes, que têm transitado por essa cidade, a respeito da qual se exprime o Sr. Theophilo Ribeiro de Rezende pela seguinte fórma: —*E' com effeito custoso viver em um paiz constantemente lamacento ou charcoso, molhado e nimiamente frio quasi duas terças partes do anno, onde tudo cada vez mais se difficulta e encarece.*— Mais adi-

ante prosegue:—*Este lugar effectivamente nada promette, esteril e sem cultura, nem sequer tem commercio, excepto o pequeno mercado, ora feito com os empregados civis e militares. Digo que não ha commercio propriamente dito na capital, porque é conhecido que em toda a pvovincia só o ha de herva e pouco de animaes: o primeiro da-se em Morretes e Paranaguá; e para o de animaes serve a provincia apenas de intermediaria ao Rio-Grande e S. Paulo, sendo pontos de transito, Guarapuava. Principe, Ponta Grossa e Castro, tudo muito distante de Curitiba. Accresce que esta povoação nem ao menos é lugar obrigado de passagem do interior para o litoral e vice-versa, como a capital de S. Paulo, tornando-se por isto isolada e hoje apenas receptaculo dos empregados civis, militares e de um ou outro especulador.*

E infelizmente para Curitiba o Sr. Rezende proferio uma verdade evangelica, prophetisando o seu presente e o seu futuro desesperador!... Central, sem uma unica via de communicação regular, isolada, sem nenhum destes grandes recursos, que fazem a animação, a vida das cidades, sem commercio e por conseguinte só vivendo vida official, devia, apezar do pomposo vaticinio, que lhe outorgou o Exm. Sr. conselheiro Zacarias, não passar do que realmente é: — uma cidade sem significação. E tão valente é a nossa convicção á este respeito

que não trepidamos em affirmar que daqui a um seculo, correndo como infelizmente correm os nossos negocios provinciaes, ella pouco mais será que a Curitiba de hoje.

Nem mesmo sei á que attribuir, como o Exm. Sr. Zacarias, com o tino administrativo e poderosa intelligencia, que lhe conhecemos, foi procurar semelhante lugar para capital do Paraná! Se era um ponto, *verdadeiro centro*, que S. Ex. procurava, enganou-se; porque a distancia que medeia entre Paranaguá, Antonina ou Curitiba, não é a mesma, em que desta cidade ficam Castro, Guarapuava, Palmas, Principe e Ponta Grossa.

Estaria o governo geral ao facto das circumstancias peculiares ao lugar e conheceria seus recursos? Creio piamente que não.

Quando um presidente é mandado afim de crear uma provincia, e dispõe de plena liberdade para escolher em todo o seu territorio um ponto para capital, elle, depois de maduro exame das localidades, escolhe ou antes prefere para semelhante mister, a melhor de todas as suas cidades, aquella que maior numero de garantias lhe offerece de um prospero futuro. E S. Ex. fez isto? Não; logo trazia ordens positivas para fazer de Curitiba capital do Paraná: isto nos explica a pressa com que S. Ex. a deixou.

Parece-nos que uma cidade para gozar dos foros de melhor, no sentindo em que fallamos, deve reu-

nir em si os seguintes quisitos: 1.º Estar collocada beira mar para estar igualmente em contacto immediato com a capital do imperio e com o estrangeiro; 2.º Ter maior numero de predios urbanos; 3.º Dispor de um bom porto; 4.º Terreno plano sufficiente para estender sua edificação, sem ter de supperar escolhos; 5.º Ter maior população; 6.º Ter mais recursos, mais riqueza commercial e civilização mais adiantada. Com todos estes predicados só conhecemos em toda o provincia uma cidade, e esta chama-se Paranaguá.

Maior, mais populosa e mais commerciante que Curitiba, Antonina, Castro ou Guarapuava, só aguarda para seu verdadeiro e legitimo engrandecimento que os curitibanos tenham bastante patriotismo e amor pelo bem-estar de sua provincia para serem os primeiros a darem o exemplo de completa abnegação, ligando-se aos deputados para proporem a transferencia da capital para ella. Com o desapparecimento da scena do espirito de mal entendido bairismo, surgirá a aurora de prosperidade da provincia do Paraná. Curitiba, qual outra S. Christovão, depois de passar por todos as *duras provas dos desenganos os mais amargos*, acabará, como ella, por ser a primeira a dar semelhante passo, que, no nosso humilde entender, devia ser já, para que ella como sua decahida irmã não ficasse tão empobrecida. Para bem se avaliar

da capital do Paraná, das razões que nos assistiram para julga-la incapaz de augmento, juntaremos um mappa estatistico dos predios etc., de Curitiba.

O Exm. Sr. conselheiro Zacarias com plena liberdade de acção, pronunciou-se ácerca da transferencia da capital para Antonina. No primeiro caso S. Ex. cumpria uma ordem, no vertente exhibia o fructo de suas convicções. Vejamos se teve alguma razão preponderante para chegar a este resultado.

A pequena cidade de Antonina, como a de Curitiba, cercada por uma cordilheira de morros de não pequena elevação, apresenta ao espectador a fórma imperfeita de uma meia lua ; a planicie, collocada entre a cordilheira e o mar, é demasiado estreita para consentir que sem grandes trabalhos da arte possa estender-se no porvir a cidade para norte, sul, leste ou oeste,, porquanto esta planicie não passa de uma estreita lingua de terra. A pretender-se estender mais do que está a cidade, de duas succederá uma: ou tem de proceder-se ao desmoronamento de toda uma cordilheira, que é logo seguida de outra, ou de fazer-se grandes aterros sobre a bahia, e neste caso ficará o seu porto, já tão baixo,inutilisado. Estará o Paraná nas circumstancias de occorrer á semelhantes despezas, quando

ainda não teve o necessario para a factura de um palacio?

Antonina tem uma extensa e linda bahia; porém, de que lhe serve esta extensão e belleza se é só para recrear a vista e não para utilidade publica? De que lhe serve esta extensão se o seu fundo é apenas de 1 1/2 braça (não em todos os lugares) e se na baixa-mar fica quasi toda descoberta, deixando então para vêr-se e melhor apreciar-se a immensidade de parceis que bordam o seu fundo em todos os sentidos? Tirado o estreito canal por onde sobem, não sem risco de encalhar as embarcações, o que lhe fica? Accresce ainda a tão graves inconvenientes que não é ella abrigada; á excepção do norueste todos os demais ventos devassam e enfurecem suas turvas aguas.

Assim que, sem terreno para estender sua edificação urbana, sem bom porto para receber navios grandes, sem a possibilidade de poder, sequer, fazer-se um cáes em toda a extensão da cidade para servir de desembarque, como poderá servir para capital da provincia? A muda-la do centro para a marinha, deve-se faze-lo de modo que no fim de alguns desenganos e muito dinheiro gasto inultimente, não se tenha de procurar outro lugar para sua installação. Me parece, pois, que a escolha de S. Ex. foi ainda infeliz; por quanto

na preferencia de S. Ex. só enexrgo o enlevo dos sentimentos e não a realidade pratica das cousas. Fica, pois, liquido que Antonina não póde servir de capital da provincia, porque, qual outra Curitiba, não lhe póde garantir um futuro prospero.

Examinemos agora se Paranaguá, a cidade mais importante e commercial de toda a provincia, reune em seu ambito os accessorios indispensaveis. Situada, como já tivemos occasião de dizer, na margem meridional da bahia, formada pelas aguas do Itararé, Embugassu etc. e as do oceano, está delle distante apenas 3 leguas maritimas. A população da comarca orça por 18,732 almas e a da cidade por 10,000. Com uma superfecie plana maior de 3 leguas quadradas, tem o terreno preciso para a edificação de uma cidade enorme. Quantas haverão na velha Europa com tal cumprimento e largura? O quadrilatero comprehendido entre o furado, rio acima, até além da ponte do rio Embuguassu, deste em linha recta até á praia de Nossa Senhora do Rocio, e desta até o furado, offerece-nos uma superfecie plana com sufficiente capacidade para accommodar largamemte 900,000 habitantes. E quantos annos de vida activa não serão precisos a esta provincia para possuir esta massa populante. Sendo

ponto de partida fluvial para todo o interior, está no caso de offerecer vantajosos recursos a todas as colonias, que se crearem ás suas portas e o que mais é um mercado certo para consumo dos generos. O commercio com o estrangeiro, se bem que apenas nascente, é real e tende diurnamente a desenvolver-se, um excellente porto, não obstante estar um pouco damnificado pelas levas de arêa, cujo canal de entrada mede 4 1/2 braças de profundidade nas marés médias e 5 1/2 nas grandes, um ancoradouro tão profundo como abrigado, muito boas casas e em quantidade, civilisação muito mais adiantada do que em qualquer outro lugar da provincia, e do que deviam comportar os escassos recursos de instrucção ao alcance de seus habitadores, uma alfandega e uma casa de capitania: que lhe falta, pois, para servir de capital? Apenas a residencia do presidente e a assistencia da thesouraria.

Qual das outras apontadas offerece mais vantajosa prespectiva de engrandecimento? A sua prosperidade e desenvolvimento, que ao presente se vai menifestando paulatinamente, se precipitaria de um modo admiravel se para ella fosse transferida a capital. E assim como Curitiba, a cidade agricola por excellencia, não póde prosperar emquanto lá estiver plantada a capital; Paranaguá só aguarda por ella em seu seio para mani-

festar sua prosperidade. Não deixaremos passar desapercebida uma circumstancia pelo seu valimento e gravidade.

Mudada a capital para Paranaguá e com ella todas as repartições de fazenda, resultaria da proximidade em que ficavam umas das outras a unidade, harmonia e boa marcha nos negocios, que por ellas corressem , o que não se dá ao presente porque a isto se oppõe a grande distancia em que está a thesouraria da alfandega, as pessimas estradas, a demora dos correios. Neste caso o prejudicado é o negociante unicamente, que, álem da *perda de tempo*, é desapiedadamente sangrado na bolça por procuradores ou advogados, que por via de regra são forçados a ter em Curitiba.

No caso vertente, as questões, cujas soluções pendessem da thesouraria, seriam opportunamente resolvidas mediante uma simples explicação entre os inspectores daquella repartição e o da alfandega. No caso contrario por ventura dar-se-ha esta harmonia e presteza de resolução ? Não, porque cada duvida da thesouraria de fazenda importa 15 dias perdidos com ida e volta dos correios.

Enunciando nossos pensamentos por semelhante fórma *um só momento* não tivemos em vista offender pessoa alguma por mais de leve, que fosse. Pernambucano, desmentiriamos nossa

origem se não fallassemos a linguagem franca, que fórma a base de nosso caracter rude. Como brasileiro, levado pelo amor da prosperidade desta bella porção do imperio, procuramos despertar os brios dos paranaenses, provocando aos curitibanos peculiarmente a darem perante o mundo um exemplo de civismo; despertamos em seus peitos leaes o patriotismo brasilico para *servir de poderosa egide contra os embates mesquinhos do espirito de bairrismos que tudo intorpece e mata.* Imitemos o exemplo sublime, que nos legou o instituidor de nossa santa religião, mandando restituir a Cesar o que lhe pertencia. Dai unanimes á vossa primeira cidade, a Paranaguá, o que lhe falta para o rapido engrandecimento da provincia; e outra cousa não tereis feito mais que preparar o caminho do progresso para a vossa cidade, para a de Castro, para a de Antonina, para Guarapuava e Ponta-Grossa, finalmente. Só por tal sacrificio, em favor dos vossos bem entendidos interesses, conseguireis realizar verdadeiras vias de communicação, harmonia na administração, que se tornará proficua e benefica para todos.

« A arte de transmittir o pensamento, diz o Sr. tenente-coronel Beaurepaire Rohan, *se não é, como pretende Duclos, a mais difficil das artes, é certamente*

aquella que, depois do dom da palavra, melhor abona a superioridade do ente que Deos o creou á sua imagem. Facilitar ao infinito esses meios de educação, que tiram o homem do estado de embrutecimento, em que o deixa a ignorancia para restabelece lo na posição de honra, que lhe compete, como ser privilegiado da creação, é por tanto a mais gloriosa missão daquelles que têm a seu cargo dirigir o movimento social. Uma das causas, que mais me tem satisfeito, por occasião das minhas romarias pelo interior da provincia, é o desejo de instrucção que domina a generalidade dos incolas, sem exceptuar aquelles que pertencem ás classes menos abastadas; mas, o estado de probeza, em que ordinareamente vivem, difficulta essas deslocações, á que os condemna a distancia, que os separa das escolas. » Que mais de util poderei accrescentar a este bello e verdadeiro traçado com tanta mestria pelo Sr. de Rohan?

Cem mil são os habitadores desta bella e quasi inculta provincia; destes 100,000, cerca de 30 são adolescentes. Estarão em harmonia com este crescido algarismo os meios de instrucção primaria e secundaria? Nós nos encarregamos de leva-los ao dominio do publico.

Os meios de instrucção primaria, publica ou particular, para toda a provincia, consistem em 48 escolas, sendo 30 para o sexo masculino e 18 para

o feminino. Suppondo que dous terços dos adolescentes pertencem ao sexo masculino, um ao feminino, teremos que as 48 escolas deverão contar 20,000 frequentadores, ou cerca de 501 para cada uma. Sendo um terço, que fica para o sexo feminino igual a 10.000 e as escolas 18, vem a tocar a cada uma cerca de 565 discipulas. Não será tão escasso o numero de escolas publicas e particulares para os dous sexos e tão crescido o numero de seus frequentadores? Poder-se-ha, *ainda mesmo em uma escola modelo*, ensinar convenientemente a 513 discipulos que é o termo medio entre os frequentadores de ambos os sexos? Ninguem o dirá.

Os meios de instrucção secundaria são: um lycêo em Curitiba muito pouco frequentado; uma cadeira de latim e francez na villa do Principe e outra de francez e inglez em Paranaguá. Serão sufficientes? Sobre serem demasiados apertados os limites da instrucção primaria e secundaria da provincia, á elles vem juntar-se a sua má distribuição.

Paranaguá, pelo foral de cidade maritima, mais populosa e commercial, não póde, sem grande clamor, prescindir da creação de um lycêo, cujas materias de ensino versem sobre todos os preparotorios, e álem delles sobre o ensino theorico e pratico da agricultura, pilotagem e construcção naval. Não queremos dizer com isto que tudo seja levado a effeito de um só jacto, não: queremos

sim que a necessidade vá determinando a creação de cada cadeira de ensino ; porque nada ha mais ridiculo do que a pomposa creação de uma academia sem discipulos para matricularem-se em todos os seus ramos de ensino.

E como não desejamos sobrecarregar os cofres provinciaes sem uma utilidade provada, nem que se crêm cadeiras de ensino só por uma mera ostentação e com o fim unico de distribuir pingues ordenados, embolsados mensalmente no mais santo ocio, contento-me com enunciar-me pelo modo por que tenho feito.

Tornando, porém, ao assumpto, direi que ainda não vi outra provincia do imperio, em a qual tão decididamente se tenha manifestado o gosto pela vida maritima. Esta vocação innata em seus habitantes é uma prevenção feliz em abono de um futuro muito prospero e não distante ; assim os seus mais sensatos habitantes se disponham a sacrificar no altar do bem-estar da provincia o espirito de bairrismo, que á alguns domina.

A creação de um lycêo ou instituto, o nome não vem ao caso, tal como o figurei, satisfazendo as maiores exigencias do ensino theorico e pratico de toda a população da provincia, concorreria de um modo inequivoco para sua perfectibilidade, habi-

tuando seus filhos, desde a mais tenra infancia, ás rudes exigencias de uma vida laboriosa.

Ao governo provincial compete aproveitar, auxiliar, acoroçoar e desenvolver este futuro viveiro da nossa ora tão insignificante marinha mercante, e da nossa tão nascente quão esmorecida e atrasada agricultura, fornecendo-lhes todos os meios de instrucção precisos para a educação dos filhos da provincia.

Os cofres provinciaes podem felizmente fazer face ao custeio de tão util e necessaria instrucção. Aos senhores deputados compete, pondo de parte as divergencias politicas quando *se trata de um beneficio, que aproveita a todos*, promoverem sua realização com diligencia, e boa vontade E' por semelhante fórma que vos quitareis com aquelles que confiadamente vos deram um voto solemne e de honra.

A população central, convergindo toda e sempre para a sua cidade maritima, é na marinha que, de preferencia a qualquer outro ponto da provincia, se deve concentrar suas melhores instituições do ensino primario e secundario, tanto mais que a barateza extrema das casas e dos viveres favorece demasiado a esta deliberação espontanea do povo paranaense.

Curitiba, só vivendo a vida official, pois são obrigados a residirem ahi os empregados civis e mili-

tares, não póde prestar serviços importantes senão aos filhos destes funccionarios publicos Atirada para am lado e desviada da trajectoria dos demais pontos da provincia, é muito difficultoso aos habitantes dos pontos longinquos o aproveitarem-se da permanencia do lycêo em seu ambito; porquanto, além de todos os inconvenientes apontados, accresce o da carencia dos generos alimenticios e o seu custo fabuloso; as difficuldades apparecem umas sobre outras!... Os paranaenses teriam levado ao gráo do modelo o seu lycêo ou instituto se nelle introduzissem em internato gratuito e voluntario para uns tantos nacionaes pobres, gratuito e obrigatorio ao mesmo tempo para o numero identico de filhos de colonos estrangeiros, dedicando estes *unicamente* ao estudo e pratica das materias agricolas, e aquelles aos que lhes suggerissem suas primeiras inclinações. Occupando-nos com a instrucção secundaria da provincia, concentrada em Paranaguá, não aspiramos a outro fim que não o bem-estar e desenvolvimento intellectual de seus filhos. Faremos uma pequena digressão por esta cidade e nos entreteremos por um pouco com o seu porto e commercio de exportação.

A Cutinga é o lugar que serve para ancoradouro dos navios á carga e descarga. Dista do edificio da alfandega duas milhas em linha recta. E' o lugar mais profundo e abrigado do porto, e onde

fundeam os navios de lotação maior de 200 toneladas. Ao presente, este unico e bom surgidouro de que dispõe a cidade de Paranagua ou antes toda a provincia do Paraná, está consideravelmente damnificado em uma parte pela agglomeração das arêas, que, tendo formado grandes bancos, mudou a corrente das aguas da margem direita para a esquerda do rio. O ancoradouro está, pois, reduzido a um simples canal de pouco mais de 80 braças de largura, com um fundo variavel de 1/2 a 5 braças nas marés médias. A permanencia de uma barca de excavação, que se occupasse com a remoção dos bancos, que conseguisse outra vez restabelecer o curso das aguas, é de tal sorte visivel, palpitante e urgente que nos abstemos de qualquer demonstração.

Aventuramos, comtudo, uma observação e vem a ser: que se esta providencia não for tomada com a urgencia que pede o caso, mesmo com o fim de obviar despezas futuras e enormes, dentro do periodo de 10 annos mais ou menos ficará a cidade Paranaguá sem porto accessivel a embarcações; por quanto, á proporção que os bancos existentes se vão desenvolvendo, outros novos como que por encanto vão surgindo da superfecie das aguas. E' por semelhante modo que, o que ficava em frente do trapiche da alfandega, já tem avançado até além

da praça do mercado, uma extensão não inferior a 35 braças, de Dezembro de 1860 a Outubro de 1861. Com as grandes marés havidas a quantidade de arêa deslocada pelas correntes tem sido enorme; é só crivel para quem, como nós, póde visualmente apreciar o desenvolvimento deste phenomeno destruidor. Os canaes por onde com o auxilio das marés subiam os navios para mais perto da cidade e da alfandega estão muito menos profundos.

Ao passo que as correntes se pronunciam com mais precisão pela margem esquerda, a da direita ou da cidade vai ficando sensivelmente aterrada. E nem é para admirar que isto assim succeda, porque a convergencia da força das correntes para o lado esquerdo vai todos os dias excavando o seu leito; a inercia produzida nas aguas pelo afastamento desta mesma força, pelo que diz respeito á margem direita, dá lugar a que as camadas de arêa deslocadas possam suster-se, firmar-se e originar esta serie de bancos, que tanto mal já vai fazendo ao porto, ao commercio da cidade e finalmente á fazenda nacional.

Até aqui, só com o auxilio do preamar podiam, ainda assim supperando difficuldades, subir o canal aquellas embarcações, cujos respectivos calados não excediam a 8 palmos pouco mais ou menos; agora deixamos o trabalho de avaliar quanto tem

augmentado estas difficuldades com a remoção do leito do rio, estreitamento e aterro dos canaes, aos praticos do lugar. Estas difficuldades tornam-se insupperaveis quando as marés são pequenas, porque nem as proprias lanchas e hiates carregados podem chegar ao trapiche da alfandega, que por infelicidade está collocado sobre um dos bancos maiores; é por este motivo que em vez de ser um auxiliar poderoso daquella estação fiscal, como devia-o ser, é o seu verdadeiro estorvo.

Se não fôra receiar parecer enfadonho, passariamos a provar a inconveniencia da collocação da alfandega no desgraçado lugar, em que está; a inconveniencia de funccionar em um acervo de ruinas, que só por milagre do equilibrio se sustenta, e mais ainda a inconveniencia de ficar entre ella e a sua ponte ou trapiche *uma rua de transito publico! Passaremos, porém, em religioso silencio a historia moderna deste edificio publico.*

Succedeu o que ha muito haviamos previsto com relacão ás continuadas falsificações no fabrico da herva mate destinada para exportação! A de qualidade superior, que ainda em Dezembro do anno passado se mantinha ao preço de 3$600 em arroba, tem gradualmente descido até 2$800, preço este que com demasiada difficuldade supporta. Os engenheiros de serra acima são in-

cansaveis em offerta-la aos negociantes desta praça, que vivem exclusivamente deste ramo de negocio; suas offertas, porém, são rejeitadas pelos mesmos porque a experiencia lhes tem mostrado que o producto da venda no mercado estrangeiro não dá para fazer face ás despezas com o transporte, corretagem, commissões, guindagem etc. A olhos vistos tem definhado a procura deste genero; attribue-se geralmente este mal á barateza, á abundancia da herva do Paraguay, á proprinquidade e facilidade para conduzi-la ao mercado.

As republicas do Prata, que são o nosso mercado favorito, repugnando aceitar a nossa herva, vão dando decidida preferencia a do Paraguay para o consumo das cidades, expellindo a nossa para o da campanha, não só pela sua qualidade inferior, como pela sua conductibilidade.

Ainda assim, devido a certas circumstancias peculiares áquellas republicas, pouca tem sido a herva brasileira importada para consumo de seus camponezes. Os navios estrangeiros, que pelos mezes de Julho e Setembro demandavam o porto da cidade para receberem carregamento de herva, presentemente, sobre serem muito escassos, apenas o fazem para o Chili, que, forçoso é confessarmos, é demasiado fraco na qualidade de consumidor. O desanimo geral que grassa entre os

negociantes é pois devido, álem das causas apontadas anteriormente, á barateza excessiva deste genero no mercado importador, produzida pela sua grande abundancia.

Reduzida a estas condições a unica industria agricola da provincia, o que ficará sendo ella? Ainda não será occasião opportuna para que seus lavradores arripiem carreira? Não será ainda tempo de cuidar com mais esmero na plantação da canna, café e algodão? Esperarão por ventura que sejam levados ás ultimas extremidades pelo imperio das circumstancias para então verem que o fumo nasce ahi expontaneamente. Se da plantação da canna e do algodão se podem colher resultados vantajosos em o periodo de 12 mezes; outro tanto se não dá com o algodão que necessita apenas de 6 a 8 mezes para offerecer ao lavrador suas prateadas maçães.

E' o caso de nos entretermos em pouco com os ramos de exportação da provincia; por quanto a herva mate por si já é prejudicial por ter trazido o quasi completo esquecimento da pequena lavoura da provincia; a madeira é prejudicialissima aos seus interesses mais vitaes porque só tem servido de desacredita-la perante o estrangeiro.

Assim que, nos mercados do Prata, quando se trata de uma obra melhor, inclue-se logo no con-

trato a clausula de que o impreiteiro não se servirá de madeiras do Paraná, sob pena de gravosas multas. Não é tudo ; no Rio de Janeiro, a excepção do taboado de canella preta, toda a demais madeira desta provincia só tem serventia para andaimes de obras !

Dir-se-hia em face destas tristes verdades, que as madeiras oriundas do Paraná são pessimas e sem nenhum prestimo ? Assim, porém, não é : as especies que povoam suas florestas são excellentes, são optimas ; a avareza é que tem tomado proporções enormes ; as especies são optimas e tão excellentes, quanto variadas ; os cortadores é que são pessimos, porque sendo brasileiros tratam de desacreditar seu paiz no estrangeiro ; porque conhecem o mal que fazem derribando as arvores fóra das luas proprias, mas deixam-se arrastar pela cega avareza, pelo desejo desenfreado de enriquecer em pouco tempo ! E tão cegos andam que não enxergam que procedendo por semelhante fórma desacreditam-se e desacreditam a exportação provincial.

As falsificações continuadas da herva mate fizeram a infelicidade deste ramo de commercio, a avareza dos cortadores de madeira igualmente consumará o seu descredito. A que fica, pois, reduzida esta provincia sem commercio de exportação ? O que contrabalançará o valor sempre

crescente de sua exportação por cabotagem? Qual será o rendimento de sua alfandega?

Todos os terrenos de serra abaixo marginaes dos rios de categoria superior e inferior destes lugares abundam de preciosas madeiras de construcção naval. Sabe-se que o commercio de madeiras para os mercados do Prata tende, ha tempos a essa parte, a tomar grandes proporções: conseguintemente é a causa primitiva da não interrompida destruição das bellas florestas da provincia, que por si só e sem a minima difficuldade ou vexame podia supprir os armazaes de todos os arsenaes de marinha brasileiros de escolhidas madeiras.

Este commercio destruidor tem tomado tal feição de exageração que, por conveniencia do imperio em geral e da provincia em particular, utilizaria muito que o governo tomasse a energica resolução de prohibi-lo expresamente.

Para maior commodidade dos cortadores tem a devastação florestal sido feita á margem dos rios: se em vez de parar ella proseguir livremente, succederá que em um periodo muito proximo desapparecerá de todo o litoral estas matas virgens, que fazem o orgulho da natureza do Brasil e a admiração do estrangeiro.

Se o governo para o diante carecer de madeiras para supprimento de seus arsenaes, terá de

manda-la cortar nos sertões, onde não existem estradas ; o que não convem que succeda ; porque além da deficiencia de boas estradas para seus transportes, o seu custo, postas na *marinha*, importaria o dobro do seu valor intrinseco. De Dezembro de 1860 a Setembro de 1861 tem-se despachado para as republicas do Prata 9 navios de grande porte.

Ora, se como geralmente propala-se na cidade, as madeiras não fossem cortadas opportunamente chegariamos aos resultados seguintes : ou o seu preço no mercado estrangeiro não daria para cubrir as despezas e então convinha, mercantilmente fallando, abandonar tal genero de exportação, ou se se exportaram em 10 mezes nove carregamentos, é porque ellas na realidade adquirem no mercado a que são destinadas a devida consideração, isto é, um valor superior a todas as despezas e por conseguinte são cortadas nas luas proprias e escolhidas as suas qualidades ; é pois, este boato *adrede* propalado, não tem outro fim senão fazer baixar a pauta semanal da alfandega para que os lucros sejam mais positivos.

Indo carregar os navios ao segundo districto, ou em outros termos de a 12 e 15 leguas maritimas de distancia da alfandega, apparece o grande inconveniente de não dispor ella de meios seguros para a fiscalisação dos interesses da fazenda na-

cional. A que primeiro se deve attender, ao ancoradouro, onde estão os navios a carregar e descarregar, ou visitar diariamente um ponto isolado e tão longinquo?

Cinco são os guardas da alfandega: poder-se-ha com este limitado numero de homens fazer-se uma verdadeira fiscalisação em pontos tão afastados e tão diametralmente oppostos? Ninguem o dirá que sim. Se ao menos houvesse nesse lugar algum registro effectivo por parte da repartição fiscal, bem estava o negocio, mas não o havendo?

Não sendo obrigativo para o capitão na sua volta o descarregar as madeiras para serem verificadas e devidamente classificadas, ainda mesmo que tal mercê fosse outorgada ao inspector da alfandega, não era, segundo pensamos, elle o mais habilitado para semelhante mister; mesmo que a essa vistoria assistisse o capitão do porto. Podendo ser um distincto e bravo marinheiro, queremos crêr que não disponha de mais habilitações do que o inspector da alfandega para conhecer das qualidades das madeiras; já se vê pois que por este lado toda a fiscalisação é materialmente impossivel.

Assim pois, havendo um meio seguro para precaver da fraude os interesses peculiares da nação; porque, além de tudo, o guarda, que acompanha o navio ao segundo districto para assistir ao carregamento, menos ainda que o inspector da alfan-

dega e o capitão do porto lhe fallece todos os conhecimentos praticos para classificar as madeiras e evitar as modificações, forçoso é aceitar, *bona fide*, a factura exhibida pelo capitão ou consignatario do navio e confronta-la com a lista do guarda para verificar se o numero de pés ou as duzias de taboas estão exactas.

Se a inspectoria de alfandega tivesse a faculdade de dispor do prestimo de algum carpinteiro intelligente... não desappareceriam tantos inconvenientes; não seria esse nomeado o homem idoneo para impedir que a fazenda nacional fosse defraudada?

Tornemos ao assumpto: serão as facturas exhibidas verdadeiramente? Quero presumir que sim; porque as firmas commerciaes exportadoras são incapazes de fraude. Dar-se-ha, porém, as mesmas attenuantes quando se trata dos fornecedores de madeira? Não serão os negociantes assim como as autoridades fiscaes illudidos por elles? Inclinamo nos a creditar que sim; e para diante fundamentaremos essa presumpção.

As madeiras de lei no Paraná são conhecidas debaixo de denominações muito diversas das consignadas na circular do ministerio da marinha de 5 de Fevereiro de 1858; e tendo nomes differentes daquellas, cujo corte é expressamente prohibido, não obstante serem as especies as mesmas,

ahi está o caso de serem ellas cortadas e exportadas; ahi está o contrabando realizado com todas as apparencias da legalidade; ahi está finalmente o caso de serem todos desde o capitão do navio até o guarda illudidos sem desejarem sê-lo.

Os fornecedores que de ordinario são homens do mato, tanto como os selvagens conhecem as especies, que no mercado estrangeiro dão muito, por conseguinte com uma mudança de nome *apenas*, abrigam-se á sombra da lei e fazem o contrabando que denominam—*contrabando licito*.

Não pretendemos injuriar a pessoa alguma, não fazemos a mais insignificante allusão; raciocinamos e demonstramos com a pratica *que mesmo ao abrigo da lei ha quem trafique*. Quotidianamente se repetem estes e outros casos identicos; e o unico remedio possivel para afasta-los, é desde já prohibir-se o córte de madeiras, ao menos em quanto o governo geral não mandar uma commissão de profissionaes estudar, classificar, e particularizar cada uma das especies.

Demos a entender que as mesmas madeiras são conhecidas debaixo de denominações differentes segundo as provincias, ou antes os lugares, em que estão collocadas; e não foi sem fundamento que o fizemos: não avançamos nunca uma proposição, que não possamos prova-la; é por este

poderoso motivo que vamos exemplificar: o putumigy do Pará é no Paraná conhecido pelo nome araribá etc. Não seria pois, uma medida muito salutar para todas as provincias do imperio a designação de commissões profissionaes, parciaes ou geraes, para devassar as florestas de seus litoraes, classificar as especies e faze-las conhecidas já pelo seu nome scientifico, já pelos seus innumeros appellidos? Parece-nos que este serviço seria de uma importancia transcendente para as nossas marinhas mercantil e de guerra.

Accresce que, definitivamente prohibido o córte e exportação de madeiros, teria o governo por esta sábia e prudente medida restituido á lavoura centenares de braços, que não se occupam de alguma outra industria.

Os muitos engenhos de serrar, que existem na provincia, transformar-se-hiam em outros tantos de moer canna, de descascar o algodão, debulhar o milho, etc., etc.

Não seria este resultado a realidade da beneficencia para a lavoura da provincia já tão empobrecida?

Teriamos deixado de cumprir o nosso dever se, tratando da diversidade das especies de madeiras de construcção, não as indicasse e levasse por essa fórma a apreciação do respeitavel publico a lista abaixo:

São oriundos dos terrenos elevados a canella, a peroba, oleos, páo do vigario, guarubas, couvis, cedro, araribá, sassafraz, guaraiuvas.

São indigenas das planicies, e guanandy, orucurana e massaranduba.

Pode-se empregar com grande felicidade na construção dos vasos de guerra pela seguinte fórma as especies abaixo:

A canella para braços, cavernas forros, trincheiras, etc.

O araribá para tudo quanto concernir a construcção naval.

A peroba para cavernas, braços, quilha, mastros, vergas, retrancas e costado.

A orucurana e laudio pode-se empregar com felicidade na factura de cavernas, vergas, retrancas, caranguejas e reparos para artilharia.

A massaranduba, guarabás, quararioba, páo do vigario e sassafraz para a construcção de lanchões, escaleres de guerra, trincheiras, reparos, de artilharia, carros de munição, etc.

A esta já tão crescida nomenclatura vão juntar-se mais, o guanandy, carvalho, o arapacu, o páo de arco (ipé) o linho resinoso e o cedro vermelho, cujo emprego na construcção naval varia ao infinito.

Estas especies, cuja utilidade salta aos olhos não estão comprehendidas na especificação das da

circular do ministerio da marinha de 5 de Fevereiro de 1858; não seria conveniente que o governo mandasse estudar desde já por homens profissionaes, e em quanto os não designasse, não seria de grande utilidade impedir a continuação de suas derribadas?

—

Mappa dos edificios da cidade de Curitiba, capital da provincia do Paraná.

N. das ruas.	Nomes das ruas.	Casas promptas.	Ditas principiadas.	Sobrados.
1	Entrada	11	9	2
2	Commercio	9	9	—
3	Flôres.	40	18	5
4	Assembléa	26	9	—
5	Alegre	8	1	—
6	Cadêa.	9	—	—
7	S. Francisco.	8	—	—
8	Rosario	16	2	—
9	Fechada	15	3	—
10	Nogueira.	3	1	—
11	Fogo	32	6	—
12	Direita	22	6	—
13	Carioca	22	9	—
14	Nova do Saldanha	3	16	—
15	Travessa do quartel de policia	—	—	2
16	Dita do Lycêo	—	—	—
17	Dita da rua Fechada . . .	—	—	—
18	Dita da rua da Assembléa. .	—	—	—
19	Dita do Rosario.	1	—	—
27	Dita da Matriz	1	—	—
21	Praça da Matriz.	43	2	—
22	Largo da Ponte.	4	4	—
23	Largo de S. Francisco. . .	5	5	—
24	Largo da rua Fechada. . .	4	—	1
25	Becco do Inferno	—	1	—
	Total. . .	282	101	10

N. B. Ha ainda a travessa da ordem terceira de

S. Francisco, onde só existem muros, cercas e terrenos. Todas as repartições publicas permanecem em casas particulares. No numero dos sobrados vão 7 mirantes. As poucas calçadas das ruas são más; principia-se as substitui-las pelo systema de calçamento de aterro nos centros das ruas. Nos suburbios da cidade existem algumas chacaras, e uma pequena ponto do Belém.

OBSERVAÇÕES.

Rua n. 1. Nesta rua existem o quartel do corpo fixo e o da companhia de cavallaria, sendo aquelle um dos sobrados, em cuja esquina acha-se um lampeão; tambem nota-se o palacio e secretaria do governo e um pequeno sobrado.

Rua n. 2. Nesta rua existem o quartel da policia, 2 fontes e 1 meia-agua.

Rua n. 3. Existem as casas em que acham-se as repartições da policia, que é um sobrado, e das terras e 1 lampeão no hotel.

Rua n. 4. Existem 2 bons estabelecimentos publicos: lycêo e assembléa, tendo aquelle uma soffrivel bibliotheca, a thesouraria e 1 meia-agua.

Rua n. 8. Existe uma casa em ruinas.

Rua n. 9. O theatro particular entra no numero das casas desta rua.

Rua n. 11. Existem o correio geral, e a collectoria.

No numero das casas da rua n. 12 entra o hospital da Misericordia que é propria.

Rua n. 13. Um chafariz em obra.

Travessas n. 15 Estes sobrados são em miniatura.

Travessa n. 16. Existem os alicerces para praça do mercado.

Travessa n. 17 Uma mangueira para recolher animaes.

Travessa n. 18. Os alicerces para a casa da camara.

Travessa n. 19. Uma meia agua.

Praça n. 21. Das casas principiadas uma é sobrado, existe a cadêa que representa por sua vez um sobrado (é edificio publico), tem 2 lampeões e a igreja matriz em obras, porém já decente internamente e com um relogio na torre direita e 1 para-raios.

Largo n. 22. Existem dous muros que formam os limites do leito do rio Ivo, e duas pontes de pranchões e tambem 1 lampeão no hotel.

Largo n. 23. Existem duas igrejas, uma em completo abandono e outra, com o seu para-raios, totalmente arruinado e uma meia-agua.

Largo n. 24. Existe uma igreja toda desmantelada e uma pequena fonte.

Becco n. 25. Ahi se encontra uma meia-agua.

— —

AOS NOSSOS ASSIGNANTES.

A *Bibliotheca Brasileira* termina com este numero o seu primeiro anno de existencia. Para publicações deste genero completar um anno de vida é ter percorrido, neste paiz, um largo periodo. Lisongeamo-nos com este resultado e affaga-nos a esperança de melhor futuro. O favor publico anima-nos a lutar por mais algum tempo com as contrariedades de toda a ordem que costumam assediar emprezas semelhantes.

Não nos constituiremos juiz do merito das obras publicadas. O nosso interesse e o nosso reconhecimento pelos autores que se dignaram responder ao apello que lhes fizemos torna-nos forçosamente parciaes. Temos comtudo a vaidade de suppor que a nossa idéa não foi infructifera, nem o nosso esforço baldado. A litteratura nacional enriqueceu-se com thesouros novos. E se destes nem todos podem as-

pirar á honrosa categoria de obras escoimadas de defeitos, não é menos verdade que as producções offerecidas ao publico pela *Bibliotheca Brasileira* estão em harmonia proporcional com o lento desenvolvimento das letras nacionaes.

Mesmo nas litteraturas mais adiantadas não são communs as boas obras. A humilde *Bibliotheca Brasileira* não aspirava tão pouco á grande honra de constituir-se o repertorio das obras primas. Ella contentou-se, e contenta-se, com abrir ás timidas e modestas revelações do talento nacional o horisonte ainda limitado do seu pequeno numero de leitores.

Comtudo é chegada a occasião de reconhecermos e de confessarmos um erro de circunstancia. Foi uma illusão ou uma irreflexão dar á *Bibliotheca Brasileira* a proporção e as fórmas de que se revestio. A variedade dos paladares resentio-se com razão de certa monotonia que caracterisou, e caracterisa, as obras especiaes cujas tendencias inclinam-se mais á applicação do raciocinio do que á excitação da sensibilidade moral e da imaginação do leitor.

O romance é sem duvida alguma mais do gosto do maior numero, mas é exactamente o genero litterario nacional que mais morosamente se tem desenvolvido. Não era razoavel esperar-se e, muito menos exigir-se que em uma publicação mensal de 150 a 200 paginas correspondesse sempre a cada

numero um tomo de romance. Não somos ainda tão ricos dessa moeda que a possamos baratear.

Para que a idéa não perdesse o cunho que devia ter,força era que producções de outro genero, mais aridas talvez,mas não por isso menos uteis, achassem na *Bibliotheca Brasileira* favoravel acolhimento.

Mas,a experiencia e a observação dessa tendencia do publico não ficará desaproveitada por nós. No intuito de corresponder melhor á confiança e ao auxilio que nos prestou o publico,vamos tentar um melhoramento á custa de um sacrificio.que esperamos seja compensado.

Ampliaremos as proporções da nossa empreza. A' semelhança de outras que podem servir de modelo,vamos abrir um quadro mais vasto,transformando a *Bibliotheca Brasileira* em uma revista mensal cujo horisonte abranja todas as justas e variadas exigencias do gosto publico.

O formato que até aqui usámos será por nós conservado para todas as obras complexas, que pretenderem uma publicação avulsa.

Mas,como era natural, a nova idéa,tinha de vestir uma fórma tambem nova. E desejando quanto em nós caiba melhorar as proprias condições materiaes da nossa empreza temos a esperança de apresentar o primeiro numero da nossa revista em melhor typo e em melhor papel.

Ainda uma consideração. O editor da *Bibliotheca* pôde apreciar por si mesmo quanto foi grata aos assignantes a encetada publicação do bello romance intitulado *Minas de Prata*.

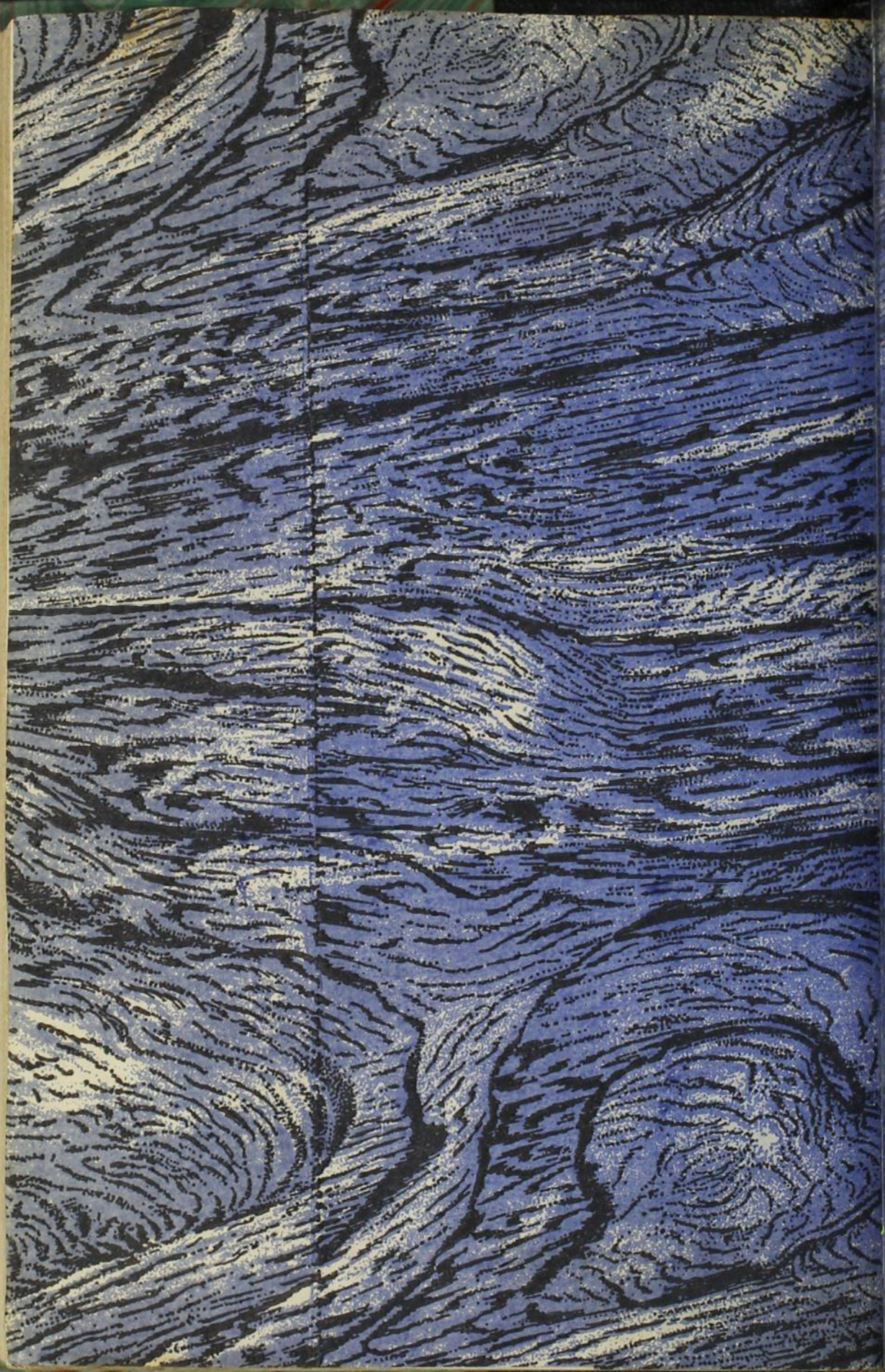
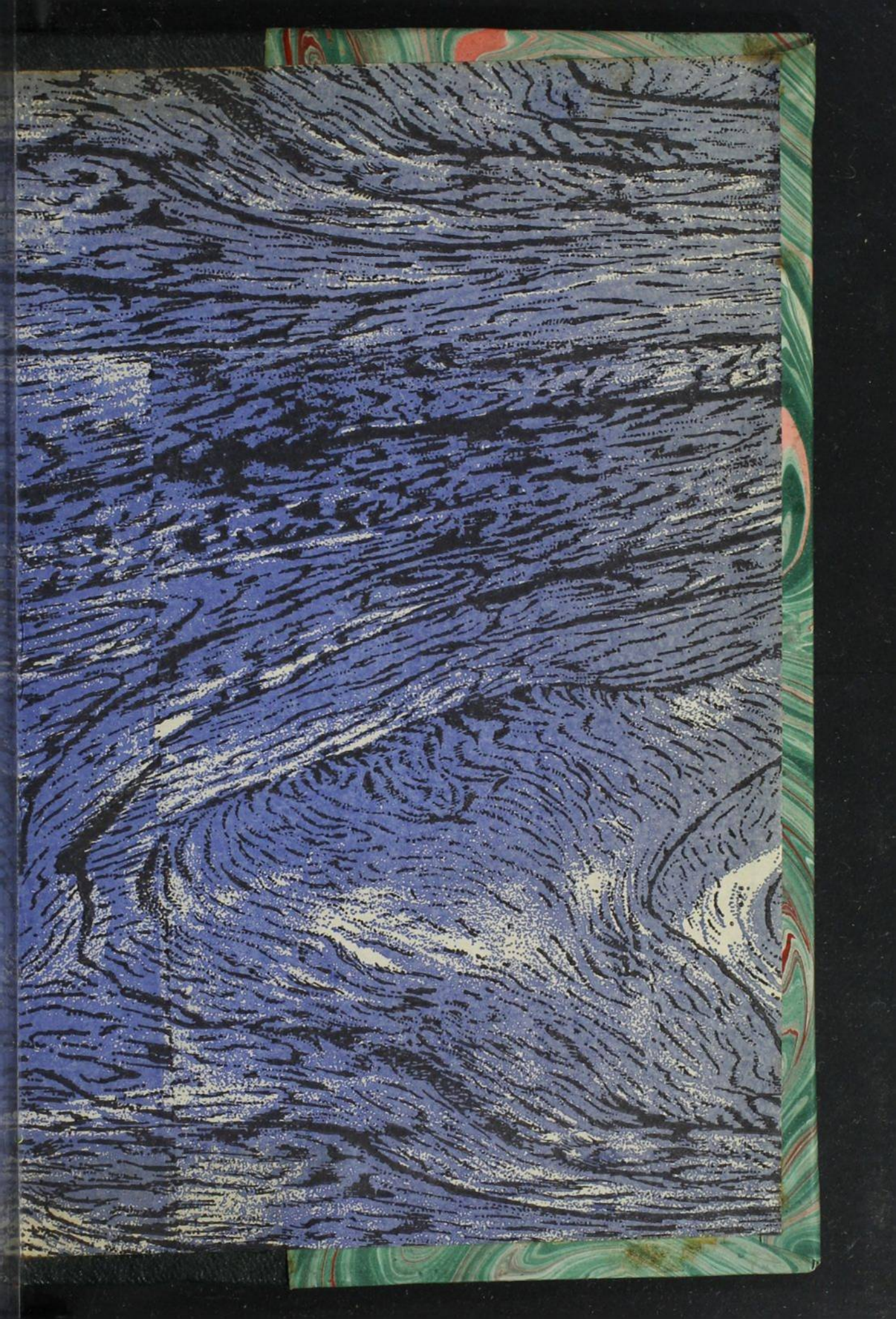
Circumstancias alheias á previsão da empreza fizeram com que dessa interessante obra só vissem a luz os dous primeiros volumes.

A interrupção causou desgosto. Não é impossivel até que houvesse quem emprestasse ao editor da *Bibliotheca* uma intenção menos pura a proposito dessa promessa não realizada.

Pois bem, para corresponder dignamente a uma e outra das duas expectativas, a *Bibliotheca Brasileira* toma aqui o compromisso de satisfazer brevemente os assignantes que se dignarem continuar a auxiliar-nos, publicando os dous volumes que faltam para completar o romance.

Crêmos ingenuamente, talvez, que o editor da *Bibliotheca Brasileira* cumprio o seu dever.

Continue elle a achar no publico o favor com que foi recebido, e a sua idéa progredirá e lançará raizes.

Rio de Janeiro de 1863.

010139